

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Sousândrade  
*Harpas Selvagens*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Sousândrade

## *Harpas Selvagens*

Revisão e atualização ortográfica

**Iba Mendes**

---

Publicado originalmente em 1863.

**Joaquim de Sousa Andrade de Caukazia Perreira  
(1832 – 1902)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 484**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)





## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Sousândrade: “*Harpas Selvagens*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
*iba@ibamendes.com*

# BIOGRAFIA

Durante a 2ª fase romântica, no Brasil, Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, como preferia que fosse chamado, despontou-se como um poeta pouco conhecido entre seus contemporâneos. Segundo Haroldo de Campos, dotado de um estilo irreverente e ousado, o citado autor acentua tal característica por meio, dentre outras coisas, da bizarria de seu próprio nome, que consiste na aglutinação de seu nome de família.

Estudos sobre sua biografia retratam que Sousândrade nasceu na fazenda Nossa Senhora da Vitória, próxima ao rio Pericumã, município de Guimarães, no estado do Maranhão, a nove de julho de 1832, vindo a falecer em São Luiz, a 21 de abril de 1902, levando consigo uma vida repleta de aventuras e de diversas peregrinações por todo o mundo.

Filho de José Joaquim de Sousa Andrade e de Maria Bárbara Cardoso, importantes fazendeiros pertencentes à elite nobre de Alcântara, muito precocemente, o poeta e sua irmã Ana ficaram órfãos de pai e mãe, desencadeando a desestrutura familiar e a ruína da fortuna herdada. Nas palavras de Campos, tais acontecimentos foram explorados anos depois pelo poeta, na obra “O Guesa”, em que é evocada sua infância feliz e exposto todo seu inconformismo provocado pela falência da fazenda Vitória.

A estes dados a respeito de sua vida familiar, tais estudos biográficos revelam a fase errante que marcou a vida de Sousândrade. Campos cita viagens deste poeta pela Europa, Amazonas, Estados Unidos e por vários países da América Latina, destacando que, durante sua permanência no país norte-americano, o poeta maranhense trabalhou incansavelmente partes do longo poema “O Guesa”, cujas primeiras datações remontam o ano de 1858.

Dado seu contato com as mais diversificadas culturas, povos e realidades sociais, Sousândrade vivenciou de forma muito próxima as mazelas humanas e sociais. Campos revela que a experiência deste autor com os diversos estilos de vida, característicos de diferentes povos, contribuiu para acender seu fervoroso espírito abolicionista e republicano, o que é comprovado pela sua atuação como um desprendido cidadão e patriota de seu tempo. Lutou com muita veemência pela abolição da escravatura, pela proclamação da República, pela reforma de desenvolvimento da educação, bem como pela moralização dos costumes.

---

## **Referência bibliográfica:**

Gisele Alves: “Para um glossário neológico da obra “O Guesa”, de Sousândrade: uma proposta”. (Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins). Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

# ÍNDICE

## ESTÂNCIAS

I – DESESPERANÇA.....	1
II – HINO.....	2
III - AO SOL.....	6
IV - <i>TE DEUM LAUDAMUS</i> .....	9
V - A LEGENDA.....	13
VI - A HÉCTICA.....	17
VII - A... ..	20
VIII - VISÕES.....	21
IX - O ROUXINOL.....	25
X - CANÇÃO DE CUSSET.....	27
XI - UM DIA É SEMELHANTE À ETERNIDADE.....	28
XII - MINH'ALMA AQUI! .....	28
XIII - A VIRGENZINHA DAS SERRAS.....	30
XIV - HORA COM VIDA.....	33
XV - VEM, Ó NOITE.....	34
XVI - Á... ..	35
XVII - SONHOS DA MANHÃ.....	36
XVIII - M... ..	39
XIX - POBRE FILHA DA POLÔNIA.....	40
XX - BERÇOS DO AMOR PRIMEIRO.....	40
XXI - O PRÍNCIPE AFRICANO.....	47
XXII - PRIMEIRAS-ÁGUAS.....	52
XXIII - VAMOS JUNTOS! .....	56
XXIV - O INVERNO.....	57
XXV - Á PARTIDA DE UM VELHO ENFERMO.....	61
XXVI - FRAGMENTOS DO MAR.....	62

## NOITES

XXVII - O CIPRESTE.....	92
XXVIII - A VELHICE.....	94
XXIX - A ESCRAVA.....	96
XXX - A MALDIÇÃO DO CATIVO.....	100
XXXI - VISÕES.....	105
XXXII.....	107
XXXIII.....	109
XXXIV - VISÕES.....	111
XXXV - VISÕES.....	120
XXXVI.....	146

## SOLIDÕES

XXXVII - V *** .....	148
XXXVIII - DIA DE NATAL.....	152
XXXIX - A MUSA.....	154
XL - O TRONCO DE PALMEIRA.....	158
XLI.....	159
XLII - O CASAL PATERNO.....	163
XLIII - FRONDOSOS CEDROS D'OUTRORA.....	167
XLIV - MEUS NOVE ANOS N'ALDEIA.....	168
XLV.....	175
XLVI.....	186
<b>ÚLTIMA PÁGINA.....</b>	<b>198</b>

# ESTÂNCIAS

## I - DESESPERANÇA

Ó tarde dos meus dias!  
Ó noite da minha alma!...  
A vida era tão calma  
Aqui na solidão!

o rio, que corrias,  
Tuas águas vão secar...  
A flor no seu murchar  
Que importa a viração?

Ó sol da minha infância,  
Que valem-me os teus raios?  
A lua em seus desmaios  
Um túmulo embranquece.

E tu, que na distância  
Me deste a vida e a dor...  
Eu surto — a esp'rança, o amor  
Meu peito não aquece.

E eu que sonhei tanto!  
E eu que tanto via  
No longe d'algum dia  
A vida aparecer...

No rio do meu pranto  
Meus anos vão passando:  
Assento-me, esperando  
O meu triste morrer.

Assim, rápidas flores  
Donzelas da manhã  
Sem terdes amanhã  
Nas límpidas capelas,

Passais; vão-se os amores  
E o hino da beleza:  
Nem deu-me a natureza

Um dia! assim como elas.

Divago os olhos lentos  
Do plano ao monte, aos céus:  
Eu lá vejo um só Deus,  
Em Deus somente o amor;

Aqui, levam-me os ventos  
Eu, nada tenho sorte!  
No cume eu vejo a morte,  
Nos vales morta a flor.

A mim pranto e saudade,  
A mim fúnebre exílio,  
Cantando umbroso idílio  
Da morte à sombra fria:

Em pálida orfandade  
As dores me acabam  
Misérias me embalam  
Nos berços da agonia.

Adeus... palma, que ouvias  
Minha harpa à sombra tua:  
Tu és a voz que é sua,  
Eu sou tua criação.

Ó tarde dos meus dias!  
Oi noite da minha alma!  
A vida era tão calma  
Em paz na solidão!

Adeus à doce vida,  
Adeus à rosea esp'rança  
E o céu! que era bonança  
Cobrindo o campo e o lar;

Adeus, terra querida!  
Adeus, formosa infante!  
Por li, no mundo errante,  
De novo eu corro o mar.

## II - HINO



Á liberdade os cantos!  
A filha destes céus,  
A filha do meu Deus  
E minha irmã do peito,  
Meus sonhos do meu leito,  
Dos vales minha flor,  
Da vida o meu amor:  
Ó doce liberdade,  
Imagem da verdade  
Dos meus altares santos!

Na tua divindade  
Os astros nos parecem  
Que pelos montes descem;  
O mar sobe o rochedo;  
Os ventos o arvoredado  
Diceras transportar;  
A fonte a suspirar  
Se perde na soidão:  
Quem vibra o coração  
Tu és, ó liberdade!

Ainda na saudade  
Da pátria, na distância  
És tu que dás constância,  
Que fazes tanto amar  
O sol, o campo e o lar!  
O índio prisioneiro  
Não teme o cativo,  
Nem era por ser vivo  
O tímido cativo  
Chorando a liberdade...

Coitada filomela  
Seu canto desfigura  
Tirada da espessura:  
Qual perde o murmúrio  
Mudado o leito o rio:  
Também a cor perderas,  
Em tiras te fizeres...  
E o mar que tens na face,  
Que embebe um sol que nasce,  
Foi só cadente estrela

E o sol que do arvoredo  
Crescia docemente  
Raiando resplandente,  
Por Deus despedaçado  
No espaço foi lançado!  
E o mundo todo eu trevas,  
Confuso o tronco, e as fervas,  
Os mares e o ribeiro  
Em negro paradeiro,  
Caiu monte e penedo!

E quando um astro novo  
Viesse duvidando  
Em vez do sol andando,  
A vaga n'outros climas,  
O céu por outras cimas  
A desdobra? se achara:  
Tremera e se apagara!  
Uns campos e outro monte  
Já fôrma outro horizonte,  
E a língua é d'outro povo...

Virente-áurea bandeira,  
Eu choro assim te olhando  
No ar desenrolando:  
A virgem d'inocente  
Ouviu o homem que mente:  
Enleia-te ao pendão,  
És morto coração:  
A raça está perdida;  
Nem fora denegrada  
Não sendo brasileira...

Dos lábios criadores  
E a frente, ó liberdade,  
Tu foste a claridade  
Que o astro edificou,  
Nossa alma irradiou;  
Á crença tu me elevas  
Na voz do vento e as selvas;  
Me levam nesta vida,  
Qual ave ao céu perdida,  
Os teus, os teus amores!

Bela árvore da glória,  
Teus frutos já penderam,  
Teus filhos já morreram:  
Apenas à tua sombra,  
Tão rota, e qu'inda assombra,  
Á morte se arrastando,  
Teu nome estrebuchando  
Os vejo! indiferentes  
Á terra e o Deus; descrentes  
Rompendo a vil memória...

E d'água ensanguentada  
Nas serras, pelo abismo  
Gemendo ao despotismo,  
Ó vítima piedosa,  
Á voz baça e ruinosa  
Disseste à eternidade  
O adeus! não há verdade,  
Razão, virtude, amor,  
Nos campos não há flor  
Ás mãos da foice afiada.

Ó mãe da humanidade,  
Ó raio de meu Deus,  
Oh! lança-te dos céus,  
Que o gelo se desfaça!  
Teu eco em plena praça  
Desdobre a palma de ouro  
Por entre o verde louro!  
— Ao peso de sua dor  
A força caia, horror!  
Aos pés da liberdade.

Caudal açoita o rio  
O mar, n'alta corrente;  
E o mar, que é mais potente,  
Rugiu — às cabeceiras  
Reflui pelas balseiras:  
Assim quebrem-se os ferros  
Do despotismo d'eros  
Nos infernais altares!  
Repousa nos palmares,  
Ó livre sol d'estio.

### III - AO SOL

Tímida e bela e taciturna virgem  
Pelos campos, na zona solitária,  
Do mar no isolamento, lá do azul  
Banhando a terra de uma lua argêntea,  
Á matinada sobressalta e foge:  
Chama aos seios o manto, os pés retira  
Da terra e voa, descobrindo os bosques  
Que estremecem, do monte a sombra arranca,  
Toma à pressa os vestidos que vão soltos  
E as grinaldas d'estrelas, fugitiva.  
Roda o plaustro de um príncipe, os cavalos  
Vem nevados nos vales do oriente;  
Cobre os ares a poeira do caminho  
Alva como o pó d'água; se arrepiam  
No ninho as aves desatando o bico;  
Brisa fresca e geral passa acordando  
Os vegetais, o oceano; belas nuvens  
De marinho coral, nuvens de pérola  
Como a face de um lago os céus abriram;  
Estende o colo o pássaro cantando  
Por detrás da palmeira, qual pergunta  
Aos pastores, ao gado apascentando  
"Quem faz este rumor?" desliza o orvalho  
Na flor, derrama o vento, o vento leva  
Ondulações d'incenso; a natureza  
Nas barras da manhã respira amores:  
A noiva docemente bocejando  
N'alva da noite da esperança longa  
Embalada nos berços conjugais.

Sol! idéia de meu Deus, me aqueça  
Gelada a fronte pálida, sulcada  
Do ceticismo horrendo; sol, m'inspira  
Um cântico de paz, que a musa afeita  
Neste cantar selvagem, rude, aspérrimo,  
Que o temporal da sorte ao peito ensina,  
Como ao rochedo a vaga, ao monte o raio,  
Como a torrente às sombras da espessura,  
Duro golpe ao carvalho, ave enfezada

Jamais cantou de amor: abriu-me a boca  
Esta sede eternal, que eu mesmo ignoro,  
De um desejar... que seca-me a existência,  
Que minha alma lacera, como ao peso  
D'um *africo samoun* sem fim rolando!

Abre um lado da abóbada celeste,  
Amostra o rosto, só, centóclo e belo,  
Rege de lá seu mundo: apaga os círios  
Do seu altar da noite; arrasta a nuvem  
E embalança nos ares, sombreando  
O vale do pastor e das boninas;  
Encarna de mil cores o arvoredos;  
Pousa um raio na pétala das flores  
Como virgens abrindo alegremente;  
Espalha almo chuvião. Sol! ó sol,  
Deus dos meus olhos, meu caminho franco  
A unidade invisível, me suspende  
Deste lodo da terra onde hei manchado  
A alma de meu Deus! rios, montanhas,  
Levantai minha voz; aves, favônios,  
Não pergunteis que nasce de alegria  
Em vosso seio que vos move os ecos:  
Cantai, cantai de amor, subi louvores,  
Batei as asas, penetrai os ventos:  
É nosso pai! enchendo os nossos campos  
Da terra de mil dons; as nossas veias,  
Como do pensamento Deus nossa alma,  
Banha de sangue e vida. A borboleta  
Sobre as folhas dormindo, a água passando,  
Á beira da corrente, a ti se eleva  
Em turbilhões de luzes centelhando,  
Deslaçando seus vôos, que um raio fura;  
De cada vez que brilha, matizado  
Do pó das asas d'íris; a velhice  
Arrasta a li seus passos; minha vista  
Amo cobrir de lágrimas te olhando,  
Falar contigo, consultar-te o que és:  
Embora a minha voz nos teus fulgores  
Tu percas desdenhoso, e não respondas.

Quantas vezes passava a contemplar-te  
Solitário no mar! sem pai nem mãe,  
Teus raios ensopei com minhas lágrimas,

Que os teus raios secaram: então contigo  
Somente e o mar, meu pensamento errava  
Ante os meus olhos, mas sem ver abertos,  
Nem despertava me roçando a fronte.  
Amigos mendiguei, meu peito aos homens,  
Meus braços, minha fronte, abri minha alma;  
Como os homens vi rindo-me um momento!  
Me odiavam depois, logo amanhã:  
Outros buscava; mas, as mesmas ondas  
Do mesmo oceano mentiroso e amargo;  
Corri terras em fora e passei mares,  
Vi novos climas — sempre os mesmos homens!  
Nem um só... nem um só achei que o nome  
Santo de amigo merecesse ao menos!  
Ah! se um ente nascera, que eu amasse  
Deste amor todo que meu peito espaça!

Sublime erupção, nasceu minha alma!

Desde então, na descrença ressequido  
Murchou, caio meu coração, e os homens,  
Que minh'alma lho rude calcinaram,  
Nunca mais pude amar vou solitário  
Pelas praias sombrias da existência.

Às vezes recostado num penhasco,  
A minha criação faço ideal:  
Formo um coro de virgens de; anos d'ontem  
Nuas e puras; me rodeiam, cantam,  
Eu adormeço... mas, desperto, rujo!  
Tu, deus imóvel, subalterno, seiva,  
Despertador da terra, ergues meus sonhos,  
Material hipérbole dos céus!  
Mentira, ou não sei que vejo em sua frente  
Que não entendo, e me repugna eu fujo  
As minhas solidões, não posso amá-los:  
Ah! se eu pudesse, bem feliz que eu fora!  
— Mesmo de um Deus descri... perdão, Senhor!  
E mirrado na dor, pelos desertos  
Buscava sombra: — as árvores murchavam,  
Desfolhavam! da fronte que eu sostinha  
Descansar pelo colo de seus troncos,  
Tocar meus pés sua leiva! exposto ao clima,  
O sol fendeu-me o dorso, como açoite



Da Providência, e amei p'ra sempre o sol.

Ó tu, dia primeiro, em que no espaço  
A fogueira de ouro o sopro eterno  
Acendeu: quando a terra estremecia  
Em pasmo se revendo, e tudo em vozes  
Naturalmente! Ó tu, dia vindouro,  
Em que a mão, que a ergueu, desça apagá-la —  
Que bela cena! quanto denso fumo  
Não há de se exalar d'entre os seus dedos,  
Da tocha imensa no morrer! quisera  
Sentir ranger meus ossos, perturbar-me  
Nessa emoção de horror! ver-te apagando,  
Qual ver-te ao mundo vindo, eu só quisera  
Esses dois dias vida, entre eles morte.  
Sol esplêndido e belo! deus visível!  
Tu, corpo do meu Deus, queima o meu corpo;  
Vá minh'alma à tua alma, ao Deus somente!

Silêncio. Passa o vento em meus ouvidos,  
“Emudece!” disseram-me: quem foi?...  
Rios, montanhas, íncolas do bosque,  
Cegos nascemos, meus irmãos da morte,  
Sem saber quem nós somos, onde vamos...  
Para cantar?... Cantemos harmonias  
Ao sol que se levanta do arvoredado,  
Lá das terras de além, fruto d'estio:  
Enchamos nossos olhos de seus raios,  
Nosso peito de fé — Deus é mais longe!

#### **IV - TE DEUM LAUDAMUS**

*El ego, et terra, mafeque  
Coelumque, tibi canticum damus!*

Já longe de mim vai comprida a margem  
Da infância feliz: navego ao largo,  
Da barca ao leme; os gonzos ferrugentos  
Rangendo são custosos meneados  
Pelo meu braço que os tufões cansaram.  
Na pesada corrente eu vou descendo,  
A brisa voa fresca, azul o céu;  
Balança, entesa ou bate o pano ebúrneo,  
Conforme a direção; n'alta ribeira

Ondulações sonoras levantando  
Indolente e penosa a vaga adunca  
Arruinada em pedras, na fragura,  
Na costa, no rochedo. Agora eu canto.  
Os rios que deságuam se entorpecem;  
A nuvem desce mais dos céus de seda,  
Vem suspensa escutar-me; acalma o vento,  
Caída vela; fora d'água os peixes  
O dorso ondeiam; mudamente alcione  
Do úmido ninho serpenteia o colo;  
Distante a voz do mar, distantes praias  
Sobre si mesmas desterrando vão-se;  
Aceleradas sombras das palmeiras  
As seguem para o extremo, as cumiadas  
As sombras deitam para trás da serra,  
Que cobriam-lhe o rosto: é amplo o berço!  
Calada a natureza espera em torno  
Minha voz responder. Agora eu canto:

“Meu Senhor Onipotente!  
Minha harpa, as harpas do monte,  
Do rio caudal e a fonte,  
Librada a nuvem nos ares,  
Perante etéreos altares  
Se humilharam. Santo! Santo!

Deus imenso! eterno sopro  
Os lábios teus fecundaram:  
Os céus de soes s'estrelaram,  
Sobre os soes outros céus vão:  
Nasce o mundo, a criação  
Nasce, e canta. Santo! Santo!

Cheio o vácuo, o espaço ondula  
Do infinito; retumbante  
Geme o caos, e palpitante  
Começa brilhar-viver  
Contemplar-se, estremecer;  
Rugir de horror! Santo! Santo!

E nos ventos, e nas ondas,  
No universo equilibrado,  
Harmonioso, animado  
E num átomo da terra,

Numa flor, penedo ou serra  
Teu nome está. Santo! Santo!

Eco infindo envolve o mundo  
Infindo se renovando:  
Ontem vi-me alevantando,  
Hoje me vejo a cantar;  
Amanhã no meu lugar  
Talvez serei... Santo! Santo!

Ande o mar lambendo a areia  
Manso e calmo e deleitoso,  
Ou se estorça proceloso  
Cortado da ventania,  
O mar teu nome dizia,  
Di-lo ainda. Santo! Santo!

Vezes quando o filho ingrato  
Sobre o pó dorme indolente,  
E renegado ou descrente  
Não te vê na doce esp'rança,  
Vingativo e sem bonança  
Deixa os leitões. Santo! Santo!

Erre a lua em brancas noites,  
Doure o sol rubras celagens;  
Estas montanhas selvagens,  
Estas compridas palmeiras  
Cantando pelas ribeiras,  
Dão louvores. Santo! Santo!

Meu Senhor Onipotente!  
Senhor Deus da criação!  
Escuto o meu coração,  
Verguem-se os cumes do céu,  
Queime o raio o azul do véu —  
Repetiram! Santo! Santo!

Santo! Santo! Deus dos astros,  
Que lá no Horeb Adonai,  
O rubo cercar-te vai  
Em flamas de um fogo inalo,  
Camadas de um fumo grato  
Circulando! Santo! Santo!

Me obedeceram: pelos céus um coro  
Vai ondulando d'encantados órgãos —  
A voz dos animais, dos elementos,  
Das plantas o meu cântico entoando.

“Tu, que enriqueces  
Abrahão nos desertos,  
Que livras da infâmia  
Moisés e Jacob;  
Que fazes David  
Sonhar o Messias,  
Que o nome estremece,  
Destrói reis soberbos,  
Suas águas que desce  
Remonta o Jordão,  
Suas altas muralhas  
Desfaz Jericó  
Aos olhos imóveis  
Do sol suspenso  
Nas mãos do Josué —  
Teus filhos encontras  
Na ingratidão!

No paraíso esquecem  
Teu preceito: as feras  
Fraternais, tão mansas,  
Inimigas são;  
Venenoso inseto  
Os consome; os prados  
Murcha como o sol!  
Já cidades vingam,  
Se corrompem, morrem  
Do dilúvio aos pés.  
No céu arco de rosas  
Traçou nova aliança,  
E novas plantas nascem.  
Baltazar soberba

No festim ruidoso  
Lá profana os vasos  
De Jerusalém:  
Da tua mão de fogo  
Pelo muro errante

Daniel amostra  
As impressões fatais  
Ao assombrado conviva:  
Deslocou-se o Eufrates!  
Babilônia pream  
Rubras mãos de Ciro!

Amavas Israel,  
A idolatria a ruína;  
Rainha que levantas,  
Também perdes Judá!...  
— Meu Deus, tão grande que és  
A terra que não sente  
Ignora-te, e sorri!  
— Nos seios te compreendo,  
Tua glória me engrandece,  
Tu és minh'alma, ó Deus!  
Minh'alma um reino teu.”

No firmamento os ares se embalam;  
Removidas as margens se aproximam;  
Salta o peixe no mar, desprende alcione  
Atado o longo bico e já revoa;  
A barca móbil nas argêntas asas  
Pelas correntes líquidas se alegra.

## V - A LEGENDA

“Onde vais? perturbado no semblante,  
Da sombra de ti mesmo perseguido!  
O que entre os dedos te reluz mal preso  
Na mão se enegrecendo, ó desleal?  
Não ouves um gemido lá no monte?  
O Cristo é quem suspira... e porque foges?...”  
Perguntava o plebeu d'asco. O discípulo  
Treme, seus olhos se desconcertaram.  
A exalação de um beijo nos seus lábios  
Inda fazia nuvens: é maldisse  
Abominosa venda... ouro fatal!  
— Lava Pontius suas mãos nas mãos da esposa,  
“Tu disseste que eu sou “dizendo o justo:  
Então ringiu-lhe o coração do crime,  
E de remorsos afrouxando os braços,

O templo ressoou d'argêntas moles  
Os pés rodeando de Caifás: "sanguíneas,  
A córbona as não quer, aos peregrinos  
Sanguíneos campos d'Haceldama compreem."  
— E no outro dia uma árvore encontrou-se  
Estendida no chão, fogo nem tinha,  
E em cinzas desfazia-se fumante!

Gemia o Nazareno ao longo açoite  
Do fariseu. Chorava o caro Pedro  
Quando o galo cantou: negar três vezes  
O rei de Galiléia! — em nardos — triste,  
As oliveiras do horto entristecendo  
E as torvas águas que de ouvi-lo voltam.

O sonho confirmou-se dos profetas:  
O que viste morrendo era o Messias!

Falava Jeremias inspirado —  
Sábias revelações: "Caim primeiro  
Invejou, foi traidor: dinheiros vis  
Do primeiro assassino a terra os veja  
Cometa errante despertando longe,  
Longe, e fazê-la estremecer de assombra  
Cada vez que gemerem malfadadas  
Entroncadas irmãs no cofre impuro;

D'ígneo facho perseguido,  
Abre as mãos o irmão d'Abel,  
Vendidos serão d'escravos  
Tristes filhos d'Israel;

Vendido verão d'infâmia  
Sagrado, puro Messias!  
Muitos soes hão de turbar-se..."  
Porém, calou Jeremias.

Como ao chefe poderoso,  
Fatal à bela Orleans,  
Como ao rude pegureiro,  
Como às rosas cortesãs!

E quantas vezes nas grutas  
Não verás teu coração,



Como do demônio opresso,  
Sacudir-te a vibração?...

Recolhe sobre o teu peito  
Puras virgens argêntas;  
Maculado nunca o ouro  
Fatal a dor do Messias.

Quase ao sol posto, nos lugares santos  
Romeiro velho, entrou, de pó coberto;  
E de fora uma voz se ouviu correndo  
Entre soluços por história longa:  
“Vês, filha minha, aquela cruz pendente?  
Ali gemeu profundo, doce e manso;  
Aqui estas naves assombrosas,  
Açoitado de varas... arrastado...  
Suores rubros derramou Jesus!  
Estas paredes salpicadas, negras,  
Sedenta a terra que pisavam monstros  
Ensanguentou de pranto... e roto o corpo  
De lançadas cruéis... desfalecia  
Da lagrimosa mãe nos castos braços,  
Que a fronte beija que os judeus cuspiram!  
Fugiram seus discípulos; a preço  
Seus vestidos os cães dilaceravam!...  
Ali a fenda pavorosa, escura  
Onde os suplícios uma vez descansam —  
Cálix amargo de azedado fel,  
C’roa tecida d’espinhosa vime...  
Inda este vento que na cruz se enleia  
— Meu Deus! meu Deus! porque me abandonaste? —  
Parece repetir como se o lenho  
Nessa voz eternal fundida fora:  
Dentro ainda de um sol vejo uma fronte,  
E dentro dela uns olhos de piedade!...  
O céu três horas s’envolveu de sombra;  
Do dia a nona o véu do templo rasga,  
Como o raio divide a noite densa,  
E caio trovejando em duas partes;  
Tremeu a terra e se fenderam as pedras!  
Erguem-se os mortos que dormiam, correm  
Novos viventes visitar seus lares!  
Sobre esta rocha deslocada um anjo  
De semblante de luz, de argêntas vestias

Assentou-se, e de um braço tão nevado  
O caminho apontou de Galiléia  
Sorrindo à lamentosa Madalena,  
Que chora de prazer compridos dias,  
Encarnada visão dourando as nuvens...”

la falando como o vento grosso  
Na mata, a filha pela mão, que ouvia  
Movida e terna o compassar profético:  
Na garganta gelou sua voz dorida,  
Choro rouco vertendo: era tão triste,  
Do passo tateando, os olhos cheios,  
Uma entrada por onde ele saísse!  
Os ecos descaíam das ruínas,  
Entre os pés delas repousaram lentos.  
— Santos sepulcros! perenal sossego,  
Misteriosa paz, soidão profunda  
Suspensa em sombras — qual vapor deixando  
Levantar-se a verdade nua e bela!  
Que não em cornos de loquace fama.

Onde vais, pobre donzela?  
“Ah, senhor meu pai morreu!...  
A todos ela abraçava,  
Corria louca e gritava:  
“Vede a luz! a luz é bela...  
Mas a órfã desgraçada  
Hoje só por essa estrada...  
Ah! senhor, meu pai morreu...”

A rouxidão do ocaso apenas dava  
Pelas montanhas da cidade santa:  
E num silêncio pensativo o velho,  
Como o que a noite faz subindo os astros,  
Descansou numa lasca da ruína;  
Lavada do crepúsculo a fronte calva,  
Ermo rochedo que as escumas cercam,  
Nos ombros virginais da filha amada  
Um pouco recostando adormecia...  
E meiga infante com seus dedos róseos  
Das faces lhe tirava os regos d’água.  
— Da noite a brisa se alevanta e verte  
Das suas asas em torno dela o sono:  
Coros celestiais cantando ouvia

Em seráfica voz num sonho vago,  
Quando ao seu grito despertou: d'aurora  
Inundada — e seu pai buscava em vão!

Inda alguns dias, nessas mesmas horas,  
O clarão boreal se apresentava;  
Formado a pouco e pouco, e se extinguindo  
Tão docemente. Nem notícias houve  
Mais da pobre filhinha que o guiava.

## VI - A HÉCTICA

*De amor e gozo, ela vai morrer;  
apenas a laranjeira da vida começava  
abrir-lhe a vigésima-nona flor: suas  
folhas crestaram no viço, a seiva não  
circula mais... mulher!*

Nascer ontem, morrer amanhã,  
Um só dia na vida existir,  
Hoje só! como a flor da romã,  
Ver sua pétala rubra cair:

Mariposa das noites mimosa,  
Vendo a aurora na bela candeia,  
Sobressalta ao nascer, e amorosa  
Seu encanto sua morte incendeia:

Alvo pó de suas asas trementes,  
Todo o corpo em amor desfazendo;  
Olhos grandes de Vênus umentes  
Inda belos de morte languendo,

Inda amores pedindo famintos  
No pesado levar derradeiro  
Ou caindo, qual lâmpada extintos  
Se envolvendo no crepe agoureiro:  
Mulher! tu não vieste sobre a terra  
Para a impura existência: nessa idade  
D'infantes anos, folha tenra e verde  
Lançada pelo vento sobre o túmulo,  
Contraída e mirrada. Ignorante,  
Que de ti tu não sabes:... Providência!

Que ao menos morres sem sabê-lo ainda.  
Sôfrega, acesa, devorando amores  
Sem temperança, num só golpe o cálix,  
Derramando d'excesso e de ofegante,  
Acabaste-o, caíste embriagada,  
Voluptuosa; num suspiro longo  
O veneno tomou-te. E tu nem pensas  
Porque medrosa e trêmula palpitas;  
Porque batem tuas fontes, fugitiva,  
Inconstante te abraças toda inquieta  
Céus frios braços de marfim; é as trancas  
Desdobradas penduram-se em teu corpo:  
Anelante, frenética, demente  
De um gozar... que não há nem é da terra:  
Fusão terrível do inferno e o céu!  
Secos lábios em fogo e os olhos úmidos  
Lampejando fugaces... E eu maldigo  
De minha vez o amor! o amor, que é vida.  
Mulher, anjo celeste que minha alma  
Toda abranges n um riso, ó meus amores!  
Não tu, que me ouves: eu te choro, sim,  
Com piedade sincera e dor que sangra;  
Mas sobre os teus meus lábios nem meu peito  
Não se alimentam, não: mulher sem mancha,  
Bela e simples, mulher como eu compreendo,  
Anjo, irmã, doce esposa e mãe do homem,  
Seu amor e ideal, com essa eu falo.  
Ó desespero, ó fado! e sempre, e sempre  
Nessa queda abismosa! lindo fruto  
Da manhã suspenso à flórea coma  
Que a borrasca fatal, que a mente acende,  
Agita e lança ao pó: cobre-o a poeira,  
Pasto dos bichos, apodrece e acaba!  
E o mundo todo escarnecendo dela,  
Sua vítima, se o brilho a cor apaga  
E as faces murcham. Então passa mendiga;  
E os homens que de amor ontem nutrira,  
Que em seus lábios arderam, desdenhosos  
Cospem-lhe a frente! e na miséria some.  
Amor material d'imundas vítimas,  
Nada tens de comum com os meus amores!

Ó sorte da mulher, destino horrendo  
Se apascentando em casta virgindade,

Tigre tão farto! e descansar nem sabe  
Do cândido rebanho todo avaro  
Matar — somente o sangue bebe e a boca  
Ama eterna em cruor banhada, e dorme!  
Sem vida o coração, pisado o corpo,  
Árido e vil bagaço agora o deixa  
Sobre os campos aos corvos, à imundícia.  
Ó sorte da mulher! Anjo coitado,  
Sem asas, sem voar... quem fez-te assim?

É tua vida somente o despontar,  
Quando longe do amor o peito dorme  
D'ecos vazio do estrondar das veias,  
Que vão sombrias, e os sentidos livres  
Inocente se expandem, como esta árvore!  
Na face o fresco virginal, e os olhos  
Cheios de humor de luz; é flor abrindo  
Toda perfumes, nitidez e cores,  
Que os insetos rodeiam — não na toquem!  
Toda doçura e mansidão, agora  
Toda selvagem, d'infantis cruezas,  
D'inconstância infantil; ora piedosa,  
Toda um riso e brincar, toda esquivança,  
Vergôntea ao vento, singeleza toda —  
Foi sua vida em botão. E o vento sopra:  
E mais forte a vergôntea já resiste,  
Para o breve estalar... e sopra o vento:  
E já n'alma lhe anseia amor; seus olhos,  
Seu coração, suas veias, todo o corpo  
Emboborado em amor, o cálix pende,  
A flor abre — ai, coitada, o fim 'stá próximo,  
As folhas pelo chão vão-se perder  
— Se queres ser feliz, amor não queiras:  
Mas onde há vida quando amor não ha?  
Antes a morte — ou ama eternamente,  
E nem te iludas porque não viveste...  
A vida toda está no fugir dela.

E o homem ruge contra ti d'impura,  
Nojosa, imunda criação da terra,  
Tu, fraco, sedutor, monstro falaz,  
Porque de joelhos lhe beijaste os pés?  
Donde veio-te a fala tão sonora,  
Que em balido amoroso a ovelha arrasta,

Branca, indecisa da existência ao túmulo?  
Donde veio-te o pranto, mentiroso?...  
E a pobre crente, que tu dizes, finges  
Ela o teu deus que teus desígnios rege,  
Arrancou-te da morte, e triunfante,  
Em seus delírios natural perdida,  
Geme em teus braços... Pálida desperta,  
Solitária se achou! espalha a vista  
De si em torno, em solidões vazias,  
E rompe fundos ais! ninguém a entende.  
Baço medo escorreu-se-lhe no corpo;  
Vestiu-se de mortalha, à terra, e só!  
Longos adeuses, porém tarde, expira.  
E o homem? como ave ensanguentada  
Da rapina noturna alça o seu canto,  
Nem olha para trás fugindo — a infame.  
Oh! não te rias da pobreza sua:  
Fraca e amante, que grandezas d'alma  
Humana e franca! Bruto, que a calcaste  
Às plantas vis, demônio dos infernos!

*Lisboa*

## VII - A...

Tu não és como a árabe infante  
Encantada no branco corcel  
Nos desertos d'areia brilhante,  
Áurea adaga no cinto de anel,  
Ou na doce cabilda — ondulante  
Nos amores de louro donzel;

Nos floridos quiosques saltando,  
Ou n'ogiva fumosa a dormir,  
Cousas d'Ásia amorosa sonhando,  
Que sonhadas se fazem sentir:  
Tu não és como a árabe — amando  
Tens no rosto mais santo sorrir!  
Nem semelha-te a rútila estrela,  
Nem as ondas douradas do mar,  
Nem a flor mais esplendida e bela;  
Terra e céu não te sabe imitar:  
Brilha uns olhos de bronze a donzela,  
Docemente te vejo a me olhar.



VIII - VISÕES

*Qui, mademoiselle, adieu.  
adieu pour toujours.*

Sim, donzela, te amei, vítima pobre  
Dos caprichos do homem vão do mundo:  
Minha fala escutaste, a voz sonora  
Dos lábios teus brandiu lá na minha alma,  
Tanto dentro a calar e tão suave...  
Mas, um momento: esvaecia aragem  
Pelos sinos da torre que dormiam,  
E passou. Indeciso inda o silêncio  
Eslava e belo, quando estala o raio:  
Cândidos seios virginais tremeram,  
Sensitiva mimosa se fechava:  
Formosa luz do sol se esverdeando  
Por frescos ramos de frondoso estio,  
Que a nuvem tolda, que o tufão desloca.  
— Uns olhos infernais, blasfêmia a boca  
Latiu danosa contra ti, ó deuses!  
Nem tu mesma o sabias, d'inocente  
E descuidada amando, os sentimentos  
De flores pela morte assim te davam.  
Fizeram-te saber que era de amores  
Que vermelha te vias, tão vaidosa,  
O pensamento meu, no fundo espelho  
A radiar de formosura e encanto  
Passando, te enlevando, ora assaltada  
Quando o sangue alterado refluía  
Envenenado ao coração: me vendo,  
Que tu amavas para sempre o creste.  
Eras como avezinha que às primeiras  
Ondas do sol sacode e estende as asas.  
Ah, que o mesmo nascer dessa manhã  
Foi pôr do sol do amor, ambos morremos!  
Já foges diante mim, teus olhos belos  
Sobre os meus, vergonhosos já se apagam  
Em mudo prantear do que passou-se.

Sua cabeça me encostou no peito  
Namorado, sua nuvem de cabelos

D'ambrosiadas noites na montanha  
Despejou nestes ombros longos crespos!  
Cheirosa e pura, como os lírios são  
No vaporoso e cândido crepúsculo  
Do luar da lua — respirei, por nuvens,  
O corpo seu de vaga suspirando.  
Eu vi fundido um século numa hora!  
E hoje as horas seculares sinto  
Se desencadeando dos meus dias...

Soluçaste, ovelhinha mansa, ouvindo  
O tronco de que és fruto à ventania  
Rugir horrendo e mau: “amores vis,  
Amor de poeta nos teus seios, louca!  
Vaga criança, ou foge a lira torpe,  
Ou de teu pai e a corte abandonada...  
E os teus paços doirados, e esse mundo  
Que luminoso te rodeia? oh, crime!  
A filha da riqueza amando o artista  
Que vive d'ilusões! sonhar, que vale?  
Seus cofres de papel somente aos vermes  
Estão cheios, bem como os raios vergam  
De seus armários de volumes áridos  
Dos outros seus irmãos, que assim viveram.  
Raça de loucos, pobres e orgulhosos,  
Formando uma família e sós se amando,  
Porque só uma sorte é para todos  
Em todo o tempo; voam pelas nuvens,  
Leves como elas: nós de ouro brilhantes,  
Equilíbrio da terra, o céu gozamos!...”

Porém, tu, inocente, sim, perdoa:  
Lancei ódio a teu pai; quis dentro em mim  
Romper as leis da natureza, odiando-te!  
Á voz do pensamento eu vi minh'alma  
Cair de horror! morrendo nos meus pés!  
Eu pisei-a! e sorri-me, de tão fraca...  
Ai tu, que me fizeste? amar somente,  
E o homem ingrato te maldisse, anjo!

E hoje, enraivecido, hoje eu te deixo:  
Odeio o mundo, és dele. Dá perdão,  
Perdão... ó virgem! se me amaste um dia,  
E s'inda o podes: não porque eu mereça:

Por minha imagem não manchar teu peito:  
Tão puro como o achei respire eterno.

Também não sei... não quero ver-te, e morro  
Se penso que esse amor desses treze anos  
Que primeiro por mim saiu-te n'alma  
Como o sol no oriente que esperasse  
Somente por seu dia inda nas trevas,  
Para à voz do Senhor apresentar-se,  
Tão de ontem faleça a luz das alvas!  
Minha flor que eu plantei! Orvalho dela,  
Zéfiro dela fui... quem que arrancou-te  
Da terra própria, para transplantada  
N'outro clima te dar, onde lá cresças,  
E já planta mais fraca e triste e pálida?  
Ah! com que viço o teu amor vingava!  
Ah! se somente a mim, donzela, amasses,  
Como feliz tu foras, ensopando  
Num só amor lua alma!... Tu, sem crença,  
ímpio, assassino, homem, que eu mordera  
Teu sangue! mas, respeito: dele corre  
Seiva de flor: a veia torna límpida  
Álveo puro. Cobarde eu fui, ó meiga,  
Pelo mundo fugir, dar-te o desprezo!  
— O Luso como é belo ao deus da sorte  
Vida, amor exalando! o Tasso amante,  
Vítima assim, os dias seus prolonga  
Num túmulo que os ecos lhe esfriavam  
Dos ais doridos, de um ou dois seus passos  
Na terra entrando: Josafá piedoso,  
Teu pranto vai morrer no lago impuro,  
Estéril às cidades, e o Sorrento  
Mesmo, viste o Sorrento como as cinzas  
Das prostitutas que cercavam o Asfaltito!  
E o cantor de Marília, quando os campos  
Suas ervas estremecem de escutá-lo  
Em tão saudoso adeus lá se ausentando,  
Branco touro amoroso das pastagens  
Mugindo aos montes, arrastado o levam  
Pelas torpes correntes da política  
Gemer em negros climas! Inda amam  
Todos eles morrendo: eu já não te amo —  
Eu que te amava, e não co'amor de lábios:  
Com amor d'alma, em que eu amo angustiar-me,

Em contrações de morte me exaurindo;  
Essa paixão de fúria ardente, horrível,  
Que soe peito de poeta arder sem fim!

Dar-te ao mundo, sua filha, por no mundo  
Esmagar-te infeliz, zombar de ti!  
Não sabes, atro cão, que a branca virgem  
D'homem carece para amá-la, e amante  
Doces harpas lhe afine, onde ela passe  
Viva e mimosa à idade que não morre?...  
Gasta o ouro a mão d'homem, o tempo o mármore  
Faz cair das cidades, podres frutos,  
Vão-se com o tempo os deuses; mas a lira,  
O séc'lo, as gerações passando ouviram  
Á eternidade, e o tempo asas nem corta.  
E ver não temes da inocência os dias,  
Longo viver, finados tristemente,  
Escorrendo das mãos de vil matéria,  
Quantas vezes no vício mergulhadas?

Oh! tu, porque me amaste? e os nobres tantos,  
Que te incensam de roda, não basta vão?  
Para que me quiseste, eu longe andando?  
Foges deles para mim... Não: emudece  
Á pobreza, ao candor: também no bosque  
Deixa a selva frondosa ingênua pomba,  
Vai no pálido e fraco e humilde ramo  
Recostar-se e gemer — assim no peito  
Sonoro é livre, de singela, a virgem  
Ama abrigar-se e suspirar, morrer.

Que longos dias, dos tão curtos, poucos  
Dias que eu tenho a percorrer ligeiro  
As campinas da vida, eu hei perdido  
Em tua adoração, penosos, tristes!  
Arreponder-me... não, que esta existência  
Toda minha não vale um teu semblante,  
Um teu rápido olhar. Quanto me custa  
A tua ausência sopesar ainda!  
Amo ao longe te ver; roçar os muros  
Que habitas; 'stremecer julgando ouvir-te;  
Nutrir-me de ilusões, de que me nutro,  
Cantando nas soidões da minha vida,  
Em úmidos suspiros meus amores

Expirando em teu peito; esta saudade  
Que deixaste embalando-me nas lágrimas...

Eu sou ditoso de perder-te! adeus...  
Adeus! perdoa, se inda o podes, virgem!

### IX - O ROUXINOL

Rouxinol, o que procuras  
Por entre o verde murtinho,  
Por entre a grama cheirosa,  
Por entre as moitas da rosa:  
Procuras acaso o ninho  
Que a torrente deslocou?

Teu amor inda dormia  
Na ramagem do espinheiro  
Dando à prole almo calor:  
E vais perguntando à flor,  
Como às águas do ribeiro,  
Quem teu ninho te levou.

Teu só possuir no mundo,  
Doces filhos, doce amor,  
Tudo, tudo te acabaram...  
Ai, porque não te mataram  
Essa torrente de horror  
E os gritos do vendaval!

Ora somes na toiceira,  
Ora na pedra musgosa  
E pelas fendas da terra,  
Como quem se desenterra;  
Levantas na voz queixosa  
Teu canto, que diz teu mal.

Denegre a terra tuas penas,  
Rompe tuas penas o espinho  
Não sentes? e vais cantando,  
Teus amores demandando,  
Embora perdido o ninho  
Cheio de frutos de amor.

Vês o sol como refulge  
Depois que a chuva estiou,  
Refletindo sobre o orvalho  
Pelas folhas do carvalho?  
Nunca o sol não rutilou,  
Quando o peito anseia a dor.

Os pimpolhos resplandecem,  
Perfuma a brisa o jasmim:  
Nada sentes, filomela,  
Que no mundo sem tua bela,  
O mundo ledo carmim,  
São trevas nos olhos teus.

Sobre a margem do ribeiro,  
Túmido e torvo correndo,  
Triste e muda a terna amante,  
Desplumada e delirante,  
De tempo em tempo gemendo  
Acaba os instantes seus.

Ei-la junto de seus filhos,  
Ambos mortos! roto o ninho  
Rouxinol, pára o teu canto,  
Respeita seu mudo pranto,  
Nas coifas do rosmaninho  
Vai solitário chorar.

Ela não te ouve, não te olha,  
Toda na prole sem vida!  
Eles morreram da sorte;  
A mãe lhes dará sua morte;  
E tu à amante querida:  
A todos vejo acabar!

Tu, amor, que cegas o homem,  
Dás mortes mil à mulher;  
Tu, que eu te chamo deus;  
Tu, que dimanás dos céus,  
Porque não fazes morrer  
A mim que tudo perdi?

#### **X - CANÇÃO DE CUSSET**

Se fosses, moreninha, sempre bela,  
Tão bela como és hoje nesta idade,  
Eu fora exp'rimentar se amor perdura,  
Te amando muito.

Eu sei que amor existe Enquanto brilha  
A flor da mocidade resplandente;  
Porém, que logo morre, quando os anos  
A vão murchando.

O sonho que de noite nos embala  
Em vagas estranhezas não sonhadas,  
Apaga-se com o sol — rompendo as nuvens,  
Ele é qual é:

Não sabes, moreninha, que os amores  
São astros deste céu do nosso tempo?  
É noite que, passando, além d'aurora  
Deixa a lembrança?

Não quero pois amar, sentir não quero  
A dor que sempre dói, que sempre dura  
Daquilo que passou tão docemente  
E tão de pressa!

Eu tenho inda saudades dos brinquedos  
Dos tempos festivos da minha infância,  
Dos beijos que bebi da mãe querida  
E a benção de meu pai;

Eu tenho inda saudades da donzela,  
A quem dei meu amor, o amor primeiro!  
E ela ao romper d'anos tão queimada  
Nessa paixão!

Os lares paternais, meu berço amado,  
Com quem no bosque andava os companheiros,  
Amigos que eu perdi... basta p'ra a vida  
Levar-me ao fim.

*Vichy*

## **XI - UM DIA É SEMELHANTE À ETERNIDADE**

Nasce a menina, e suspensa  
Como um fruto matinal  
Dorme nos seios da mãe,  
Bela serpente do mal.

Já desperta no outro dia,  
Branca rosa abrindo amor,  
Se cobre de pejo e graças,  
Como os mistérios da flor.

E foi virgem só num dia,  
E no outro dia é donzela,  
Esposa e mãe já mais tarde  
Também cria a prole bela.

Quando não foi prostituta  
E n'alva a estrela apagou,  
Nem foi a fria velhice  
Que sob os pés a calçou...

Quando no crime e nos vícios  
Não afoga o coração,  
Quando maldita não some  
Debaixo da perdição.

E é sempre a mesma cena  
Que repete, ilude o mundo,  
Como a página dos anos,  
Como o sol no céu profundo.

## **XII - MINH'ALMA AQUI!**

Eis o céu todo estrelado.  
Eis as campinas do prado,  
Eis o monte cultivado  
Que tantos anos não vi!

Andei por terras estranhas,  
Entre amor, bélicas sanhas,  
Grandezas eu vi tamanhas!



E sempre minh'alma aqui!

Pela cândida capela  
Do vale, sonora e bela,  
Onde o pastor, a donzela  
Salvas cantão do Senhor;

Pela campestre harmonia,  
Por esta vaga poesia,  
Pela inata simpatia  
Da natureza do amor;

Por este bosque de flores  
Entreluzindo em verdores,  
No país dos arredores  
Ondeando o plano e o monte;

Por minha terra palmosa  
Á tarde, enferma e saudosa,  
Quando manada formosa  
Varia as margens da fonte;

Pela rústica choupana  
Do lavrador, da silvana,  
Da coberta americana  
Erguendo espiral o fumo,

Qual no horizonte do mar  
Branca vela a balançar,  
A luz d'aurora a cortar  
Sereno, transverso rumo:

Esqueço o mármore lavrado  
Nas cidades levantado,  
Como figuras do fado  
Por nuvens metendo a coma;

Esqueço o céu sobre a terra;  
Doirado gelo na serra,  
As torres que desenterra  
Sagrada, ruinosa Roma!

*Maranhão*

### XIII - A VIRGENZINHA DAS SERRAS

Vês, ó mãe, que vão dizendo,  
Toda a gente do arrabalde?  
Que eu amo, porém de balde,  
Que o meu amor vai-se embora,  
Que na lira se evapora  
Tanto amor que ele me tem...

Ele deu-me um beijo, ardente!  
Tão doce como a sua fala,  
Que de sua boca se exala  
Como o perfume da flor;  
Mas... foi um beijo de amor,  
Que ainda me queima o rosto.

Meu coração estremece,  
Minh'alma foge de mim:  
Eu nunca senti assim  
O correr da minha vida...  
A paz da infância é perdida,  
Minha mãe, eu vou morrer.

Eu agora o compreendo:  
Ele chamou-me infeliz,  
Nem mais afagar-me quis,  
Nojento da sorte sua:  
Hoje bela como a lua.  
Para enoitar a manhã.

Ele chorou uma lágrima  
Na minha face, coitado!  
Era tão triste e mudado...  
Meu Deus! me vendo, dizia,  
E eu de ouvi-lo tremia  
Sem saber o que ora entendo:

“Sentir amor nessa idade,  
“Nesses treze anos de flor,  
“Qual manhã tinta de cor,  
“Que logo se esvai no dia...  
“Como a tua sorte, Maria,

“Começa-te hoje enganar!

“Tu sabes? eu vou partir...  
“Quem dera que eu não partisse!  
“Sempre comigo te visse  
“Em vida eterna de amar!  
“Adeus, Maria, chorar  
“Seja sempre a nossa vida.”

Meu senhor! porque me olhaste?  
Porque me ensinaste amar?  
E tu vais correr o mar  
E, talvez! queimar por hi  
Teus olhos que sobre mi  
De amorosos se extinguíam.

Que queres do mundo? e sabes  
Onde vais? o que procuras  
Nessa sede de loucuras?  
Oh, não vás... fica comigo...  
Por estes vales te sigo  
Das minhas serras de Cintra.

Irei de rubra saloia  
Plantar a terra lavrada,  
E debaixo da ramada  
Na calma te acolherei:  
Teus suspiros beberei,  
Na serra gemendo as águas.

Me vestirei como as flores...  
Para a lira te enflorar,  
Só por mim doce a tocar!  
Humilde no teu mandado,  
Pastora de nosso gado,  
Eu serei, oh! tua escrava.

E uma escrava te não! basta  
E uns amores de treze anos?  
Pelos céus americanos  
De Cintra a filha não queres...  
Tu choras... não tem poderes  
Os olhos que a pátria choram.

Eu te sigo... Queres livre  
Ter no mundo o coração.  
Uma cativa é prisão?  
E só maldizes tua sorte,  
E só me falas de morte:  
Saberei te consolar.

— És selvagem dos teus bosques,  
Dos teus climas do equador:  
Solta a vida, solto o amor  
Ao falar da natureza;  
Tu amas pela aspereza  
Resvalar teu pensamento.

Terás, ó vento da selva,  
Terás, ó voz natural,  
Com o meu amor virginal  
O teu ser livre senhor...  
Porém, chorando? sua dor,  
Beijou-me... não sei... voou!

Sonhos mãos eu vi de noite,  
Com rios d'água sonhei!  
Meu choro, ó mãe, verterei,  
E como as ondas andando  
Tristemente e soluçando  
Vou morrer também no mar.

Minha, infância perturbaram:  
Com minha mãe sossegada;  
Me deixaram desgraçada,  
Que docemente eu vivia...  
Era a noite! irmã do dia:  
Meu amor tudo acabou!

Meu amor foi só d'uma hora,  
Foi como o lírio sorrindo:  
Sentia minh'alma abrindo  
Qual filha do sol num raio!  
Porém murcha já desmaio  
Nos seios de minha mãe.

*Cintra*

#### XIV - HORA COM VIDA

Eu contemplava o céu no pôr do sol,  
Olhando para o sul. Ana comigo,  
Depois de toda a tarde em nossos brincos,  
No cair do crepúsculo assentou-se  
Nos meus joelhos, pensativa olhando;  
E depois nos meus ombros por dormir  
Deixou pender sua fronte sonolenta,  
Como essas flores de alegria, como  
A rosa branca matutina, infante  
Bela entristece no fechar da noite.  
Dorme, flor da manhã, sono sem sonhos  
Na árvore do amor, pomba celeste  
Que adormeceu na terra, sê meu zéfiro  
Com teu alento virginal: teus seios  
Como nos seios de tua mãe eu sinto.

Como etéreo rochedo, negra nuvem  
Começou a crescer; atrás se abriam  
Relâmpagos, relâmpagos, que fendem  
Como o fogo da casa dos pastores  
Entre a parede rústica acendendo.  
A noite desentrança-se em desordem  
Por toda a terra; os ventos furiosos  
Soltaram-se acocando a chuva adiante;  
O bosque estronda, como em desfilada  
Mil cavaleiros nos despenhadeiros;  
O mar repete o céu; perto o trovão,  
Qual sobre nós rolando pelos tetos,  
Pesado brama, e sob a terra o sinto  
Os meus pés levantar, qual de medrosa  
Refletindo sua voz que cai dos ares,  
E o mar debaixo arremessando os uivos!  
Os raios despejavam-se em distância  
Sobre uma torre negra: e o bronze rompem,  
Todo o templo arruinam, como os anjos  
Do fogo, que o Senhor aqui mandasse  
Destruir seus altares profanados.  
Mas, passou. Branquearam mansamente  
As estreladas ondas, morre o vento,  
Espalha-se o luar pela montanha,  
A limpidez do céu brilha a torrente  
Para os vales sonoros, e eu desperto

Como de um sonho matizado d'êxtases.  
Corri a minha mão no corpo d'Ana:  
Qual num raio do sol mimosa pomba  
Arrepi o pescoço, estende as asas  
Em sensações gostosas, se encolhendo,  
Me apertando com os braços longos, brancos,  
Estremece, e tão plácida ondulava!  
No manto meu agasalhada, úmido  
Pelas rajadas que de um lado entravam.

Eis uma hora da vida que me encanta.  
Ah, que um' hora eu vivi nesta existência!  
— Meus sentidos, minha alma à tempestade  
Horrível, bela; e sobre o coração  
Um anjo virginal, uma criança.  
— Ela depois falou-me dos trovões,  
Que vendo-me tão quieto não temia  
Dormindo; e deu-me um beijo, e pela mão  
Leva-me junto de sua mãe rezando.

## XV - VEM, Ó NOITE

*Já partem do ocaso as sombras primogênicas da noite:  
já imagens de amor diante mim revoam, nascem à meus lado,  
chamam-me — e eu estremeço!*

Vem, ó noite esperançosa,  
Sobre a montanha descer,  
Nas asas sombrias, longas,  
Tantos crimes esconder.

Lá fuma a linda cabana  
Onde irei morrer de amores.  
Vem, ó noite, me arrebatá  
Para a filha dos pastores.

Com teus mádidos alentos,  
Varrendo a flor e os perfumes,  
Amorna o fogo embalado  
Pelo aquilão dos ciúmes.

Fujo a Deus, que me condena,  
Foge a filha ao velho par —

Para amor! oh, vem, ó noite,  
Tantos crimes ocultar.

*Autcuil*

### **XVI - Á...**

*Também por entre os cardos abre a rosa.*

Amor! amor! na mangueira  
Já cantaram os passarinhos:  
Acorda, ó linda, no monte  
Vamos ver nascer o alvor:  
Mesmo assim desentrançada  
Vem, não tardes, meu amor!

À frescura repousemos  
Do boninoso pomar,  
Meigas auras, meiga flor  
Contemplando, ó doce amor!

A borboleta respira  
E deslaca ébrios revôos,  
Como a folha solta ao ar:  
Mas às correntes do olor  
Não, não anda, ó virgenzinha,  
Louca, louca vai de amor.

Prateado rompe o lírio  
Nevinidentes casulos,  
Roda dele o beija-flor  
Ilude-se vendo amor.

A laranjeira oferece  
Lindo adorno à linda noiva...  
Matiza os verdes raminhos  
De cintilante candor:  
E belo o pomar! mais graças  
Vejo nele ao ver-te, amor!

Já se douram teus cabelos,  
Dourou-se toda a manhã,  
Teus olhos dão mais fulgor  
Não fujas... ó doce amor!

Foi o sol como é formoso,  
Leda barca em mar de azul —  
Fazes do mundo um primor!  
E mais que o mundo o teu rosto  
D'ebúrneo-róseo palor:  
Por ele que tudo alegre,  
Por ele rujo de amor.

Sobre nós verga a ramagem  
O murmuroso espinheiro  
Simbolizando o pudor:  
Ó virgenzinha os espinhos  
Nascem mais onde há mais flor:  
Pudibunda e rigorosa  
Também me foges, amor.

Tens medo que o sol te veja?  
Deste zéfiro em tuas trancas?  
Tens medo que o saiba a flor  
Que tens nos olhos amor?

Coitadinha, anjo inocente!  
As asas de musa temes  
Manchar da manhã na cor  
Do primeiro sol da vida!  
E delirante em rubor  
Ao seio as fechas, nem sabes!  
Plantando rosais de amor.

*Perlcuman, 1852*

## **XVII - SONHOS DA MANHÃ**

A...

Foge do sol, ó noite, lenta barca,  
Vais no golfo do dia naufragar:  
Aqui somente os temporões me agitam:  
Remonta ao largo mar.

Recomeça tuas horas sonolentas  
Do cume das estrelas para o monte  
Cadentes d'astro em astro; o sol que morra  
No fundo do horizonte.



Oh, maior do que um deus, dobrado escravo  
Sobre a terra, meus olhos te adoravam!  
Estranha de me ver assim, teus olhos  
Castos se envergonha vão.

Eu beijava os teus pés, que nos meus lábios  
Se contraíam fugitivos, frios,  
Qual trêmula mimosa sensitiva  
No calor dos estios.

D'inocente, ignorante, qual murmuras  
Tímidas negativas amorosas,  
Que somente se lêem na cor das faces  
Como vermelhas rosas.

Cercada de uma luz religiosa,  
Tens dentro das tuas mãos a minha mão:  
Não se ouve uma voz, somente arqueja  
A boca e o coração.

Nossos olhos formavam longo pranto...  
Oh, quantas vezes límpidas torrentes  
Engrossaram de novo adormecidas  
Moribundas correntes!

Por sobre o nosso peito ondeante baixos  
Debruçavam sua luz morta, embebida  
Nas águas dos seus rios da esperança  
Como d'extinta vida:

Como dois corações que se buscavam,  
Errantes sombras de soidão, de dó:  
Quebrados de emoção estremeceram,  
Só pranto... e pranto só.

Oh, tu nunca me olhaste! e o que mais fala  
Do que essa lágrima espontânea, pura?  
Como o sulco celeste, como as veias  
Retratando a espessura.

E um respeito de amor prendeu-me os lábios,  
E eu pedia aos céus tu não falasses,  
Anjo mudo... terror belo subiu-me,

Julguei a voz soltasses:

Foi brando soluçar; como na areia  
Cai suas ondas azuis queixoso mar,  
Como a lua, passando as jardas nuvens,  
Respira outro luar.

Já sentia no teto as andorinhas,  
A calhandra no ramo, o rouxinol  
Entrando pelas fendas, e os obreiros,  
Tudo dizia o sol.

— Temeste acaso que de ti soubessem?...  
Cabia a minha mão: eu despertava  
Da tua adoração: perulea sombra  
Já longe se apagava.

Qual linfático sol vejo rodeando  
Meu corpo como a terra, que fecundas  
De força e vida; qual de amor, d'esp'rança  
Toda minh'alma inundas:

Depois, desfez-se em raios vaporosos;  
Meu peito era só lágrimas: eu via,  
Toda minha existência desgraçada  
No sonho se esvaía.

E de hora em hora mais eu tenho amor:  
Eu abro diante mim sombras da morte  
Por ver-te no longínquo duvidoso,  
Embora, embora a sorte!

É por ti que estes montes frutificam,  
Que estes campos do mar são meus amores;  
É por ti que nos céus tenho um só Deus,  
No prado tantas flores!

Tu és a voz que exprimo, és o meu eco,  
És minh'alma, és a minha eternidade!  
Ó noite, volta a minha vida, apaga  
Do dia a claridade!

## XVIII - M...

Maria, porque choravas  
Na minha triste partida?  
Sou tão longe, escuto ainda  
A tua queixa perdida!

O nosso amor educado  
Dos berços, na solidão,  
Foi como a flor enganada  
Aos bafos da viração.

Crescemos: e d'inocente  
Me davas o teu amor.  
Amei-te! porque te amava,  
Fui teu sevo ceifador.

Porém, essa flor colhida  
A grata sombra da palma,  
Encanto! ideal mimoso!  
Aroma eterna minh'alma.

Amei-te! tua voz d'aragem  
Ainda ouço, donzela,  
Nos olhos meus embebida  
Foste para sempre bela.

És comigo em céus estranhos,  
Toda formosa aldeã.  
Inda juntos nos deitamos  
Nas ramas do pirinã.

Os anos que vão descendo  
Sejam dias d'esperança;  
A noite de tempestade  
Sucede o sol da bonança.

Maria, dos olhos belos  
As veias límpidas pára,  
Não laves do fogo as faces  
Que eu amoroso beijara.

Maria, constância e vida,  
E todo esse amor d'outrora:

Os anos a flor não murcham  
Quando o amor não descora.

*Paris*

### **XIX - POBRE FILHA DA POLÔNIA**

Uns olhos d'eterno, saudoso cantar  
Que em ondas vanzeam, se arqueam no mar  
Que em pranto se fazem  
Que em luz se desfazem  
Se enchendo de amor;  
Uns lábios tão tintos  
De vida e pudor  
Não vendas, donzela  
De frente d'estrela!  
Embora mendiga, chorando na terra  
D'estranhos, sem pais,  
Não manches essa alma no gozo mundano,  
Que o céu vale mais!  
Tiranos oprimem tua pobre família,  
Tua pátria infeliz...  
A França é tão bela! coitada avezinha,  
Tu sejas feliz!  
Encontres um ramo nas selvas gaulesas.  
Oh, lua mãe te faltou, virgem, bem cedo,  
Flor sem rocio, rouxinol sem ninho!  
E nossa mãe perdida... chora! chora!  
Qual pára o viajante, e mudo e triste  
Ante o abismo... não foi da morte a idéia:  
E nem pranto e nudez sem dor os homens  
Te viram, lindo céu d'alvas estivas.

*Paris*

### **XX - BERÇOS DO AMOR PRIMEIRO** (EPISÓDIO)

Tristes recordações! a mãe chorosa,  
Como quem busca confirmar um sonho  
Ante a sombra que fica do passado  
Errante pelos sítios tão queridos  
Numa saudade sem poder deixá-los,  
Carpe sua filha amada: julgou vê-la

Naquela flor ao vento s'inclinando;  
Vaga promessa a natureza exprime  
Em doces gestos de quem vai ser mãe,  
E ela já sente palpitar-lhe os seios,  
Ela embala-lhe os braços d'esperança —  
Espera — assalta — vai — porém sorriu-se,  
Foi leve sussurrar daquele ramo.

O amor materno triunfou, quebrou-se  
Mundano orgulho aos pés da humanidade:  
Tudo a convida às lágrimas, e o mundo  
É tão mesquinho, que um amor somente  
O faz esvaziar! Delira e geme,  
Vendo harmonia abençoada em tudo,  
Sua filha amando como as aves amam,  
Inocente e divina, e ser maldita  
Fugitiva do lar: remorso a come —  
Cerdosos javalis a acometendo,  
Em gritos, sem lhe a voz sair dos lábios —  
E seu vivo sonhar. E contra o filho  
O homem, que é mais bruto, inda fremia!

Nos berços viviam d'argêntea existência  
Tenrinha donzela, éfebo gentil:  
Mais eles cresciam, mais neles vibravam  
Assônias d'amores na crença infantil.

Tão linda era a virgem! mais linda que a lua  
Na Rice das folhas, nas ondas do mar —  
Seu rosto era nota de lira encantada,  
Seu corpo cadência de um vago pensar:

E ele tão nobre, sisudo e formoso,  
No raio dos olhos derrama a paixão —  
Feridos centelham de morte, na calma  
São órgãos sagrados em branda canção.

Intriga se erguera, vai lisa serpente  
Falaz, venenosa minando as famílias:  
Os velhos rugiram vingança de sangue;  
Os moços choravam compridas vigílias.

Furtivos uma hora no templo se viam:  
Na hóstia e no cálix seus olhos juraram:  
No eterno da noite da vida distante

Um sonho de um dia somente sonharam.

Em lábios ardidos não dormem suspiros,  
Qual aves de fogo perdidas no espaço  
Carpindo seu ninho, seus olhos se fecham,  
Coitados amantes, ouvindo o fracasso.

E filhos da infância que amavam seus pais,  
Já ouvem suas bênçãos em mudo terror:  
Tão doce d'outrora, sua mãe aborrece —  
Mais crua se a leva, mais nutre-a de amor.

Sobre os joelhos paternais o moço  
Delirante caiu nas mãos sostida  
A fronte apaixonada. Ela inocente  
As discórdias senis: “Senhor” dizia,  
“Minha vida não dais, eu sou mendigo  
“Por serdes pai, e só... na divindade  
“Deste amor que é do céu minh'alma apuro:  
“Que não sejais maldito nos meus lábios  
“Meneai a cabeça  
“Crespa de cãs: de balde não são elas  
“O selo da prudência...”  
Semblante de punhal cingiu-lhe o aspeto,  
De amarelo clarão banhado e tinto  
Dos olhos dentro de uma sombra negra,  
Qual se gêmeos não fossem, transtornados;  
Vacila o corpo; os dentes se arrastaram  
Em seus rancores; convulsando os braços,  
Víscida boca biliosa impreca:  
“Vai-te!” e repete: “Vai-te!”  
“E o pranto, fraco! desses olhos tira.”

Solitária estava a virgem  
No seu exílio de amor,  
Em torno dela gemia,  
Enquanto a brisa corria  
Indecisa, breve flor —  
Timidamente exprimindo  
Seu viver encantador.

Com seus pés sua mãe se abraça  
Toda em lágrima banhada:  
Seus olhos eram piedosos,

Seus cabelos envirosos,  
Como a sua alma cortada,  
Dolorosa a cruz do Cristo  
Na mão de cera ajuntada.

Apresenta-lhe nos braços  
Os lácteos seios que amou  
De maternais vibrações,  
Onda n'alva dos verões  
Que o mar na praia ondulou:  
"Ela nossa ilha prezada  
"E este sol que Deus criou,

"Pelos flores que plantaste  
"Nas terras do teu jardim,  
"Por este lago dormente  
"E pela verde corrente  
"Que cerca os pés do jasmim,  
"Elas aves que te amaram,  
"Fruto que nasceu de mim!

"Não queiras de um pranto fúnebre  
"Tudo murchar que foi teu:  
"Que valem do mundo amores,  
"Como estação de verdores,  
"Como uma aurora do céu?..  
"Desgraçado o amor que a filha  
"Em fera vil converteu!

"Meu caminho tu levaste  
"Pra o encontro do amor:  
"Eu era ovelha inocente,  
"Tu vias essa alma ardente,  
"E nem vias com terror  
"Uma paixão que crescia  
"Como para a morte a dor!

"O amor com os anos muda  
"Em cada quadra da vida:  
"Hoje à mãe pertence a filha  
"Que depois o amor humilha.  
"És culpada, ó mãe querida,  
"Sigo as leis da natureza...  
"Nem sou maldita perdida."

Ira de pais da terra sibilava  
Contra o casal de Deus e de natura.

Flores, abri-vos, perfumai a relva  
Nos braços da soidão; sombra da balsa,  
Cai fresca e trêmula dos zéfiros;  
Vinde do monte, estrelas taciturnas,  
Do monte, ó sol de raios criadores,  
Aos cantos matinais da cotovia!

E o colono cantava:  
“Nos meus vales da Germânia,  
“Meu amor junto de mim,  
“Nunca o dia foi tão belo,  
“Nunca a noite amei assim!

“Morremos num sol — do céu  
“Nosso amor foi tão somente  
“Um raio puro do Eterno,  
“Que logo a si se recolhe  
“Destes pedestais do inferno.”

— É voz etérea — os amantes  
Dizem sempre quando a ouviam  
Sair do rio ou do campo —  
Morreram num sol! tão breve  
Passa na esfera o relampo. —

Numa noite de prazeres  
Quando as luzes se apagaram,  
E longínquas desmaiaram  
Sonoras vibrações

Das copias que eles cantavam  
No mui saudoso violão,  
Como opresso coração  
Almas irmãs exalando;

Quando pelo ameno rio  
Subiam longas canoas  
Longa palma em curvas proas,  
Vela de ramos ao vento;



Pelos bancos de remeiros  
Noturnas alas cantando,  
Melodias balançando  
No silêncio dos mangueiros,

Melodias encantadas,  
Melodias que chora vão  
Que nas correntes boiavam  
Das mansas águas do Anil —

Dos regolfos à cadência  
Do remo na pá tangida,  
Como às vezes comprimida  
Parece a nuvem cantar;

Quando num leito de sombras  
Pálida lua descia,  
Como que seu rosto erguia  
Lá de trás dos horizontes —

Por ver os astros ficando,  
Por ver a terra jazendo,  
Por ver às auras correndo  
Brando arfar o palmeira!

Esse rumor indeciso  
Da natureza, a ardentia  
Que ruga a proa e desfia  
Subindo na maré cheia;

Quando o monte está dormindo  
Sobre os vales debruçado,  
E sombrio e rodeado  
De vago e belo pavor —

Um'ave parou no teto,  
N'asas o sono estendeu:  
Nem mais o vento correu,  
Nem mais ouviu-se uma voz.

Era o tempo em que os campos do outro ano  
Queimam os pastores ao pascigo novo:  
Um fogo oculto da juncosa terra  
Os seios lava e lambe. Sobre o rio.

Só, pendia a cabana graciosa  
Do par amante em páramo espaçoso  
Branco arbusto de flor entre a verdura.

Virentes trepadeiras nas paredes  
O buxo e a primavera s'estendiam,  
Perfumadas de flor:  
E arde o fogo na flor, arde a pindoba  
Em rápido estridor.

Entre o fumo de altar, batendo as nuvens  
Suave claridade entrou no céu.  
Já nada existe!  
Passando os pescadores na corrente,  
Perguntam "Viste?"

E o boato correu. Conta na história  
Junto do fogo de à noitinha à porta,  
A calada da rústica família,  
Cândida e crente o camponês vizinho:  
"Não descambavam as estrelas ainda:  
"Vi florir no oriente uma roseira  
"Como o dia: sobre ela revoaram  
"Duas rodas de nuvem tão bonitas,  
"Tão límpidas, tão alvas como o pombo!  
"E a roseira as levou — rosas e o dia —  
"Lá para o fundo do anilado céu.  
"Tornou anoitecer: e sobre as margens  
"A cabana das vozes arcangélicas,  
"Qual na entrada do estio os passarinhos  
"Fazem seu ninho, se aninhando cantam,  
"Não viu-se mais; assim desaparecem  
"Lá nos mares do Norte ás luas mortas  
"Palácios encantados a desoras."

Quanto é doce a desgraça dos amores,  
A lembrança das lágrimas enxutas  
Servindo de horas vagas namoradas  
As camas d'arabrosia, são prelúdios  
De um eterno gozar que os céus ensaiam!  
— Mas os dias felizes são tão poucos...  
Já nada existe!  
Passando os pescadores na corrente,  
Perguntam "Viste?"

**XXI - O PRÍNCIPE AFRICANO**  
(EPISÓDIO)

*O amor do céu vem à terra só  
Por um dia, e morre como  
as flores morrem.*

“Bela escrava da minha alma,  
Do teu príncipe senhora,  
Adeus — a ilha m’espera,  
Já desponta a rubra aurora.”

“Não, ó príncipe, não fujas  
Da sombra da tamareira:  
Só contigo, como é doce  
Descansar nesta ribeira!

Olha, a praia é tão deserta,  
Tão deserto este areai...  
Vejo o mar leão sanhudo  
Com sua juba de cristal.”

“Filha da noite sem astros  
Ó filha minha, Nydah!  
Flor do verde sicômoro,  
Dias de sol do Saarah,

Mil homens levam a guerra  
Às margens do Senegal:  
Em ferros trarei mil homens  
Nestes caminhos de sal.

Quando a lua andar três vezes,  
Vindo depois a nascer,  
Dos teus braços desatado  
Nos meus braços te há de dever.”

“Não, ó príncipe, não fujas!  
Não sei o que n’alma eu sinto...  
Morrerei... se assim te fores:  
Crê nos meus olhos, não minto.

A voz d'abestruz n'aurora,  
Estes soluços do mar,  
O vento morno, o céu triste  
Não sentes tanto falar?...

Já debaixo do baobab  
Vêem com o sol saudar o dia:  
Sagrado o fogo se acende,  
Templo de folhas lumia:

Batendo o pé das raízes,  
Dizem aos teus antepassados  
Que jazem dentro do tronco  
Há dois mil anos passados—

Que venham ver seus domínios,  
Que ainda existe a nação —  
Todos adoram cantando,  
Todos joelhos no chão.

Acordam... vão pelos galhos  
As sombras dos velhos reis...  
O povo e o reino bendizem  
Vivendo n'antigas leis...

Fizeram o giro... lá descem  
Na ordem da sucessão...  
Em torno o povo já dança,  
Ruidosas palmas na mão.

Despediu-se o aniversário  
Do que foi vivo primeiro.  
Entraram as almas... só pende  
Um braço do derradeiro...

Grita o átropos ao lado,  
Fazendo voltas, zumbindo,  
Crânio pálido em seu dorso.  
Gestos sinistros abrindo...

Oh, não vás! calamidade  
Move o braço e dá sinal:  
A morte voa na guerra  
Do peão ao principal.

E esse vegetal sarcófago  
Onde dormem teus avós,  
Nau perdida vejo em mares...  
Servindo de terra a nós!...”

Amor de glória insensata  
Vence os amores dá escrava:  
E o coração que não mente  
Vingança dele bradava.

Como ave a fugir do ramo,  
Que prende o laço, a donzela  
Sua alma tem pelas asas  
Em forças nos braços dela:

E mais longe indo a piroga,  
Mais a luta se animava:  
E d’asas longas o alado  
Consigo o ramo arrancava.

Seus gritos aterram os ventos  
Voltando as vagas no mar,  
O cavo da vela ebúrnea  
Veio-se oposto formar.

Rolou nas abas do monte,  
Gemeu na beira arenosa,  
As ondas vieram mansas  
Lamber-lhe a pele mimosa:

Sáiam d’água por vê-la,  
Faziam-lhe um berço amigo,  
Umas escumas de flores  
Trazendo vozes consigo.

Pávidas fogem. Das praias  
Longa o berro a penedia:  
“Minha sorte ela sonhava,  
Pendente o braço a dizia.”

Parou seus ramos o tronco,  
Yalofo nobre ululando:  
As rochas foram sensíveis,

Seu choro às rochas levando.

Inda os olhos se desfiam  
Por negro-nítido rosto,  
Inda gelava na boca  
Mudas falas de desgosto,

Uns frutos nas mãos guardando,  
Gostoso pasto de amor.  
Tomou-a nos largos ombros:  
“Morre o que comigo for!”

Como o elefante mordido  
Do insondi no palmar,  
De vê-lo as vagas recuam  
Amedrontadas ao mar.

“As correntes! as correntes!  
Tempestade e o vento largo!  
Meu rumo o abismo, do nauta  
Voz de agouro o pranto amargo.”

Passa a ilha de Goréa,  
Passa as terras de Dacar,  
N’outro dia o Cabo-Verde  
Ficava longe a boiar.

Navegando à negra popa,  
Ele a vive, ela o matava:  
Seu pranto era fumo se exala  
Do corpo frio que lava:

Ele a cinge sobre o peito  
Comprimindo o coração:  
A frialdade da morte  
Faz-lhe querida ilusão.

Libra-se no ar indecisa,  
Saudosa e tarda a pairar:  
Olha aos céus, olha na terra,  
Não pôde a terra deixar

A alma que a terra amou:  
Ave muda esvoaçando

Em volta do belo pássaro,  
Partindo sempre e ficando.

Morria contente o amante:  
Por nuvens a sombra vendo,  
Abraçava-se com a morte,  
Membros a ela estendendo.

Ele já vê-se em caminho,  
A vida na morte está;  
Mas, vê-se vivo: m'espera!  
Brada "ó alma de Nydah!"

Ninguém sabe aonde o junco  
Acaso fora encostar —  
Naufragado, em terra imiga,  
Pelas costas de além mar:

Qual n'areia a caravana  
Veze some nos desertos,  
As ondas nada disseram  
Nestes campos descobertos.

Inda hoje pelos vales,  
Pelos montes vai gemendo  
Errante, sombria gente,  
Os nomes deles trazendo.

E, tão lenta, vem com a noite  
Nos cumes da penedia  
Arrancar ave estrangeira  
Fundos pios de agonia:

Depois revoa, chorando  
Sobre a praia e sobre o mar,  
E se perde no horizonte  
Para outro dia assomar.

Dizem ser a alma do príncipe  
Que futuros vem contar:  
Perderam seu rei, sua tribo  
Terras altas de Dacar.

*Senegâmbia*

## XXII - PRIMEIRAS-ÁGUAS

Ó tempo onde a poesia também nasce!  
Coroa triunfal das mãos das auras,  
Dão-te louvor os animais contentes;  
Conversa a natureza com suas ervas;  
Cresce a vegetação, cantando o rio;  
O céu de transparente azul, e os mares  
Pela corrente balançosa o levam  
Num leito de liquor: eu também vivo

O céu, a terra sorri,  
Brilham astros, nascem flores,  
Cantam aves na montanha,  
Formosa estação de amores!

Nas plantas do prado ameno  
Favônio passa e volteia,  
Falam naiades na fonte,  
Fala na vaga a sereia:

Novo o campo, a rês esmalta,  
Mimosa cria a pular;  
Lisa fusca novilhinha  
Anda a manada inquietar:

Roça as pontas aguçadas  
No touro, foge ligeira,  
Cava ou berra, e na planície  
Doudeja incerta carreira.

Verdura matinal da criação!  
Primeiros dias da existência, quando  
Nas mãos de Deus o mundo palpitava!  
Encantado prazer da natureza!  
Nua donzela peregrina, cândida  
A sair da espessura aos campos verdes  
Abrindo as flores, despertando os zéfiros!  
— O horizonte se embala, como os olhos  
Da formosura preguiçosos libram  
Vagas fôrmas de amor: matiza o monte;  
Pela baixa odorante o inseto gira;  
A serrania se trajou de galas;



Em seus galhos os troncos se encurvaram  
Desdobrando suas folhas vigorosas,  
Aos esmaltes do sol pendendo a fruta;  
Deitou-se a onda, por adormentá-la  
Desce apenas galerno; em seus clamores  
Vai queixoso ribeiro, qual perdido,  
As pedras compungindo e o penhasco.

Sobre a margem do ribeiro,  
No regaço da espessura  
Terno à voz quebrada d'água  
Exalta o moço gentio  
Os encantos da tapuia,  
Da caça quando voltou;  
Nos seus braços cor do coco  
Doirado no manzari,  
De ramo em ramo o japi,  
Chuva de flores por ele,  
De leito em leito a corrente,  
Olhando ao céu descansou:  
E tão ditoso de amores  
Brincos engendra cora ela,  
Tece-lhe as trancas corridas  
E depois uma capela,  
E depois, de vivas tintas  
Enche-lhe a face de cores.

Como minha alma s'engrandece ao ver-te  
Princípio da existência do equador!  
Nem os anos caducos envelhecem  
Na zona perenal, formosa, esplendida:  
Nasce o inverno em cândida menina,

Educada e nutrida do alvo leite  
Da camponesa forte, e como a planta  
Viçosa desenvolve-se uma virgem —  
Veze nos olhos centelhando o raio,  
A bela voz nas asas do trovão,  
Pelo corpo robusto lhe ondulando  
Esta vegetação d'Éden — às vezes  
De uma tristeza pensativa e doce.  
Ura vago contemplar — vezes risonha  
Se difundindo em trinos contedores  
Na fresquidão dos ramos, sobre a aurora

A espalhar-se de amor — ou se amostrando  
Na flor aberta da geniparana,  
Do maracujá roxo, aos afagos  
Da natureza rindo-se, a fugir-se  
Aos seus beijos na ponta da vergôntea.  
Dos castelos argênteos do zodíaco  
Venha agora o verão, nem desfalece  
Dando-lhe o reino florescente a irmã,  
Que seis meses depois torna a ser dela,  
Quando às flechas do sol o campo fuma  
Calcinado e fendido e o vento move  
Branco areai os astros retratando;  
Quando dos montes para a beira descem  
Ledas tropas — eu amo ouvir suas vozes,  
Dormir na choça, levantar-me cedo,  
A malhada mugindo a alvoroçar-se,  
Como o grupo das nuvens no oriente.

O bosque molemente se sacode  
Nos vapores da terra embalsamada;  
As palmeiras se abraçam pela encosta,  
Amorosas donzelas se esquivando  
Aos enleios dos zéfiros que gemem,  
Seus esgalhos e as pencas arrebentam,  
Aonde o sabiá guarda o seu ninho,  
Os cachos pelo colo suspensos;  
Pericumã que passa bracejando  
Pelo longo d'areia ecos repete  
Da voz dos vegetais, por toda a parte  
Renascente harmonia; acordam os salmos  
Entre as aves palustres pela borda  
Da azulada lagoa; o cisne a corta  
Formosa jaçanã dá-lhe acidentes  
Erguendo as asas esmaltadas, longas;  
Na moita do capim depõe seus ovos,  
Qual outros picam, qual já estão tirando;  
Atraída ao seu canto urubarana  
Vem no bico morrer da bela alcione;  
Nos ares a araponga, alimentando  
Doce pomba-sem-fél no ramo a prole.

Lá ronca o pecori, restruge a onça  
Das entranhas da brenha — amor a leva,  
Amor a mata no cair da sombra

Da taboca frondosa: as feras te amam,  
Inocente sorrir da natureza!

Reúnem-se os vaqueiros nos currais,  
Estão ferrando o gado: as ancas fumam  
Na chapa dos senhores, berra a aneja:  
Rompem-se as festas: das cortinas saltam  
Para o touro que parte e a vaca brava  
Se aproximando inquieta à voz dos filhos  
Inda encostados: na planície amansam  
Os poldros, e à parelha se desfilam.  
Percorre a bacalar o senhorio,  
Os agrícolas falam de suas lavras.

O camponês na rústica choupana  
Passa alegre o serão junto da amante:  
Á terna viola que nas mãos lhe treme  
Como em doce gemer se evaporando  
Seus amores reconta apaixonado  
Flores perenes aos que são ditosos  
(Meu cipreste fatal que nunca murcha,  
C'oa negra lança me escrevendo letras):

“Te lembras, zagala, ainda  
Quando o amor nos ferio?  
Esses dias tão formosos  
Da quente sesta do estio.  
Esses floridos no inverno  
Faziam pelos meus olhos,  
Eu te não vendo, o inferno!  
Dês que a terça escurecia,  
Como a noite eu a chorar:  
Mocho noturno me ouvia,  
Ouvia-me a lua branca  
Nestes céus a divagar;  
Inda acordado me achava  
O canário, o rouxinol  
Quando a romper começava  
Mimosas canções ao sol;  
E eu sozinho levava  
As ovelhas às campinas;  
Não me alegravam matinas  
Em lindo roxo arrebol...”  
E desperta, e deixa o canto,

Nos olhos a pôr-lhe um beijo:  
“Como tudo está sorrindo,  
Zagala, que assim te vejo!”

Porém no prado da ribeira guiam  
Em balada amorosa alvo armentio;  
Reluz o orvalho no capim rasteiro,  
Que mais se atembra pela sombra irmã:  
E ali se brindam de murtinho e flores,  
E em virentes juncais passam na sesta.

*Pericumã, 1852*

### **XXIII - VAMOS JUNTOS!**

*Tu serás ma bergerette,  
Je serai ton pastoureau:  
A nous chante l'alouette,  
A nous bondit le taureau.*

Formosa Ana dos campos, vem comigo,  
Vamos ver pascentar nosso rebanho,  
Como salta na relva o teu castanho  
Carneirinho que tanto e tanto estimas:

Vem trazer-lhe nas mãos cheiroso trevo,  
A lã mimosa lhe afagar: tremente  
Virá de manso, cândido, inocente  
Resvalar em teus pés, lambar de amor.

A tarde já se estende na campina,  
E já balando a ovelha ajunta os filhos  
Tangendo para o cerco: os verdes trilhos,  
As alvas ancas d'alvas tetas banha.

O gado é todo alegre nesta quadra  
Quando a terra floriu, primeiras águas;  
Contente o peito humano esquece as magoas,  
O Janeiro a sorrir pintando os montes.

Risonhos céus, na lavra as plantas nascem:  
Errar é doce os campos viridantes,  
A vista dilatar pelas distantes  
Solidões melancólicas, caladas;

Ver como brandamente embala o vento  
As folhas meneantes da palmeira,  
Como ao choro lá cantam da ribeira  
As aves que com ela vão descendo.

Subiremos o cimo da coluna  
A fresquidão gozar da tarde amena,  
Das filhas do silvedo a cantilena  
Nas sombra da espessura realçando;

Ver como do salgado já rumina  
Nédia manada à sombra dos mangueiros,  
Contemplando das ondas os cruzeiros  
Quando passa a canoa a navegar.

E depois, o serão gostoso e grato  
Em prática inocente e deleitosa:  
Contarás em tua fala sonora  
Aquilo que mais soube te agradar:

E eu te escutarei nessa harmonia  
Que faz minh'alma delirar, morrer!  
A lua tão vaidosa em seu correr  
Nos ares sentirá tanta ventura.

Formosa Ana dos campos, vamos juntos  
Pelos sítios do nosso alvo rebanho,  
Pela relva onde brinca o teu castanho  
Carneirinho gentil, que são teus mimos.

*Pericumã, 1852*

#### **XXIV - O INVERNO**

São lágrimas, são lágrimas fecundas  
A chuva no arvoredado carregado  
Arrastando no chão sua flor e os ramos:  
Exala o campo os mádidos aromas  
As borboletas esmaltadas, belas,  
D'asas largas e azuis, aos mil confusos  
Insetos de ouro: lá no bosque longe  
O lago berrador. Fresca roseira  
Toda aberta de rosas encarnadas,

Gomo um anjo da guarda se arrepia,  
Sussurra ao beija-flor que ruge as asas,  
Defendendo suas filhas: e amoroso  
Ele pia e faz círculos, defuma  
Suas penas em seus bafos virginais;  
Porém, respeita a voz materna e maga,  
Mimosas folhas, e os botões que inclina  
O viço esplêndido e o cristal — humanas  
Donzelas, que verteis na mocidade  
A rúbea seiva que de excesso monta.

Salve! felicidade melancólica,  
Doce estação da sombra e dos amores —  
Eu amo o inverno do equador brilhante!  
A terra me parece mais sensível.  
Aqui as virgens não se despem negras  
Á voz do outono desdenhoso e déspota,  
Ai delas fossem irmãs, filhas dos homens!  
Aqui dos montes não nos foge o trono  
Dessas aves perdidas, nem do prado  
Desaparece a flor. À cobra mansa,  
Cor d'azougue, tardia, umbrosa e dúctil,  
No marfim do caminho endurecido  
Serpenteia, como onda de cabelos  
Da formosura no ombro. A noite a lua,  
Qual minha amante d'inocente riso,  
Có'a face branca assenta-se nas palmas  
Da montanha estendendo os seus candores,  
Mãe da poesia, solitária, errante:  
O sol nem queima o céu como os desertos,  
Simpáticas manhãs é sempre o dia.  
Geme às canções d'aldeia apaixonadas  
Mói saudoso violão: as vozes cantam  
Com náutico e celeste modulado.  
Chama às tácitas asas o silêncio  
Ao repouso, aos amores: as torrentes  
Prolongam uma saudade que medita:  
Vaga contemplação descora um pouco  
O adolescente e o velho: doce e triste  
Eu vejo o meu sentir a natureza  
Respirar do equador, selvagem bela  
De olhos alados de viver, à sombra  
Adormecendo d'árvore espaçosa.

O touro muge; a ondulação passando  
Deita o junco, que torna a levantar-se,  
E de novo se acama e s'embalança.  
A filha das soidões e dos mistérios  
Do meio dia e da tarde desmaiada,  
A mãe dos ais, a rola desgraçada  
Geme, geme! — se cala a natureza,  
Tudo se despoeva e se deserta,  
Entrando a revocar reminiscências,  
Que a lembrança perdida ela desperta.  
Vê-se um gênio a vagar por toda a parte  
De mãos no rosto, de pendido colo  
E os ébanos compridos em desfios —  
Eu amo o inverno! — e o gênio que divaga  
Descera coluna pelo vale às praias,  
E lá perante as águas pára e chora,  
Irmãs tão belas que se simpatizam;  
E os seus prantos consomem-se nas fendas  
Enegrecidas pela encosta parda.

Cai a tarde dos serros emanando  
Os vermelhos vapores do ocidente.  
Não teve sol o dia, suspenso  
Da chuva por detrás, vento nem houve  
Grosso orvalho se escoia na espessura:  
O céu d'um azul vasto se evapora.  
Sai da varanda do casal a filha,  
Tão cheia da amplidão que está na tarde;  
Pura e cândida e vaga, tudo amando,  
Chega ao pé de uma flor, afaga-a e passa,  
Como quem disse “não és tu”: se nascem  
Das ervas que a rodeiam com suas flores  
Borboletas de prata, se estremecem  
E vem suas asas lhe encostar nos braços,  
Pousar em seu vestido e seus cabelos  
Dos seios almos umectando a alvura.  
Virgem das brenhas, eu no teu regaço  
Dormirei plácido? eu nesses teus olhos  
Longos esquecerei meu pensamento,  
O coração de amores s'inflamando?...  
Vai distraída pela estrada nova,  
Do caju rubro e o limoeiro em fruto  
No manto florescido se encobrindo.  
Eu amo o inverno! ó mata silenciosa,

Onde suspira a nambu-preta, e canta  
salmos o sabiá d'íntimas harpas!

Deu mais um passo a natureza, e nasce  
A vi razão mimosa do crepúsculo:  
Quando a canoa do anajá se abrindo  
Da parte do poente a flor miúda  
D'ebúrnea fenda pelo tronco entorna,  
Como a pérola corre perfumada  
Dos lábios de uma esposa; se desprende  
Um coco e faz a vibração no solo.  
A cigarra se esvai penosa, e morre.  
— Dá mais um passo a natureza, e s'ergue  
Noturna brisa pelos negros ramos;  
E já somente senhoreia a noite  
Juncada de luar. Espasma os gritos  
O urutauí na umbaubeira alvar,  
Tão conchegado a se perder no tronco,  
Como se o tronco que desconcertasse  
Uma voz vegetal pelas soidões.  
Qual d'estrelas em pó que os céus filtrassem,  
Treme o horizonte de folhame argênteo,  
Dorme aos piados de desagasalho  
Do caboré friento. Agora estende-se  
Uma nuvem de chumbo: e n'alta noite  
Gemia a chuva: a madrugada é bela,  
Linda menina a amanhecer na fonte.

Estrala a ave no bosque, aves ignotas  
Rompem alegre matinada: o rio  
Enlaça o pé da languida jussara,  
Onde o tucano embala-se engasgado  
Cantando sobre os cachos: zumbe a abelha,  
A silvestre uruçú se envermelhece  
Nos úmidos matizes, se revolve  
Na dourada resina que destila  
O bacuri-panã de amenos bálsamos  
E amorenada fruta. O sol fechou-se.

Doida acorda a avezinha que dormia,  
Anjo da tempestade, ela a conhece,  
E começa a gritar voando inquieta:  
Os ramos fervem: fogem se abrigando  
Pela barreira os róseos trova dores;



E ela só temperasse estridente  
D'ígneos carmes! o cedro range e os montes,  
E entre os pólos vanzeia a tempestade:  
Vai lançada tinindo pelas nu véus  
Contra os trovões que se arrebetam; guincha  
Seguindo o raio, e, no cruzar dos ares,  
Das asas solta elétricas faíscas!  
Como ela, também prezo os balanços  
Do vendaval furioso e do relâmpago,  
E minha alma agitar na voz dos céus.  
Eu amo o inverno! aqui durmo de amores,  
Redobrando a galharda seriquara  
Nos bamburrais do rio; a espreguiçar-se  
Na montanha a palmeira ao doce fluido  
Do áureo dedo do sol, doirada fênix  
A renascer-se da cinérea noite —  
Ou minh'alma agitando à voz dos céus.

*Maranhão*

## **XXV - Á PARTIDA DE UM VELHO ENFERMO**

“E eu deixar este céu... como este clima  
Na sua eternidade de verdura...  
Ó maravilha vegetal do Éden!  
Trinta anos passei, como nos berços  
D'uma hora encantada: ouvia apenas  
Arrastarem-se as águas pelos vales,  
Em seus saltos partidas sobre a rocha...  
Oh, vi por toda parte a natureza  
Eloquente, orgulhosa em majestade  
Como a lua de Agosto em flor aberta!  
Fiz aqui minha pátria... hoje estrangeiro  
O filho teu verás, fria Germânia,  
Errante e deslocado como a ave  
Que desconhece ao manhecer seu pouso;  
E tímido o meu passo não se fixa  
Pelas margens do Reno... ah, sorte do homem!  
E eu deixar este céu... Nem vim faminto  
Somente ouro buscar: amei no peito  
Minha alma dilatar ante a harmonia;  
Extenso o coração sentir rugindo,  
Meu ser engrandecendo!... Adeus, Brasil!...”  
Os olhos alimpando, assim falava

O tão nobre ancião descendo às praias  
No seu enfermo andar: embarca; e a vista  
Elástica deixava sobre a terra  
Como presa, quando ele já navega.  
As costas para o rumo do navio,  
Encostado na popa, em longo pranto  
Generoso desfaz os céus e o monte  
Onde jaz o gigante, e sob os mares  
O Rio-de-Janeiro se escondia;  
E ele inda nos pés se suspendendo  
Procura as cumiadas no horizonte.

## XXVI - FRAGMENTOS DO MAR

A. L.

*Paris*

Adeus, ó Luxembourg d'árvores grandes,  
D'estátuas belas e marmóreo lago,  
Eu não vos verei mais! Chorai comigo,  
Eu só não vos amei, também me amastes,  
No estrondo vegetal ouvi meu nome —  
Adeus, Luxembourg! Tronco d'outrora,  
Fronroso castanheiro, a cuja sombra  
Meditava as lições d'alta Sorbona,  
Meu velho amigo aonde eu recostei-me  
Cheia a cabeça dessa vida d'alma  
Que as sonoras paredes exalavam,  
Qual feridas do eco d'eloquência  
Do Lévèque e Saint-Marc, senti meu peito  
Abraçar-vos! da casca onde eu vos beijo  
Rebente um galho, e nele um nome viva.  
Inda ontem, dos ramos d'esmeralda  
Cheirosa e fresca e doce primavera  
Escorríeis em mim: hoje somente  
Estremeceis à minha voz, adeus!  
Brisas do Luxembourg e as flores dele.

Qual dos bosques saindo, ainda se arma  
A voz da pátria moribunda a filha  
Do pastor, generoso anjo da guerra!  
Foi seu primeiro amor a liberdade,  
Seu esposo fatal desfalecendo  
Por entre os homens! E ela enverga a espada,

Os seios tece virginais e a fronte  
D' aço luzido, e a cruz pende do Cristo  
No cinto feminino. Ei-la heroína!  
Dando pátria à sua pátria, ao rei sua c'roa;  
A sua voz de Josué treme Orleans  
Esperançosa; e despe-se do manto  
Ensanguentado que a cercava opressa.  
Ei-la atada a coluna, qual detida  
Para aos céus não voai pelas suas asas  
Que as chamas crestam e os vales de Ruão  
Da fogueira sua voz separam e dizem:  
"Vendida na traição fraterna... vede-a,  
"Mártir do amor da pátria"; ó dores d'alma!  
Aurora boreal nos céus suspensa,  
E de vergonha a terra envermelhece  
Ao longínquo clarão. Passando o vento,  
As aves que a rodeiam quando canta o  
Na vizinha ramagem, todos juntos,  
"Donzela d'Are!" repetimos sempre.  
E de uma a uma percorria as alas  
Destas mulheres mudas, pelo nome  
Chamando-as e dizendo-lhes sua morte.

Ledo casal de cisnes sobre o lago  
Corta dois sulcos docemente iguais:  
Eu peço a Deus a vida destas aves,  
E uma esposa feliz, anjo, amorosa,  
Manso e piedoso e cândido cordeiro,  
Mudos levando assim nossa existência.

Quantas meninas vão por entre as flores  
De belas graças, de formoso corpo!  
Pisando a relva de Diana a casta  
Montanhesa e da mágica Velleda:  
Virgens materiais, ó lindas flores!  
Humanas flores, cândidas donzelas!  
Minh'alma diante vós ama e revive  
Em sol, orvalho, amor, brisas desfeita.

Eu parto, a torre já marcou meu tempo,  
Adeus, Luxembourg! Inda as muralhas  
Passando eu vou bater co'as minhas mãos  
Da longeva Sorbona, a mãe das letras;  
Inda uma vez eu vou mirar-lhe as ondas,

Como a desoras ao luar do Sena  
Sobre a ponte das artes debruçado  
Indo à pátria, indo à pátria às vozes d'água.

Golfo de Biscaia.

Como foge-me a terra dos pés,  
S'envolvendo nesse amplo horizonte!  
Vão-se terras da França, perdidas!  
Lá sumiu-se Paris trás do monte:

Como o sol quando no ocaso  
Palpitante desfalece.  
Duvida um'hora entre nuvens,  
Por nuvens desaparece.

“Sejas feliz!” me disseram.  
Sejas feliz... ah, quem dera!  
Não mais que um dia! e mais triste  
Na minha infância eu morrerá.

Quantas lágrimas dás-me, ó bela França!  
Abri-vos, solidões, quero chorar;  
Brisas da noite, emudecei; oceano,  
Abafai minha voz nas vossas ondas...

Elo vasto de vozes grasnadoras  
O horizonte cingiu, se enrouquecendo”.  
O vento alevantou; gritaram aves  
Pelo em torno da nau; procura abrigo  
A andorinha nas velas; meio corpo  
Erguem-se os peixes; enfurece o mar;  
Cruzam raios no céu em vez d'estrelas,  
Pousam nos montes de suspensas nuvens,  
Raios nos mastros pousam: tudo horrores  
E raiva, tudo ameaça! o claro verde,  
O puro azul das águas florescidas,  
Como campo murchou, que sangue anegra.  
Amo viver no seio compulsado  
Do vendaval, batendo impuras asas  
De nócteo corvo; os ares corta o bosque,  
Uiva o mar à sua sombra fugitiva:  
E minha alma estremeça muito embora,  
A morte os ombros a calcar-me, amigo  
Minha face aflagando à fala ao menos

Não dorme no ócio de cansada paz.  
— Encastelam-se as ondas: qual cidade  
D'homens, que no orgulho vão suspendem  
Seus ricos tetos sombreando os vales  
E a casa humilde do pastor, que os raios  
Aqueciam do sol subindo os montes.

Dá sinal de perigo, leva rota  
Bandeira de socorro ao mastaréu:  
Librados todos vão, ninguém socorre,  
Nas asas infernais da tempestade.  
Nem olha Deus à terra, o céu fechou-se.  
A voz do oficial apenas se ouve  
Lúgubre, como o vento que falasse,  
Ou da vela que rasga-se e desfralda  
Antes de ser colhida. Homens tão fracos,  
O que fazeis agora murmurando  
Debaixo do convés, mudado o rosto?...  
— E a não que passou desarvorada,  
Qual ferido tapir salvando abismos,  
Lá quebrou-se na ponta do rochedo —  
Dormindo, mudo! e os mares levantaram  
Sua voz noturna à voz da ventania,  
Aves, que no cair da presa morta  
Soltam em desordem triunfante grito.  
Lamentações humanas, tudo a morte  
Respirou, consumiu em si, somente  
Esparsos restos do naufrágio ondeiam:  
Sanguinárias coroas tem na frente,  
O medonho livor mais carregando.  
E as vagas toam, e túmidas se atiram  
Sobre as vagas — mulheres desgraçadas,  
Perdidos filhos, seus esposos mortos.

O tempo serenou; ri-se o semblante,  
Como vai se compondo o mar: já sobem  
Á coberta, às ruínas se arrepiam,  
Que jazem como a selva descomada.  
Canta o nauta, redondam-se alvos panos.  
Por ver brincar o atum, se ajuntam ledos  
A tarde sobre a borda os passageiros.

Densas nuvens de fumo doloroso  
Fazem-se em tiras, despregadas caem

Através do horizonte: a lua franca  
Abre seus seios de donzela, e despe  
Seus vestidos no mar, como estas ondas  
Ardentia de prata espanejando;  
Cândidas pombas vaporosas voam,  
Tecem com as asas por seu rosto um véu —  
Menina rubra pondo a mão nos olhos  
Um’hora se escondeu, um’hora os astros  
Amostram seu brilhar, depois se apagão.  
A lua feminina, é fresca noiva:  
As brancas nuvens que a rodeiam manso  
Os enxovais de sedas ondulantes;  
O céu cheio d’estrelas o seu templo  
Onde espera o amante, incensos auras;  
E o oceano os órgãos levantando  
Em doces, divinais epitalâmios.

Na batida em que vai, fareja e resna  
Alado negro cão mordendo as ondas.  
Eu só medito, a Deus só me alevanto;  
Confusa multidão povoa errante  
O convés, e da terra os homens falam:  
Para eles é mudo o isolamento  
Do mar, caindo a tarde fria e triste.  
E o mar sombrio despenteia a grenha,  
Descrente e sem esp’rança, de loucura,  
De frenesi, que o desespero arrasta:  
Engolir-nos d’um golpe, os nossos ossos  
Despedaçar o vejo num momento!  
E os homens reúnem-se, amontoam  
Ouro sanguinho e jogam; se enraivecem  
Uns contra os outros, sôfregos de sangue.  
Na voz da natureza o Deus nem ouvem!  
Amo-te, ó mar, em louca tempestade,  
Mais do que os homens com bonança n’alma;  
Com as cousas do mundo eles procuram  
O Eterno esquecer! são condenados  
Serrando ouvidos, sacudindo a fronte  
Á justiça que fala-lhes da vítima,  
Que geme ainda ensanguentada e quente.

Traga o dia sobre a fronte  
Aurora láctea dourada,  
Ou distante precipite

Em sombra negra e pesada  
Sanguento ocaso a seus pés:  
— Deus quem é? quem é que adoro? —

Estas vagas eloquentes  
Ao seio desçam das águas,  
Ergam seu colo, se empinem,  
Se despedacem nas fráguas,  
Convulsas, enfermas, belas:  
— Deus quem é? quem é que adoro? —

A onda pergunta ao vento,  
Quando a levanta a passar;  
Mas o vento a despertava:  
Para lambem perguntar:  
E a mesma voz se repele,  
Vagando de mar era mar.

E somente a mudez destes desertos  
Se responde ao seu eco no infinito.

*Serras de Cintra*

Oh, majestade do oceano! eu vi-te  
Ampla fronte de céu de Deus: sobre ela,  
Como ante o sol nevoeiro transparente,  
O pensamento em ondas infinitas  
Passar... passar! e calmo o rei do séc'lo  
Nem toscaneja ou estremece a testa.  
Eu senti-me nascer, e tu me viste  
Turbado nos teus olhos, era um raio  
Que mais lúcido raio engole e apaga:  
Calor vital correu-me pelas veias  
De prisioneiro que por muitos anos  
Fechado em negros cárceres a vista  
Abre ao dia, e de júbilo pranteia,  
Delira o coração, de vida exulta!

Comparava tua fronte esse universo  
De sentimento e meditar que exala;  
Eu pesava tua voz nos meus ouvidos  
Consultando a harmonia; um ar celeste  
Palpitava umas ondas rodeando-te.  
Guia na cerração, beijei tua destra,  
Que se esfria nos anos mergulhada,

Coberta dessas rugas generosas;  
Essa mão sujeitada envelhecida  
No doce cativo das insônias,  
Em metro moldurando o pensamento:  
E de tua vez, senil, piedoso pranto  
Em teus olhos quebrou-se! ó sentimento,  
Que brande à alma do poeta sempre virgem  
Límpido choro, que os verões não seque!

Pensador solitário, órfão, proscrito  
Poeta! ei-lo assentado; estão com ele  
Somente os seus dois cães, junto à lareira,  
Branco como a candura; mansos, tímidos  
Como a fidelidade. E não encontras  
Nos homens um amigo? e os animais  
Amam-te mudos e naturalmente.

A paz te rodeava, e nas paredes  
Pendiam quadros dos que amaste, e foram;  
E todos no silêncio da saudade  
A página da vida pareciam  
Desenrolar a li, cora a vista lenta  
Memorando o passado. Qual se membro  
Dessa família eu fora, há longo tempo  
Perdido, ausente, no meu lar chegado,  
Senti minh'alma abrir-se ingênua e larga  
A branda atmosfera que eu respiro:  
Um dos cães te afagava, como vendo  
Nos teus olhos luzir o amor paterno;  
O outro vinha a mim lambe-me a face  
E as mãos, inquieto de alegria e festas  
Felicitar-me do rever meu pai!

Eu parti; tu virás à pátria ver-me.

Eis, minh'alma se expande! Como o vento  
Tão livre e solto, meu irmão me entende,  
Me esperta e espalha pela fronte ardente  
Com pedaços de nuvens meus cabelos!  
Qual amigos achados, que se abraçam  
O coração no coração vibrando  
D'entusiasmo, e ofegos derramam  
Da boca aberta generosa chama,  
E os sentimentos às feições remontam.



Aqui Byron cantou. Mesmo esta pedra,  
Que ora sente uma gota fria e rápida  
Do meu pranto que apaga a viração,  
Talvez estremecera de escutá-lo,  
Qual do raio ferida. Oh! me parece  
Que aqui te vejo, ó Byron, a meu lado,  
A rainha esquerda unido me incitando  
Ao desespero da descrença imiga  
Com tua voz infernal — verdade horrível!  
— E à minha destra o tenho, anjo da guarda  
Preso a meu braço contra a força tua,  
Me arrancando de ti: co'um dedo santo  
Aponta-me p'ra o sol que sai das serras  
Piedoso Lamartine! e o penhasco  
Brandia e geme no pesar da luta:  
E d'um lado o demônio e o anjo d'outro,  
E eu no meio, minh'alma despedaçam!  
— Voa comigo, ó anjo, nas tuas asas  
Cândidas salva-me: o demônio embora  
Me persiga mostrando-me os meus dias  
Como são desgraçados... porém, antes  
Falaz esp'rança, que a descrença eterna.

Aqui também virás, sol dos teus dias,  
Sol dos dias depois, de todo o tempo,  
De tua vez suspirar: e tu, ó pedra,  
Hás de mover-te então, e não do medo  
Da tempestade bela, e nem do pio  
Da andorinha perdida que não sobe,  
Que nas fendas descai; porém de ouvi-lo  
Tão sonoro e divino, que no monte  
Embatendo-se os montes e os penedos,  
E o olmo e o pinheiro, que de antigos  
Passa o vento e não dobram-se — entoaram  
Como o coro do templo à voz solene  
Que do altar se levanta: o plano e o vale  
Aos céus, aos mares levaram seus ecos:  
E do seio dormente a natureza  
Ignoto o canto universal desperte!

Oh, minha alma s'expande! ampla se exala  
No céu! e o corpo que terreno à terra  
Languido cai, ainda é belo ver-se

Sacudido das nuvens que o rodeiam.  
— Meus olhos inda a vêm — lá vai minh'alma  
Pelas torres de Mafra resvalando,  
Pelo horizonte, além, nó mar azul,  
No éter puro e sem fim, mais longe, era Deus,  
Na minha pátria, que é de Deus tão perto!  
Grandioso espetác'lo! cena imensa  
Que o pensamento ávido percorre!  
Eu amo a vida assim... assim eu vivo  
Eu amo a vida assim! lidoso vento  
Oco varrendo sufocado estrondo,  
Á desramar o castanheiro anoso,  
O basto pinheiro!, a mim se lança  
Como águias etéreas, com suas asas  
Agitando, espertando-a langue e lassa,  
Pobre minh'alma em som no: em rijos gritos.  
Sinto me suspenderem, meus cabelos,  
Meus braços arrancando! — E a nuvem passa  
Pelo vale com o gado dos pastores;  
E o mar escuma além, se encruza e brama  
Se perdendo no céu; levanta o éter.

Como se o Criador não acabasse  
O edifício do mundo, e que estas pedras  
Fossem materiais e estas montanhas;  
Uma coluna, um pano da muralha  
O Corcovado americano e os Andes;  
Este mar que ficou à tempestade  
Devera fonte ser deliciosa,  
Não país de naufrágios; e estes ventos,  
E estes vales chorosos, o arvoredos,  
E a pobre humanidade ensaio fora  
Para um céu eternal d'harpas etéreas  
D'um só cântico e amor: e, distraído,  
Ou de cansado, ou morto o Autor-Supremo,  
Ao acaso ficou tudo sem ordera,  
Antros feios, montoadas penedias:  
Tudo pergunta o que ó... que vale — tudo  
Balbucia em sua dor! as aves trinam  
Sem saber do seu canto; os homens choram;  
Bale a ovelha no campo; as nuvens tremem,  
Vão fugindo de horror, nada se entende;  
E por falar se esforça a natureza,  
Que de imperfeita está desfalecendo.

Que belo templo, se acabado o mundo!  
Natural harmonia a um Deus somente,  
Uma vista, uma voz; não este inferno:  
O bruto contra o bruto, o homem do homem  
Esconde-se da terra nas entranhas!  
A fera amara ao cândido cordeiro,  
Nem de morte manchara a lã mimosa;  
As aves não perderam-se nas nuvens  
Perdendo o ninho e o bosque de medrosas;  
Nem os filhos do Cristo sangrariam  
Nem morreram na lança muçulmana;  
Não viram tantos séculos idolatras  
Deuses de ouro banhar fumante sangue:  
O mar sempre bonança, o céu d'auroras,  
O raio não voara entre o negrume  
Pousar no velho tronco, ave de fogo,  
E fazê-lo cair, gritando aos homens!

Ó grandeza sublime! oh, eu quisera  
Ver com meus olhos esse dia, quando  
O eco da palavra era o nascer,  
Gravitar e cair, o amontoar  
Dos seres — confusão negreja os ares,  
N'hora tudo surgindo! oh, eu quisera  
Meus ouvidos nutrir desses terrores  
Do fracasso das águas e dos montes,  
E ver divino o vulto suspenso  
Pelo espaço, que rasga-se ante dele,  
Atrás dele ondulando! Aberta e franca  
Nasce a lua sem còr, cintilam astros,  
Lampeia o sol... Porém, meu Deus dizia  
Que só hoje eu devera remontar-me  
Ao princípio e nascer, e contemplar,  
Rugir d'ignaro, e de blasfêmias vezes  
Os lábios escumar, fender minh'alma!

E bando alado de fantasmas giram  
Em manadas no ar comosas nuvens  
Que o pastor Aquilão conduz ao sul:  
M'envolvem, passam, amam estar comigo  
A minha imagem projetando nelas;  
Pela face do sol se espalham lentas,  
O plano e o monte sombreando, e as flores  
Arrefecendo e os homens do trabalho.

A lua desmaiada está na serra  
De saudade e luar banhando o píncaro:  
Simpatia e candor trouxe no rosto  
Que move a terra, qu'émudece ao vê-la.  
Sobre a grama cheirosa estendo o corpo,  
Num meio sono amolecidos olhos,  
Trêmulos raios sobre as minhas pálpebras  
Envergam seus fulgores, que antevejo  
Frescos, longínquos, límpidos, saudosos,  
Como a luz virginal d'alvas deleite.  
— É tarde pura: muito longe encontro,  
Tão longe! apenas onde a vista alcança,  
Como elásticas águas se estendendo,  
Como restos de luz, mimosa relva  
Amena e verde; um'árvore a sombra  
Que belo monstro enrola, e frutos pende.  
Um homem como o dia transparente,  
Rodeado de sol, com fôrmas de homem,  
Mas, que as perde se as buscas, que é tamanho,  
Que na simple unidade é só visível!  
Lá está no cume de douradojonte:  
Um formoso casal anda a seu lado  
De robusto mancebo e loura moca,  
Redondos seios e os cabelos lisos,  
Inocentes brincando com as feras  
Que andam tão mansas que não fazem mal.  
O vulto cristalino contemplando  
A harmonia geral da criação,  
Interdiz um só fruto! e os abençoa:  
Entrou no seu repouso as sexto dia,  
No cair do ocidente... Horror! das nuvens  
Longa espada de fogo meneando,  
Bradando um anjo dentro d'asas desce  
À voz de maldição tudo se aterra!  
Fogem deles os brutos! vão banidos,  
Coitados...Vão chorando desses campos...  
Lá se assentaram tão cansados... olham  
Para trás de saudade... árida a terra  
Já regam de suor, pedindo um fruto...  
Perseguidos do inseto o corpo cobrem,  
Dantes tão belo ao sol!... filhos já nascem  
Pervertidos também: nascem nas dores  
Da mãe, que hão de amanhã, seios que os criam,

Partir de mágoa... de miséria os homens  
Já desfazem-se! — O céu cresce d'encantos;  
Na porta da choupana há quem m'espere:  
As vozes de Macia as serras desço,  
Respondendo ao meu nome, que ela chama.

Oh, selvagem que eu sou: maldigo um'hora  
A inocência que eu amo! ela inda n'alva  
Trêmula, esquiva e tímida de ver-me,  
As vezes sobressalta, aperta os seios  
Como sustendo o coração que foge  
Co'as mãos frias e brancas; se enrubesce  
Nas faces ambas, e seus lábios tremem,  
E seus olhos fugaces não se filam  
Sobre os meus... e ela ama-me! ela foge!  
E eu... quero assentá-la em meus joelhos,  
Correr a minha mão nos seus cabelos,  
Cobri-la minha irmã toda de beijos,  
Nutrir-me da sua fala... Oh, desespero!  
Eu manchá-la ela teme! e já tem n'alma  
Esse amor de mulher, o amor do gozo,  
Dele embora estremeça?... O anjo! ó virgem!  
Meu amor não é esse, o amor da fera:  
Eu nutro-me de amar, vivo porque amo  
D'existência e poesia encher minh'alma,  
Que não de torpe e languida e cansada  
Esvaece em desmaios, e os sentidos  
Com o pensamento embrutecido morrem.  
Mas, idade feliz! pobre inocente,  
Hoje teus olhos só movem teu peito,  
Teus ouvidos tua voz. Lá vai cantando  
Seus cânticos d'infância, que sua mãe  
Ensinou-lhe levar a Deus. E eu rujo,  
Não sei de que... de amor! bracejo os braços,  
Sacudo a fronte ao respirar mais livre.  
Oh, não cantes: se queres que eu te escute,  
Seja dos meus joelhos, anjo! virgem!  
— Aqui eu vivo: em mim tudo renasce,  
Sentimento de amor e d'esperança  
Que a multidão gastava-me do peito.

*Tejo*

Quando o sol de além das nuvens  
Despeja os raios no mar,

Todo encarnado o horizonte,  
Longe, longe a se afastar,  
Começam auras do Tejo  
Aberta vela a embalar.

Um chora o adeus da pátria,  
Ura cai nos braços do amigo  
Saudosos, sem perigo;  
Aquele beijou sua mãe.

Uma só, mimosa e virgem,  
Não teve quem abraçar,  
Do pai aos lados pendente  
Corria a vista no mar.

Tão órfã! tão piedosa... eu logo amei-a  
E para sempre! eu creio... e a virgem amou-me!

Tinha treze anos de idade!  
Idade da transição,  
Quando da vida assaltada  
Sente mimosa emoção.

Formosa e pálida e bela,  
Toda expansiva de amor,  
Na graça pudica verte  
Emanações de pudor.

Ambos nós órfãos na terra,  
Achados acaso assim...  
Meus olhos iam sobre ela,  
Seus olhos vem sobre mim.

Eis vultos nascem no horizonte, crescem,  
Assombram céus e mar: quem sois, fantasmas?

Descobri vosso rosto e os vossos olhos...  
Cintra! Cintra, que sem mim ficais!  
Tudo de lá me acena, ó meus amores,  
Monte saudoso, ó Pena! que me ouvias,  
Bracejando com as nuvens e orgulhoso  
Do céu, do sol, meu canto qu'ensinavas.  
Tudo me acena! as fontes mais suspiram,  
Maria jovem lá me bate o lenço

Alvo como ela, e úmido do pranto  
Como o seu peito, que como ele ondula;  
Alvorçada grita... ai! que parece  
C'os os braços arrancar a alma e mandar-m'a:  
Dizer-me "novo amor guardam-te os mares:  
"Me foges: lá nos céus te encontrarei..."  
Tão nova, como as breves primaveras  
Que tem florido nesse vale ameno.  
— Ó bela Cintra! arranca-me, saudade,  
Meu coração do peito, e que palpite  
Sobre as ondas da serra; ou vós, ó penhas.  
Montes, erguei-vos, me segui com ela!  
Cintra! Cintra, que ficais! ó mares,  
Que a verde coma desfolhais ao vento,  
Não regaceis o vosso colo undoso  
Para encobri-la... ó nuvens derrocadas,  
Não cai diante mim... Ó Cintra! ó Cintra!  
Qual meus olhos no pranto, vos sepultam  
No éter espaçoso os horizontes...

*Ilha de S. Vicente*

Á palavra de Deus caia o mundo:  
Foi um gigante o que surgiu no espaço!  
D'homem que era, abrindo os olhos ávidos  
E a garganta inflamada, hiante — ri-se,  
Julgando seu irmão defronte dele —  
E sobre o Criador, à imagem humana  
Enquanto sua obra contemplava um pouco,  
Lança-se! — Deus se retirou de um lado:  
E devorando o viu sua própria sombra,  
Veloso coração rangendo, um monte  
Nas cavernas do peito! de cansaço  
A língua pendurava, imensa serpe,  
Como espada de sangue fumegando  
Que de dentro dos ombros arrancasse!  
Horrendo berro, como o vendaval.  
As nuvens separou — no desengano:  
E de novo a cabeça suspendendo,  
Ondulante muralha se antepunha  
E o monstro gira por detrás mugindo.  
— Então, contra esse filho o Deus dos astros  
Seu raio d'indignado fulminando,  
O fez despedaçar: diz "do teu sangue  
O oceano se forme, e dos teus membros

A dura terra, que produza vermes  
Como tu és”: e novos homens nascera,  
Nasce a serpe o germina a morte deles;  
E este mar de verdete é sangue humana  
Acre, e sempre a ferver polutas fezes;  
A mais árida rocha, onde se quebram  
Ventos, naufrágios cobrem, e nunca treme,  
Vem do seu coração; e os outros órgãos  
São essas outras terras, mato, abrolhos;  
E o homem que do cérebro lhe sai,  
Pior do que ele foi aqui respira,  
Como essência volátil deletéria,  
Mínimo em corpo, em ser cruel grandíssimo!

Porque não repousais uma hora, oceano?  
Como o espírito do homem, que não dorme  
Até morrer! um eco indo passando  
Pela esfera: “quem sou? quem deu-me o ser?  
Onde me levam? donde eu vim?...” perdeu-se  
Vos espera também o fim do homem?  
Quão grande não será, solene e bela,  
De vossa morte a hora! num momento  
Sulcando o céu, qual raio luminoso,  
Do aceno da mão divina a sombra,  
Contraireis; d’imenso estremecendo  
E como a vacilar da voz que ouvistes,  
Levantando um gemido — e depois... nada!  
E como o homem, sem saber que fostes,  
Vossas cinzas varrendo o vento leva  
Pelas soidões sem fim. Que sois, oceano?  
Eterna agitação, suspiro eterno  
Tendes no seio: emudecei, dormi...  
Não podeis, qual minha alma, e força oculta,  
Que sempre contra mim se ergue e me quebra  
Como hástrea resistente, vos ameaça:  
Além a tempestade se revolve  
Para açoitar-vos. Já, como eu, convulso  
Rugis, lutais; como eu vós pereceis,  
Desangrado cais: inda expirando  
Somos irmãos, oceano, inda o buscamos —  
Embalde! e sem viver nós morreremos.  
— Erguei, erguei a voz! ide entre os astros,  
Batei as praias, sacudi os montes,  
Despertai o universo, que responda,



Como depois do estrebuchar de um sonho  
Em sublime acordar, terrível, forte —  
Que nós somos, porque, Deus onde existe,  
O que é... Na penedia negro sulco  
De fogo um raio fez, rio de fumo  
Sussurra e serpenteia; os céus tremeram!...  
Silêncio! A sombra de meu pai me olhava...  
Fechou suas nuvens, e se ergueu nos ares.

Vai-se a vida como passa  
Leve esquife pelas ondas:  
As águas abrem-se adiante,  
Atrás s'escoam desondas:

Seu rumo agulha no ocaso;  
De lá se levanta a terra;  
Mais próximo, a praia embranca  
Lavando as plantas da serra.

Arrasta a quilha n'areia,  
Toca a proa n um penedo,  
Noite! e o nauta incauto andando  
Espanta um grito de medo.

Responde o eco da margem:  
"Pára! chegaste no porto."  
E o navegante do mundo  
Baqueia na praia morto.

Donde veio? do nascente;  
Aonde ia? ele o não soube:  
Na direção do sol-pôr,  
Á noite chegar só pôde.

E nas trevas envolvido,  
Somente uma voz lançou:  
E nem se ouviu o que disse  
Passando o triste — acabou.

E o mar todo é coalhado  
De mil gentes passageiras,  
De ledas vagas cercadas,  
Susurrosas, lisonjeiras:

As vezes em tempestade,  
Muitas vezes em bonança:  
Porém vão-se desondando  
A nossa vida é mudança.

À tarde, quando o sol da 'sfera atira-se  
E no ocidente, qual guerreiro, morre  
D'além funéreas nuvens que suspensas  
Mil bizarras figuras, mil castelos,  
Selvas, rui nas pelo céu desenham,  
Iludindo de maga fantasia  
Rubras campinas solitárias, amplas,  
Como juncadas de sanguínea relva,  
A sombra de um combate que ficara,  
Que pelas fendas deixam ver as nuvens  
Tão longe! sobre o sol pousa minh'alma,  
Juntos naufragam. Então amo perder-me  
Na soledade etérea, e divagando  
À discrição da minha imagem, eu erro.  
Mas a tarde s'esvai, os céus s'estrelam,  
A meditar cansado ora me assento  
Noturno e triste na sonora proa,  
Solitário co'o mar e a fresca brisa;  
O pensamento aberto, mas torvado  
Da grandeza ideal, pasma somente,  
Admira e não sente o que compreende,  
Como de amor embrutecido, cai.  
Errante, agora me debruço à borda,  
Vendo as ondas passar embranquecidas  
Como plumas de cisne, minha fronte  
A umedecer de pó. De noite eu vejo  
Povoado de sombras, de florestas,  
De fogos de pastor o mar deserto,  
E rodeado de mudez, acordo.  
Ana roçou-me o braço: fria, trêmula  
Pelas sombras procura-me: "Que eu vejo"  
Tanta tristeza e solidão na lua alma!  
Enche-a de mim... Tua fronte desdobrada  
Ao longo pensamento, o que tens nela  
Que a faz tão pálida e piedosa e doce  
Como a luz do crepúsculo longínquo?  
Que frieza te banha o coração!  
Murchando como à voz d'ave agoureira  
Amanhã inda há sol... não morres hoje...

Oh! desperta, brinquemos nesta idade  
Da risonha manhã, nevada e pura,  
Borboletas do campo, a flor colhamos!”

E eu sonhava: e eu vi-me solitário,  
Olhando o espaço balançando estrelas.

E esses sonhos que eu via, onde já foram  
Da apaixonada aurora? e foi-se o dia:  
E eu que fui? e amanhã, quando outro sol  
Lançando-se em seu vôo arrebatado  
D’água que se abre para o cume azul  
Novos sonhos prestar-me e nova esp’rança,  
Que eu serei amanhã, nesse outro dia?..  
Eu não tenho amanhã: minha existência  
Toda acabo sempre hoje, embora triste,  
Mais triste o meu porvir me aterra sempre.

E tu, esperança, e tu, consoladora  
De todos, que me falas? oh, não queiras  
Mais perseguir-me; vai-te, ó inimiga,  
São mui longas tuas horas, mui comprido  
Tu me fazes o tempo... que ele passe  
Para mim, como um ai de moribundo!  
Enfadonha, pesada, aborrecida,  
Ó vida d’esperança, que és penosa  
Tortura deste inferno do existência!

Manga esvelta das nuvens se despenha  
Farejando o mar, penoso e longe  
A voz das vagas se embateu no ocaso:  
Um braço de gigante monstruoso  
D’etérea serrania se alongando  
Penetra as águas, famintando presa  
As entranhas revolve; longas ondas  
O rodeiam e bravejam, como feras  
Seus irmãos defendendo: lentamente,  
De um pulso cheio, convulsivo, igual,  
Indiferente vai colhendo, engole-as,  
E se recolhe, e sobre o peito encruza.  
E o chuveiro passou, desfez-se a tromba,  
A onda que a beijava ao mar se aplanava  
De recentes rosais: assim da torre  
O preso se debruça e estende o corpo

Por a amante chegar, que se suspende  
Nas pontas do alvo pé, que as mãos se tocam  
D'uma invisível atração chegadas.  
Volta às sombras da torre o prisioneiro;  
Pelas paredes resvalou saudosa  
Qual raio fugitivo, e desaparece.

Meneia a larga cauda e as barbatanas  
Limoso leviatã cheio de conchas  
Com dorso de rochedo que ondas cercam;  
Cristalinos pendões planta nas ventas,  
De brilhantes vapores, que em bandeiras  
Íris enrolam de formosa sombra.  
Negra fragata lá circula as asas  
Sobre a nuvem dos peixes voadores.  
Agora rompe a não lençóis infindos  
Que o mar tépido choca, e vindo a aurora  
Já salta a criação d'escamas belas.

Vem formosa galera a largos panos  
Arquejando ansiosa; silva o apito,  
A cortesia náutica responde-se.  
Já ia bem monótona a viagem  
Nesta mortificante calmaria:  
Tristes campinas da água, se não foram  
Essas novas surdindo-vos dos flancos,  
Fazendo de alegria estes semblantes,  
Ou torva tempestade a desfazê-los.  
De novo já nos vamos isolando:  
Apenas desta ilha sobre ess'outra,  
Que vai ficando atrás do pó que erguemos,  
Os olhos inda estão; e os meus somente  
Procuram naufragar, morrer... quem dera  
Porto de salvação onde ancorassem!  
— Um mar tempestuoso eu tenho dentro,  
Como este mar desesperado eu ando:  
Estes raios da noite almo-fluentes  
Não me afaçam. A lua cor das alvas  
Atravessa o ocidente matutino,  
Hóstia cristã nas sacrossantas aras;  
Em fogos de rubi fronteira rosa,  
Luzente cálix se suspende no ar  
Pela mão invisível criadora  
Do sacerdote rei, do Deus dos astros.

Nem as horas do sol são minhas horas,  
A noite para mim perde o seu sono,  
Nem é meu nem sou dele o mundo — eu amo!

Quem foi que t'ensinou tão triste pouso,  
Ó solitária virgem? onde vagueiam  
Teus pensamentos? que um suspiro corta  
Nesse mimoso, cândido, tenuíssimo  
Arfar — teus seios límpidos se erguendo  
Iguamente, e de ti mesma esquecida,  
Teus olhos onde vão? quanto és do céu  
Pousada assim! de claro-azul vestida,  
Esvelta e simples, singeleza toda,  
Desmazelada e virginal e infante,  
No braço longo reclinada, n'haste  
Botam pendido ao cristalino peso  
Da aromosa manhã. Vezes s'enrugam  
Tua fronte e os olhos, sob o pensamento  
Que numa ave passou na face d'água.  
Ura doce encanto, amores espontâneos  
Correm como onda do teu rosto, e o corpo  
Quebrado pelo meio! E tu nem pensas,  
Pobre inocente, o ar que tu respiras  
É minha vida derramada em torno.

Meu pensamento delirante, oh, nunca  
Co'essas asas não voes! ave atrevida,  
Arrojada num céu delicioso  
De fantasias magas! tenho zelos  
Do meu louco ideal pensando nela,  
Zelos dos sonhos meus minh'alma açoito,  
Repreendo os meus olhos, meus desejos,  
Quando por ela líquidos fluindo,  
Querem morrer, devanear d'amores  
Desterrados por ela e tão coitada,  
Tão d'inocente mansidão... Horror!  
Oh, remorsos! manchei-a na minh'alma:  
Sombrio abismo, um antro, abri-me o inferno,  
Onde eu possa esconder-me do meu Deus!

*Costas do Brasil*

Salve! píncaros frondosos  
Do meu frondoso Brasil,  
Os pés em verde esmeralda,

A fronte num céu de anil.

São meus irmãos estes ares  
Que vem meu rosto afagar,  
No meu encontro saudosos  
Correndo por sobre o mar.

As aves sobem que eu venho,  
Escuto seu doce canto  
Na montanha realçando

Pelo céu longo descanto.  
Requebrando-se as palmeiras  
Respiram suavemente,  
Como virgens encantadas;

O regato ergue a corrente.  
O sol desonda seus raios  
Pelos declívios do monte;  
As nuvens se purpureiam,

Vestem galas o horizonte:  
Como a família que espera  
O filho por muito ausente,  
Em festas tudo se enova,  
Tudo alvoroça contente.

Ó terras que o ser me deram,  
Recolhei-me em vosso seio,  
Como os irmãos a José,  
Quando d'escravo lhes veio.

Da cara pátria, ó musa do crepúsculo,  
Ao céu azul que está sorrindo, acorda  
Os pretos olhos, e os cabelos d'ébano  
Aos ventos, solta aos ventos, doce amada!  
A voz d'alma desprende à voz do monte  
Das palmeiras sonoras e dos rios

Que nos campos se erguendo ao mar se lançam!  
Ó musa, ó musa! acorda o sono eterno  
Do leito de além-mar, da fria Europa.  
Á sombra do deserto, erguido o vento,  
Sob tuas mãos tuas harpas se desatem:

De tua vez adormenta a selva antiga  
Que te soube educar feliz d'outrora  
Na vida maternal d'alva dos anos,  
Escutar-te o vagido acalentado  
No canto de seus pássaros brilhantes.  
Recebe o filho teu, pátria adorada;  
Mãe piedosa, não sequeis-lhe o seio.

*Rio de Janeiro*

Nem olhes para o chão servil dos homens,  
Falcão divino; das tuas nuvens sente  
Da terra a vida, o inspirado encanto:  
Qual índia virgem das florestas suas,  
Que seu leito são ramos de folhagem  
Onde ela dorme à natureza e cresce  
Enérgica e selvagem, nua e bela,  
Ao eco de Amazonas e palmeiras  
Que em toda parte lhe renasce, e embala  
O deserto e os sertões. Ela divaga  
Porque a alma tem cheia d'existência:  
Ora pende no rio e dá-lhe ouvidos  
Por entender-lhe a ondulação das vozes,  
Vendo co's braços se uma estrela apanha,  
Luzentes bóias nos espelhos d'água;  
Ora abraça uma selva e lhe pergunta  
Que diz no seu falar — quando ela acena  
Com seus ramos ao céu — que diz o vento?  
— E a criação seus cânticos esmalta  
Aos órgãos perenais da natureza,  
E a índia virgem por seus montes erra  
Sem medo d'homens, sem temer as feras.

Torrentes de poesia, essa poesia  
Que a muita dor talvez, talvez a idade  
Represou no teu peito, há de exalar-se  
Com tua alma desfeita, como o fumo  
Que do cedro que arde ergue-se puro  
Em longínquo horizonte do crepúsculo  
Sem ser dos ventos perturbado aos céus.  
E as douradas cadeias sonoras  
Que em bons tempos viris eternizavas,  
O mundo todo arrastaram de novo  
Com místico poder que tens dos céus.

Este céu tão azul, e o sol num fogo  
D'americana luz; este mar verde  
Subindo pela encosta enegrecida  
Dos píncaros do sul sempre de galas,  
Roxas nuvens no cimo, um régio manto  
De opulenta, eternal, fresca e cheirosa  
Vegetação ondeando-lhes nos flancos,  
Saías por corpo de mulher formosa,  
Romperam... romperam, cisne celeste,  
O teu canto final! que vais partir...  
Porém, tudo isto, ó pai, dá-me só lágrimas,  
Não entendo porque: parou no peito  
Meu coração, minh'alma de medrosa  
Sob si se recolhe, e de uma noite  
Tão pálida como ela envolta, cai.  
É minha vida um pesadelo eterno  
D'uma noite afrontosa: quando um dia  
Raiará para mim? quando este peso  
Poderei sacudir, que tanto mata?  
Acordar, levantar-me deste leito  
Da terra, duro e triste, e sudorado  
Do meu peito que em forças se desfaz?...

*Bahia*

Ó minha sorte d'hoje! ó sorte d'ontem!  
Não me viste passando, ó mar, tão ledo  
Nas asas da esperança? e uns doces ares  
Sem esforço levavam-me inspirado  
N'um círculo de amores vaporoso,  
Primaverosas graças respirando,  
Rosa encarnada ao sol exposta abrindo.

Que viagem feliz! quanta bonança,  
Quanto galerno! as ondas se humilhavam  
Por deixá-la passar, que amor sentiam  
E murmurando amor se debruçavam  
Nos braços do oceano indo em suspiros...  
Dia, encanto difunde em torno dela  
Doce luz d'innocência erguendo os raios.  
Não a viste, matrona brasileira,  
Passar na glauca relva? pomba nova  
Num voar titubante à flor do lago —  
Roçando a ponta d'asas docemente  
Lâminas deixa vinculando, tintas



Do carmim matinal, do verde lácteo,  
Respirações do dia em frescos berços.  
— Meigas rolas azuis do umbroso norte,  
Vossa irmã se perdeu, gemei na selva.

Nem ouro nem riquezas a faziam,  
Seu ser todo era ela, uma flor nua,  
Toda cheirosa e bela de si mesma:  
Doces nuvens de um puro firmamento  
Depois da chuva à tarde, os seus vestidos  
Pelo seu corpo algodoso e tenro,  
Os braços longos de vergôntea, os ombros  
De seda, se anilando se abrandavam;  
Espreguiça no seio alvoreas pérolas,  
Como às bonanças do alto mar vivendo;  
Nas conchas de marfim, como de pétalas,  
Astros nos pólos dois orvalhos tremem:  
Singela como a estrela do crepúsculo  
Do céu azul trajada, e como o lírio  
Somente de suas folhas inocentes,  
Eu via-a minha noiva! matutina,  
Nessa idade fatal, quando eu as amo;  
Quando esparso o pudor na luz do rosto,  
Duvidosa a paixão, ignoram e temem;  
Porque naturalmente inda só sentem  
A dor que os olhos vertem, e assaltadas  
Com vaga timidez nos fogem: pensão  
No seu recolhimento, e de piedosas  
Só nos sabem fugir; pobres! nos amam  
De um amor virginal apenas d'alma,  
Que os vis sentidos não se nutrem dele.  
— Cai tuas folhas, Bahia, das mangueiras,  
Da jaca murcha a flor, teus frutos morre;  
— Vós, ó rolas azuis do umbroso norte,  
Deixai as penas: a perdi... perdi-vos.

Novilúnio na úmida montanha  
Brando claro das faces estilando  
De azulado cristal, que lava o templo  
Das compridas palmeiras, que amorosas  
Estremecem dos pés à rama e envergam  
Doces arcos aos zéfiros dos cumes,  
Enquanto a baixa de sereno empasta:  
O astro se perdeu; deste horizonte

Vejo a terra em meus pés desfalecendo!  
Agora os temporais são meus encantos,  
Mesmo o naufrágio amara, em noite horrenda  
Brigar com a morte: compulsar minha alma  
Gosto em sonhos de amor, ou nos perigos  
Então eu vivo. Os mares 'stão mudados,  
Oh, ela não vem mais... olhai as ondas!  
Caio a noite em mim, nem mais seus olhos  
O dia me alevantam, como d'antes.

*Recife*

Salve, ó barca formosa! Salve, ó barca!  
País dos meus amores do alto mar:  
Sem tê-la vossas asas vos erguendo,  
Como as ondas correis? onde a deixastes?  
— A direção do acaso, nos meus olhos  
Mil vezes eu a vi, que nela eu penso:  
Foi somente a ilusão da imagem pura  
Emanando-me d'alma à diante... ó sombra,  
Que em tua sombra me cansas fugitiva!  
Inda a impressão guardais dos pés mimosos,  
Ó barca, no convés — quando ela andava  
Distraíndo, radiando o pensamento  
Pela verdura da água? Que respeito!  
Começavam nos céus as tempestades,  
As nuvens desfaziam-se ao vê-la!  
— Debalde a multidão rompe de noite,  
Estrela subalterna que perdeu-se  
Do seu astro, e, sem luz, por trás do espaço  
Vai apagada errante; oh, foi debalde  
Que tudo pareceu-me a ti! não era.  
Porque deixaste o teu vestido azul?  
Que fazia-me ao longe conhecer-te,  
Como pelas suas flores qual a planta,  
Como pelas suas nuvens a manhã.

*Maranhão*

De sob a proa se levanta d'água  
Tão pura como o céu, coroada d'ervas  
Bela ninfa do norte: o Pindo heleno  
O sol que tessalino alumiaava  
Lembrar fazia; americana Palas  
Se enlevando no mar, como vaidosa  
Corre os olhos em torno pelos ombros

Nos filhos, como selvas que a rodeiam:  
— Aquele vê, que as tabas desenterra  
Sepultas na folhagem do carvalho,  
Ao clima das palmeiras transplantado,  
Enche-as das festas do guerreiro e os cantos  
A voz do maracá ruidoso e belo;  
Caminho de Pascal, sobe os altares  
Beijar suas mãos, sacrificar a Newton,  
Cingida a frente; a corrupção moderna  
Açoita voz romana. Já mais perto,  
A minha vista me perturba, sinto  
Banhar-me o peito um ar... que eu não estranho,  
Mas, que procuro conhecer... Eu amo  
Estas costas, aquele pedregulho,  
Que a resposta de um índio fez o nome.  
Isolado e limoso ali suspenso,  
Estrela refletindo ao navegante,  
Apertado nos braços das escumas,  
Rei d'água sacudindo a cabeleira  
Entre as brancas oceânidas risonhas!  
Mais longe espalha-se uma terra... Alcântara!  
Negra ossada d'incôgnito cadáver  
Era sepultura abandonada, bela  
Cingida das barreiras como sangue;  
E pelas torres tristemente errando  
Vejo as sombras dos meus antepassados,  
Pelos ávitos túmulos se encostam.

Ilha de São Luiz! meu Deus, eu morro!  
Bandeira de São Marcos, entre as palmas  
Verdes como ela! Doce claridade  
Circunda-me, em transportes, qual a morte  
Me adormece d'enlevos! Deus, ó Deus!  
Nas águas deste mar lava a minha alma,  
Ao lado de meus pais deixa o meu corpo  
Nesta hora de rever o Maranhão  
As rainhas terras, minhas ondas glaucas  
E o meu sol do equador meu céu minh'alma  
Que é tudo isto que fôrma a minha pátria!

Selvagem sou, nos montes eu nasci  
Por entre as camponesas e os pastores  
Amo a vida levar entre os louvores  
Das aves do meu lar cantando a mi;

Amo os costumes em que fui criado,  
Correr livre no bosque e na ribeira,  
Meus amores à sombra da palmeira  
Descantar, e dormir sono enlevado;

Amo a voz de poesia na floresta,  
E o zumbido noturno dos insetos,  
Invernosos concertos incompletos  
Dos lagos, invernosa a tarde e nesta;

Eu amo o trovejar, tremer do monte  
Quando em lascas o tronco atira o raio,  
Ver os astros caindo em seu desmaio,  
Nas torrentes perder seu leito a fonte;

Na mata o sabiá melodiando  
Quando, a chuva estiou, e os passarinhos  
Da meia noite; andar pelos caminhos,  
Amo ouvir os tropeiros ir cantando;

Amo a voz da cigarra no horizonte,  
A tarde quando pousa ave sombria  
Ante a fronte da noite e os pés do dia,  
A mãe com os filhos a voltar da fonte:

É esta a minha terra, este o meu sol,  
Estes meus ares que eu respiro n'alma,  
Esta a rama que abriga-me da calma,  
Este o meu céu da tarde e do arrebol.

Suspenso nestes cumes arenosos  
Sou ave do seu ninho em torno olhando,  
E, vaidosa! suas asas levantando  
Canta, e percorre os climas tão saudosos;

Triunfante adormece, inebriada  
De êxtase e prazer ao som das vagas  
Caindo no areal, batendo as fragas,  
Encantando os jardins d'água salgada;

E longa o eco pelas praias lento;  
De sensações as penas arrepiam,  
Estremece de amor, e a onda fria

Nos desertos lhe leva o pensamento.

Este país é meu! tudo me fala:  
Ando na terra, os areais e a relva  
Engolem, rangem nos meus pés; a selva  
Seus ramos docemente em mim resvala.

Abrem-se à minha vista os céus, se ampliam;  
Os zéfiros me afagam, meus cabelos  
Banhando de perfume, e os hinos belos  
Meus ouvidos harmônicos enleiam.

Subi, vagas! subi — vinde abraçar-me,  
Não receeis de mim, sou vosso irmão:  
Julgastes embalar meu coração.  
A sombra do meu corpo a embalar-me.

Como é belo o navio que navega,  
Ofegante escaler preso na popa,  
Longas velas o nauta ao vento ensopa  
E pelo mar à terra o peito nega!

De noite o mar de pescadores coalha —  
Um côncavo rumor de tudo ecoa,  
O remo tomba surdo na canoa;  
Desce o gênio dest'hora, a dor se espalha

— Um náutico estrondar na marge oposta,  
— Uns lamentos fatais se alavantando,  
No fundo dos desertos ululando,  
De vozes a cercar toda esta costa...

Como descantes do ruidoso dia  
Que na terra calou, que se evaporam,  
Gemidos que mui longe se descoram  
Das harpas que a gemer no sol se ouvia:

Encantado pavor, etéreo e mago,  
Silêncio — cheio de uma voz amada,  
Voz — de silêncio místico impregnada,  
Rugir das roupas desse gênio vago!

Quanto tempo não faz que eu não ouvia  
O terço dos soldados no quartel,

Qual voz do derradeiro menestrel  
No monte quando sua harpa suspendia!

Inda à sombra da lua na choupana  
Baixo canta na viola essas cantigas,  
Que eu amava da infância, tão antigas,  
Triste escravo... é sua dor que ali dimana.

Pelas dunas me estendo, qual de amor  
Abraço-as mesmo à face do luar;  
De dia inda me sentem delirar  
Entre os raios plangentes do equador.

D'um céu de negro azul tépido velo  
Grosso e límpido cai, nevando a terra,  
A mim e os vales e o rochedo e a serra,  
E eu m envolvo da noite e o céu tão belo!

Dias do meu país! como eu revivo  
Debaixo do meu sol de um clima ardente!  
O vento muge e sopra duramente  
Fendida encosta do calor estivo.

Vejo em torno de mim minhas irmãs,  
E as minhas virgenzinhas mais crescidas,  
Mais tímidas, sisudas, mais queridas,  
Meus amigos, meus velhos d'alvas cãs:

Em todos braços eu me lanço e choro,  
E todos emudecem me revendo,  
Doce pranto dos olhos escorrendo,  
Doce peito me abrindo, aonde eu moro:

Escutam minha fala, a reconhecem;  
Meus ouvidos eu encho d'harmonias:  
Oh, que eu torno encontrar meus outros dias  
Dos outros tempos, que nos anos descem!

Da minha vida recomeço o fio:  
Do dia de hoje ao dia da partida,  
Deus! apaguemos... à estação florida  
Inverno sucedeu, renasça o estio!

Qual n'um sonho eu vacilo, eu paro, eu olho,

Vácuo o peito d'ausência quero encher...  
Sinto necessidade de morrer!  
Na minh'alma sombria me recolho.

Porém de novo o círculo me estreitam  
Contemplativos, tocam-me, se chegam;  
Um momento meus olhos não enxergam,  
Nos seus ombros me atiro, em meus se deitam.

Aqui a vida corre docemente  
Como a existência dos primeiros anos,  
Lhana e despida e límpida de enganos,  
Onda azul pelas voltas da corrente.

Aqui sinto nascer alegre o dia —  
A andorinha no teto, a voz d'infante  
Chorando, o rouxinol: marmórea amante,  
A lua que comigo adormecia,

Desmaiou, s'escondeu nos meus lençóis  
Fugindo como adúltera; e, zeloso,  
Belos dardos despede o belo esposo  
Guerreiro sobre mim dos arrebóis.

E no silêncio a lua vai tão bela!  
Deixo minh'alma, deixo o pensamento  
Perder-se na amplidão do isolamento,  
Enquanto eu vou saudar minha donzela.

# NOITES

## XXVII - O CIPRESTE

“Em horas silenciosas,  
Quando a lua desmaiada  
Roça os declívios celestes,  
De pranto a face cortada;

Quando arranca dos meus ramos  
Trêmula sombra e restampa,  
Como o vôo sobre o cadáver,  
Na lisa face da campa —

Se estendendo, alva balança  
Pendida lá no ocidente;  
Que volta e beija-me os pós,  
Voando bela e crescente —

*Nem presumo serem meus os pensamentos filosóficos nesta segunda parte: em todo o tempo eles existiram, desde que o homem, descendo os braços estendidos ao céu, olhou sobre si, e interrogou a natureza com a razão que lhe dá a verdade de uma Existência infinita, e que parece negar-lhe a vida além. Foram simples dissertações escritas em verso. Eu respeito, amo a idéia universal — encantadora! Sublime!*

Eu sinto pelo meu tronco,  
Desatadas sobre a aragem,  
Trancas leves se abraçarem,  
Caindo prantos na lajem.

Prantos regam-me as raízes,  
Banham-me as folhas, suspiros,  
Abro os seios aos gemidos  
Dos mais longínquos retiros.

Os queixumes soluçados  
No sepulcro materna!  
Penetram, vibram meu corpo,  
Fantasma piramidal.

Da viúva meiga e triste



Lacerados sentimentos  
Seus lábios vertendo puros,  
Embalam-me como os ventos.

Solitário e mudo e grave  
No meio do cemitério,  
Terra pálida de mortos  
Envolvo em fundo mistério:

Dou sombra aos ossos da campa,  
Faço o passante pensar,  
Do negro bosque do inverno  
Eu presido o desfolhar;

Trajado de folhas negras,  
Pinta-me o gesto a tristeza...  
Mas, aos túmulos dou sombra,  
E uma voz à natureza.

Medrosa e tão fida aos votos,  
Amparo a virgem que chora,  
A minha seiva alimenta  
A que ela perde e descora;

Louco amante, qual fechado  
Na minha vestia fatal,  
Sobre a campa da donzela  
Deixa o corpo e um punhal:

E do peito qu'inda bate  
Arranca a alma! e qual vento  
Passando leva-me, às nuvens  
Lançada num pensamento!

E no sossego da noite,  
Quando as estrelas esvoaçam,  
Até que os raios do dia  
Mui de longe a terra ameaçam,

No frio jardim dos mortos  
Eu vejo espectros nascer:  
Todos irmãos me rodeiam,  
Ave noturna a gemer;

Desaparecem n'uma hora,  
Num duvidoso rumor;  
Renascem, vagam, murmuram  
Sombrias longas de amor;

Pelas muralhas contemplam,  
Acenam passada a vida...  
Porém, tão tristes caminhão  
Para a eternal dormida:

Nas sepulturas os vejo  
Sobre os ossos se estendendo,  
E depois com o véu da terra,  
Que romperam, se envolvendo:

A cada pedra que abate  
Longo gemido se exala.  
Acorda o mundo dos vivos;  
No meu país tudo cala.

E do nascer ao sol por  
Plantam mortos no jardim,  
Novas flores que com a noite  
Vingam em torno de mim.

Mística sombra da vida,  
Da morte a negra expressão —  
Eu amo o ci presta; a rosa  
Não me esmalta o coração:

Encantos do afortunado  
Amoroso trovador.  
De cipreste a minha lira  
Meneia canções de dor.

## **XXVIII - A VELHICE**

*Talvez ainda uma noite... seus olhos  
foram no horizonte: um vinculo de lágrima  
assomou: e o velho distraio o pensamento.*

Fria e pálida velhice  
Desce lá no fundo vale —

Tão fundo, que não se enxerga  
Nas sombras envolto o leito!

Desce, a paz leva no peito  
Como quando a palma enverga  
Do justo a vida se exale  
Nos berços da meninice.

Gemendo ao peso da idade  
Fraquea o languido passo;  
E desce, e pára, rodeia  
Por toda a parte seus olhos:

Adiante tecem-se abrolhos!  
Atrás um monte se arqueia!  
Deste lado encontra o espaço!  
Deste lado enche a saudade!

E depois num mar de pranto  
Naufraga, banha o horizonte;  
E depois... sem remo e barca  
Não tem senão mar e céu!

Toda a esperança perdeu,  
Seu pulso a vida não marca,  
Apaga-se o sol no monte  
Por entre noturno canto.

Monte fatal d'anos seus  
De seus dias tão pesados,  
Erguidos tão lentamente,  
Tudo jaz no pôr do sol!

No cum' stá murcha a frol;  
Roda a terra do ocidente  
Em passos tão apressados  
Para o nascente de Deus!

Já sua fronte empalidece,  
Seus olhos lá se fitaram  
Longe, além... riso da morte  
Roça-lhe o velo da face:

Celeste expressão já nasce

Em seu semblante. Tão forte,  
Como sua alma arrancaram,  
Olhando oblíquo estremece!

Coragem! mais um só passo,  
Da porta não recueis:  
A casa de vosso pai,  
Donde partistes, chegastes:

No caminho não cansastes?  
Descansai, entrai, entrai!  
— Ele passou. Percebeis  
Do viajante o fracasso?...

Nada. Tudo emudeceu:  
A poeira do caminho  
Sobre os seus rastos caio:  
Morre uma voz no horizonte.

Secou a veia da fonte  
Que pela terra sumiu,  
A ave parte ao seu ninho,  
Um homem hoje morreu.

### **XXIX - A ESCRAVA**

“Triste sorte me arrasta nesta vida!  
Escrava eu sou, não tenho liberdade!  
Tenho inveja da branca, que tem dela  
Todas horas do dia!

Eu sinto me crescer vida nos anos,  
E mais veloz que a vida amor eu sinto  
Querer abrir em mim... eu sou escrava,  
Minha frente é servil.

Por estes céus meus olhos amorteço,  
Nestas plagas de anil piedosa os canço;  
Ah! neste horror da escravidão perdida...  
Nestes céus não há Deus!

Tenho amor, sinto dor, minha alma é bela  
Aqui na primavera a espanejar-se!

Porém nas próprias asas me recolho,  
O cativoiro as cresta.

Um só raio do sol não me pertence,  
Eu nunca o vi nascer; quando ele morre  
Ainda o encarnado do ocidente  
Não posso contemplar:

Mesmo esta hora que furto à meia noite  
Ao meu repouso do alquebrado corpo,  
A ver as estrelinhas nos meus olhos  
Como no manso rio,

Eu não tenho segura! o vento leve,  
A lua como eu sou d'alvas camisas,  
Fazem-me estremecer; eu vejo em tudo  
Meus soberbos senhores.

Eu me escondo, que a terra não me veja,  
Nas sombras da folhosa bananeira:  
E os insetos noturnos me parecem  
Denunciar meu crime...

Oh! não digam que eu venho ao astro pálido  
Minha sorte chorar... Eu tenho inveja  
Da branca, porque tem todas as horas  
Do dia todo inteiro!

Eu sou bela também, minha alma é pura,  
Mais do que ela talvez... cansa o meu corpo  
Somente o cru servir, nervosos medos  
E o delírio da morte...

Do mundo o meu amor não se alimenta,  
Que não há liberdade: eu sonho os céus...  
Mas, nos céus não há Deus... na minha vida  
Não há nenhuma esp'rança!

Embora, o sangue do meu peito seja  
Preces ao Criador, meu coração  
Virgem dei-lhe: gemendo ao sacrifício,  
Por ele inda se exale.

Tenho inveja da branca, com tal sorte

Quanto eu fora feliz! os dias todos!  
Passara todo o tempo aos céus olhando,  
Quisera ver meu Deus!

Ouvira todo o cântico dos pássaros,  
Dos ventos e das selvas e dos mares;  
As flores eu amara como adorno  
Do meu templo d'estrelas...

Escrava eu sou, embora abra-se a vida,  
Esmorece-me tudo e desanima;  
Além deste horizonte eu nada espero,  
Aqui me vexa a sorte..."

Cantava o galo preto: ela esquecida,  
Veio a aurora encontrá-la, que até hoje  
Não vira, nunca. Lhe pasmava a vista,  
Mas enlevada e doce, prolongando  
Nas faces novas reluzentes fios:  
E de um encanto rodeada esteve,  
Quando o açoite vibrou longe. — Era um preso  
Que gemia ao nascer, ao pôr do sol,  
Harpas memnônias se escorrendo em dores,  
Até que desmaiasse, e adormecia  
Á cadência dos golpes que o rompiam.  
E o deixavam jazendo: a vida e o sangue  
Bofa em golfadas d'expirante boca.  
— Todo o dia dormiu, talvez sonhasse...  
Inda dormindo está, no braço o corpo  
Em desmembros lanhado se amontoa  
Transudando uma água: a ver se é morto,  
Com a ponta do açoite o tocam: imóvel,  
Ergue os olhos de vidro, e lento os cai  
Da luz aos passos lh'inundando os ferros  
De sombria prisão. Vive: e começa  
De novo a desfazer nos ais um nome;  
E tornava a dormir, até que acaba:  
Inda o sacerdem, gritam, e ferem ainda!  
— Era da escrava o irmão: jovem como ela,  
Gêmeos do mesmo amor, ambos sonhando  
Deste ideal que as almas arrebatava  
De generoso enlevo. A linda filha  
De seus senhores, da crioula inveja,  
Ele amara, coitado! ó cor, ó sorte,

Que negro e escravo o fez! Sentenciado  
Foi aos ferros morrer de fome lenta,  
De sede lenta; e na manhã, no ocaso,  
Simbolizando o sol, ir pouco e pouco  
A vida mais sensível derramando  
Nos laços infernais do viramundo!  
E do seu peito retalhado nasce  
Como da terra um som subterrâneo,  
Puros órgãos de amor crescendo aos céus.

Tímida espanta-se a crioula, e foge:  
Leva o dia a vagar sozinha errante,  
Como quem da existência em despedida  
Saúda o sol e os campos.

Mendigando piedade, chora às portas  
Da fazenda vizinha: os homens riam,  
Em troco lhe pediam seus amores,  
Sobre o seu colo uma hora:

E ela estremecia, e, d'ínocente  
Qual vagas de pudor vinham sobre ela.  
E como o sol caísse, ela voltava  
De si mesma ao senhor.

Seu erro a confessar, os pés lhe beija,  
Que a magoam: soluços não lhe valem  
Nem pranto virginal nem Deus do céu,  
Tudo emudece à escrava!

Estendida no chão de finas pedras,  
Que já sangram-lhe o corpo que se arqueia,  
Pedia a Deus justiça da inocência,  
Compaixão ao tirano.

Peiada em duros nós, lhe começavam  
Despir o corpo e o seio: ela tranziu:  
Gargalhada infernal oblíqua ao mundo...  
Emudeceu. Mistério!

E seu irmão gemeu no mesmo tempo,  
Em seu túmulo o sol também fechou-se,  
E todos para o Deus partiram juntos —  
Crioula, escravo e sol.

### XXX - A MALDIÇÃO DO CATIVO

Sou cativo, na cor trago a noite  
Desta vida d'escravo tão má!  
Mãos do dia que algemas nos tecem  
Sanguinosas, no inferno são lá!

No silêncio d'umbroso passado  
Um gemido recorda sua dor:  
E o fracasso dos soes qu'inda vem  
Serão sempre gemidos de horror.

Inda mesmo que mude-se a sorte,  
Inda mesmo que mude a nação,  
Terra onde gememos em ferros  
Junquem flores servis — maldição!

Não dormido nos braços da esposa,  
Que por terras estranhas vendida  
Nunca mais eu verei: eu que a via  
Entre os dentes d'uma onça incendida.

Vi seu colo arquejante cruzado,  
Magoada sua face de amor...  
Muito embora, mas nunca dobrada  
De mulher que era minha ao senhor!

Entrançada com peias na escada,  
Compassados açoites sibilam,  
E banhados da carne que trazem  
Vão n'areia, e de novo cintilam:

E a cadência do golpe e dos gritos  
Mais o horrível da cena redobra:  
Ruge a fera de um lado; a inocente  
Oh, de dores se morde, se encobra!

Vi seu corpo de negras correntes  
Enleado, que o roto vestido  
Bem mostrava-lhe, e os ferros e o corpo...  
Muito embora, mas nunca vendido!



Muda e lenta passou, fatigada  
De um trabalho d'insano sofrer:  
E os seus olhos e os meus se encontraram,  
E entre pranto vi pranto correr.

Dura vida, que amava, onde foi?  
E nem mais minha filha e mulher,  
Que em labores d'escravo eram brisas  
Que em seus seios me vinham colher.

A desoras, sopito o tirano,  
Ao mortição clarão da candeia  
Minha filha afagou minha destra  
Lá no rancho palhoso d'aldeia.

Minha filha cresceu, e formosa  
Como a flor lhe nascia a feição —  
Eram faces de um preto retinto,  
Eram olhos de um vivo loução.

E, depois da ignóbil vingança,  
Já vendida na praça, e por hi,  
Sem respeitos à igreja — qual Deus,  
Faz um'orfã, uma viúva, ai de mi!

E, da magoa infantil esquecido,  
Doce mãe quando a obriga açoitar...  
E eu cravei-lhe as cadeias... nós ambos  
Só por ela esta vida a levar —

Abre os olhos de fera sedenta,  
Amoroso da pobre filhinha,  
Amoroso... que fera não ama:  
Diz, fazê-la, rendida, rainha

Porém eu que no peito cozia  
Ódio ingrato de um vil coração,  
Aguardava pretido a donzela  
Da serpeia, falaz sedução.

Mas a filha d'outrora paterna,  
Bem depressa, qual sempre a mulher  
Delirante do mundo, de amores  
Em seus braços se foi recolher:

Desprezou minha benção! perdido,  
Destruí-los pensei: desgraçado,  
Ambos juntos segui pelas sombras,  
Como espectro d'infernos armado.

Não que em sangue insensato almejasse  
Minha faca tingir: que ante o riso  
Da filhinha a quebrara, coitada,  
Também Eva pecou no Paraíso:

Mas nas ervas da dor, mutilado  
Do tão cru meu senhor vingativo —  
Cepa fértil, que frutos lhe dava  
De alimento e de amor... ah! E cativo

Eu fui cão de farejos danados  
Trás da prole infeliz e o senhor:  
E esta faca como inda se escorre  
Em dois sangues! mas de uma só cor.

E eu agora por brenhas erradas,  
Por ínvias me fujo a vagar;  
Secas folhas meu leito da noite,  
Negra coifa por cima a embalar:

E fantasmas me cercam, medrosas  
Vão-se as feras no antro esconder;  
Leve aragem, passando por longe,  
Sinto os gritos quebrar do descrer:

Tudo pasma de ver-me! natura  
Treme q monstro como ela não gera!  
Não, sou homem também... E eu matara  
Mais mil vezes laivada pantera!

Fujo as mádidas horas da tarde,  
Moles raios da lua me aterram,  
E esses hinos do sol dessas aves  
São sibilas que dentro me berram.

E no eterno da dor sombras lúbricas  
Vem-me a frente d'insônias pisar,  
Se destorce o meu corpo, em minh'alma

Se desfarpa o remorso a calar!

Mas de Deus não sou réprobo, o peito  
Nem malvado nem brônzeo é meu:  
Ensopado nos óleos do crime  
Onde geme a inocência, acendeu.

E d'impuro que era, inda sinto  
Os meus ossos tremerem rangendo;  
Oh! são lavas que as veias me inundam,  
Fébreas línguas me a pel refrangendo.

E eu matar minha filha... e nem prezo  
D'abrir sangue tirânico, ignavo.  
Porém, sou renegado, assassino —  
E eis a sorte, e eis a vida do escravo.

Baldo em corpo, que outro homem domina;  
Alma estéril minando nos vícios,  
Desgarrada nas trevas da morte,  
Longo inferno de longos suplícios:

Oh! quem foi que forjou-nos os ferros?  
Oh! quem fez neste mundo o cativo?  
Açoitado, faminto, sem crença,  
Sem amor — sem um Deus! — vingativo.

Vós, ó brancos, calcando soberbos,  
Inumanos assombros sangrentos,  
Negra relva de humildes cabeças,  
Como alados de presa sedentos:

Não sentis esfolhada no peito  
Murcha paz d'esmaiada virtude,  
E de grata poesia estalar-vos  
Áureas cordas de um santo alaúde?

Não sentis sentimentos sublimes,  
Céus divinos d'enlevo e paixão,  
Estrangeiros medrosos fugir-vos  
Sem asilo no mão coração?...

Vossos filhos já nascem amando  
As delícias do açoite brandido,

Como os cães esfaimados se agarram  
Pelo flanco ao tapir perseguido:

Nascem vendo essa nuve agoureira  
A formar-se de em torno dos olhos,  
Quando fazem-se em vidros, raivosos  
Despejando sanguíneos desolhos.

Castigando sua mãe tão querida  
Mãos piedosas de trêmula filha —  
Quem fizera! e sorrira-se ao choro  
Que ante os olhos maternos humilha?...

Oh, no inferno viveis que vivemos,  
Para nós não, os céus não se espraiam:  
Vós abutres as carnes nos comem;  
Dos cordeiros as pragas vos caiam.

E mirrado da vida que sofro,  
Quero a triste na morte acabar:  
E o abismo que a voz me sepulta,  
Vá meu corpo também sepultar...

D'escura grotta à pedregosa borda  
Lançando maldição  
O escravo sumiu. Oco fracasso  
Bateu na solidão.

E as aves em coro levantaram  
Triste cantar,  
Monótono e carpido, eram lamentos  
De longe mar.

E na selva ululada do fugido  
O silêncio caio.  
E o vento estendeu compridas asas,  
E a folhagem 'strugiu.

E eu prendo o ouvido contra a terra  
Que vibra os seios:  
Sonora ondulação de longe traz-me  
Latidos feios:

Traz-me por pedras deslocadas lenta

Cadeia longa  
D'elos de ferro, que arrastada eterna,  
Lá se prolonga:

Traz-me rugir de fera; à voz do açoite  
Gemer profundo,  
Tão doloroso, tão de piedade —  
Num vasto mundo!

*Paris*

### **XXXI - VISÕES**

Eis-me só! nem os zéfiros me cercam,  
Nem ouço a voz da natureza ê do homem:  
Que para sempre os meus ouvidos percam  
Esses horrores que o meu ser consomem!

Um momento feliz da solidão —  
Quanto tempo não faz que eu não respiro!  
Como treme de amor meu coração:  
Se estrebuchando esta alma! Oh, que eu deliro!

Eu só! nem o meu Deus! que, desdenhoso,  
Em troco de um amor do peito ardente,  
Dos meus ais e do pranto esperançoso,  
Despede sobre mim sarcasmo algente.

Nem o meu Deus! que enchia-me de vida:  
Ó minha doce esp'rança! ó minha crença!  
Ó desespero, ó alma perseguida,  
— Sem crimes — quem te deu tão má sentença?

Na miséria eu nasci, nela crescido  
Para nela morrer, sempre miséria!  
Por toda a parte, e sempre! um vão gemido —  
Choro e morte a cair da vil matéria.

Que! tudo é miserável neste mundo!  
Como as cousas se dão tanto valor!...  
Lamentei-o de o ver o verme imundo  
Se julgando feliz, se dando amor...

Secou meu pranto; e s'inda o vou chorar,

Eu delire, me espasmo de risada!  
Cuspo sobre o meu ser: vi o pisar  
Primeiro o Deus e o levantou do nada!

Não quero a luz do sol: se apague o dia  
Para o meu existir... que mundo horrível!  
Fugi de mim, perseguição sombria,  
Pensamento de um Deus, e o ser visível.

Negra noite, eu vos amo, quando a terra  
Passos d'homem não vibra, e nem dá estreita  
Um só clarão; profundo o mocho berra:  
Amo essa ave, de horror essa hora é bela!

Antro da fera, esconde-me como ela  
De sua pele nas dobras mosqueadas.  
Sois meu anjo do amor, desgraça bela;  
Sois meu Éden, cavernas assombradas.

Aqui podem meus olhos apagados  
Se tornar acender, se encandear;  
Mordido o corpo em tenebros rosnados,  
Felicidade "pôde inda encontrar..."

Vida, que és tu? Estorce-se convulsa  
Minh'alma, e estala! O rei lá se embebeda  
Na farsa da existência... A morte impulsa  
Todos à mesma barca, à mesma queda:

Sobre os olhos aperta estreita frente;  
Acena escarnicando: "ei-la, embarcai":  
E passa a humanidade humilde, insonte;  
Do alto mar nos escolhos: "naufragai!"

E o que resta do homem? Ventos, vagas,  
Astros brilhantes, não emudecei...  
Oh, verdade fatal, que assim me tragas!  
Embora inda ficais e eu acabei,

Tendes noites também na vida evada,  
Não triunfais de mim, nem vos lamento:  
Todos! descemos às soidões do nada,  
Nobres, eu, e o mendigo vil, nojento.

E tu ouves, acaso, Deus, tu ouves  
Em contorções me arreentarem as veias  
Negras d'agro cruor? Não, não me louves,  
Dá-me pálido rir; porém, me creias!

*Serras de Cintra*

### XXXII

Dos rubros flancos do redondo oceano  
Com suas asas de luz prendendo a terra  
O sol eu vi nascer, jovem formoso  
Desordenando pelos ombros de ouro  
A perfumada luminosa coma,  
Nas faces de um calor que amor acende  
Sorriso de coral deixava errante.  
Em torno de mim não tragas os teus raios,  
Suspende, sol de fogo! tu, que outrora  
Em cândidas canções eu te saudava  
Nesta hora d'esperança, ergue-te e passa  
Sem ouvir minha lira. Quando infante  
Nos pés do laranjal adormecido,  
Orvalhado das flores que choviam  
Cheirosas dentre o ramo e a bela fruta,  
Na terra de meus pais eu despertava,  
Minhas irmãs sorrindo, e o canto e aromas,  
E o sussurrar da rúbida mangueira  
Eram teus raios que primeiro vinham  
Roçar-me as cordas do alaúde brando  
Nos meus joelhos tímidos vagindo.  
Ouviste, sol, minh'alma tênue d'anos  
Toda inocente e tua, como o arroio  
Em pedras estendido, em seus soluços  
Andando, como o fez a natureza:  
De uma luz piedosa me cercavas  
Aquecendo-me o peito e a fronte bela.  
Inda apareces como antigamente,  
Mas o mesmo eu não sou: hoje me encontras  
A beira do meu túmulo assentado  
Com a maldição nos lábios branquecidos,  
Azedo o peito, resfriada cinza  
Onde resvalas como em rocha lôbrega:  
Escurece essa esfera, os raios quebra,  
Apaga-te p'ra mim, que tu me cansas!  
A flor que lá nos vales levantaste

Subindo o monte, já na terra inclina.

Eu vi caindo o sol: como relevos  
Dos etéreos salões, nuvens bordaram  
As cintas do horizonte, e nas paredes  
Estátuas negras para mim voltadas,  
Tristes sombras daqueles que morreram;  
Logo depois de funerais cobriu-se  
Toda amplidão do céu, que recolheu-me.

As flores da trindade se fecharam,  
E já abrem no céu tímidos astros;  
Apenas se amostrou marmórea deusa.  
Que sossego! me deito nesta lajem,  
Meus ouvidos eu curvo, o pensamento  
Penetra a sepultura: o caminhante  
Assim vai pernoitar em fora d'horas,  
E bate ao pouso, e descansando espera.  
Belos túmulos, verde ciparisso,  
Dai-me um berço e uma sombra. Como invejo  
Esta vegetação dos mortos! rosas  
Meu corpo também pôde alimentar.  
Além passa o sussurro da cidade,  
E nem quero dormir neste retiro  
Pelo amor d'ócio: mais feliz o julgo  
Quem faz este mistério que me enleva,  
Deus somente alumia este caminho.

Nasce de mim, prolonga-se qual sombra,  
Negra serpe crescendo-se anelando,  
Cadeia horrível: sonoro e lento  
Ura elo cada dia vem com a noite  
Rolando dessas fráguas da existência  
Prender-se lá no fim — a morte de hoje  
Que procurava a de ontem; a d'amanhã  
Virá unir-se a ela... e vai tão longa!  
Como palpita! E eu deste princípio,  
Mudo, e sem poder fugir-me dele,  
Já estou traçando com dormentes olhos  
Lá diante o meu lugar — oh, dores tristes!  
Todos então ao nada cairemos!  
E o ruído do crime esses anéis  
Não, não hão de fazer: num só gemido,  
Fundo, emudeceram sono da paz.



Oh, este choro natural dos túmulos  
Onde dormem os pais, indica, amigos,  
Perda... nem as asas ao futuro  
Não sei voar: a dor é do passado  
Que se esquece na vista enfraquecida,  
Como fica o deserto muito longe.  
Senão a morte me trazendo a noite,  
Nada mais se aproxima: solitário  
As bordas me debruço do horizonte,  
Nutro o abismo de mágoas, de misérias!  
Porto de salvação não há na vida,  
Desmaia o céu d'estreitos arenoso...  
Eu fui amado... e hoje me abandonam...  
Meiões do nada, desaparecei-me!

### XXXIII

Quando nessas horas vagas  
Docemente me encantavas  
O pensamento de amor,  
Por essas delícias magas  
Novo sol me alumiavas  
Campos formados de flor:

E eram minhas horas vagas  
O feliz passar contigo...  
Sob a voz de murmúrio  
Como da fonte nas fragas,  
Como de mar sem perigo,  
Como das folhas d'estio.

Seguimos sol da vida até o ocaso,  
E o passado e os anos e a idade  
Seguindo os nossos passos nos despertam  
Em repetidos gritos: morre o eco  
No latejante abismo, as flores murcham...  
Nas florestas do horror a alma se enoita,  
Vai gemendo a rasgar-se pelos troncos.  
A vida está minada de desgostos:  
Do pão da vil miséria se alimenta  
Na mesa da desgraça, a sede amansa  
Nas águas da amargura; vem a morte

Piedosa embalar seu leito e estende  
A mão que alveja d'ossos amarelos,  
Entoa uma voz pálida, qual choro  
Que em moribundos lábios adormece:

“Inda tens de ver a aurora,  
“Ver o ocidente a cair,  
“Inda do mundo ao sorrir  
“Tens de sofrer, de gemer;

“Ainda verão teus olhos  
“Ódio e sangue os céus de Deus!  
“Mentira nos lábios seus  
“Nos teus ouvidos de horror!

“Dorme, filho da desgraça,  
“Sono da pobre inocência,  
“Dorme, dorme — na existência  
“Inda terás de acordar.”

Bem cedo eu despertei; antes quisera  
Dormir eternamente. Achei verdade  
Só na morte: o porvir estremecendo,  
Apagando o que passa, e o dia d'hoje  
Por trás das costas sacudindo ao nada,  
E, por desprezo, ao sol somente ossadas.  
Dei um passo, escutei, voltando os olhos  
Era um festim: as luzes se apagaram  
Subitamente à exalação da turba:  
Confusão infernal! na escuridade  
Os dentes batera, se mordiam os homens.  
Nova luz aparece, o sangue lava,  
E para envergonhar-se um só não vive.

Nem olho ao mundo sem me rir de vê-lo:  
Saltadores delfins ledos de vida,  
Se abraçando com a morte, dançam. Sente:  
Teu passo mais risonho à morte chega;  
Pela senda mais doce e mais florida  
Pelas mãos ao destino ela te leva;  
As luzes do prazer mentem que há céu,  
Atrás dos prismas da ilusão jogando:  
Olha sobre ti mesmo — homem, que horror!  
Desde ti a perder-se pude tu penses

Tudo é miséria, e tudo é só desgraça.

#### XXXIV - VISÕES

Varre aquilão: frondoso etéreo bosque  
Despe as folhas do dia; sazonado  
Cai através da tarde o fruto de ouro,  
Entre nuvens de aroma o sol vermelho;  
Noturno prado de matizes cheio  
Roça a lua com as asas prateadas;  
Encostado no sul pende o cruzeiro;  
Vai d'estreitos Urano rodeado.

Tudo perdi na vida... hei muito amado  
Todavia, e sem fim! meus dias, noites,  
Meus anos todos, todas minhas horas  
A amor eu dei: bem vezes soluçando...  
Minha alma é secas folhas em pedaços  
Partidas pelo vento; pelo espaço  
Perde-se estéril som meu pensamento  
De quebrado alaúde. Em teu sossego,  
Sombra da tarde, fugitivo guarda-me:  
Só tu sabes calar-me a voz dos lábios  
Amargozos, descrentes; branda calma  
Estender sobre mim no desespero  
Me roxeando em contusões de morte —  
Eu não sei o que eu sou, porque amo e choro:  
Delírio, esforço vão! Sombra da tarde,  
Faze cair a noite na minha alma  
Para um sono sem sonhos. Como és bela,  
Falecendo entre coros de suspiros  
Indo por toda a parte! é melancólico  
Silencioso o bosque, a voz do vento;  
Melancólico o mar, nos seus desertos  
Embalando a canção dos marinheiros;  
A montanha palmosa, o rio mudo,  
Os campos melancólicos, gemendo  
A lenta voz do gado, e dos pastores  
Pelas cortinas tristemente, e baixo,  
Ou sentados à porta da choupana.  
Horas da tarde, quem vos fez tão frias  
Para me adormecer?... Mão pesadelo,  
Foge, noite, de mim; tuas sombras caiam,

Quero ver inda o sol! Oh! malfadada  
Sorte do homem: quanto mais fadigas,  
Quanto mais existência — mais um dia,  
Para ainda sofrer na mesma terra  
Onde em vão desesperas, tu mendigas!  
Um só dia é tua vida, o mesmo sol  
T'ó repete continuo, o mesmo sempre  
Co'a mesma noite e aurora, e os sonhos mesmos  
Só promete a esperança; ela só mente.

Meu destino fatal! de meu não tenho  
Nem uma hora sequer: esta em que eu falo,  
Julguei-a minha, quis d'egoísmo tê-la,  
Para dá-la ao meu túmulo... passou,  
E perdeu-se. Meu Deus, como eu te vejo  
Presidindo o teu orbe, e a mira no leito  
Do sofrimento que me dás, e a terra  
Em mil fôrmas — de frutos, d'homens, d'aves  
Hoje a fazer-se, por comer-se inda hoje,  
De tão má, tão faminta que a fizeste!  
E ris deste espetáculo, impassivo  
Lá no teu céu dormindo ao nosso pranto!  
E ris mofando ao moribundo em vascas,  
Quando em berros estorce o corpo e os braços,  
Debaixo do carrasco em negra luta,  
Em sinistro brandear ringindo o leito!

Réptil criador comendo os filhos,  
Quis comparar-me a ti! fui assassino,  
Por ver a dor, que tu amas, no meu peito.

Amei a formosura: mansa e tímida  
Á minha voz seguiu-me... como inda amo,  
Que estremeço de ouvir-me a negra história!  
Amando por amar, toda ela amores,  
Um desmazelo virginal, infante;  
Meu amor, minha escrava, minha filha,  
Cândida mai, senhora, que adorava;  
Sua vida minha só, vida que eu dei-lhe;  
Que ela soube me dar, sua minha alma:  
Criação de nós ambos nós somente.  
Depois que dentro dos desertos vi-me,  
Só com ela e contigo, Deus, ferindo  
Essa corda afinada ao som mais alto;

Quando a vi delirante a desalmar-se  
Se envergando em meus braços, d'innocente  
De um choro natural, senti-me fera,  
Enfezada e com sede, aos teus escárnios!  
E um deus me vendo (como tu, criei-a,  
Única esfera sua, em mim te via;  
Quis matá-la lambem, nem criminoso  
Eu sou, qual tu não és, tu, enlevado  
Nos dolorosos gritos de teus filhos),  
Ave branca, rompi-lhe o liso colo  
Nas minhas mãos de ferro! Ela expirava...  
Inda o meu nome doce em seus suspiros  
Formava, e desfazia-se; inda uns olhos  
Líquidos, lentos, trêmulos voltavam  
Nos meus olhos d'inferno! Tão piedosa,  
Duvidar, parecia do meu peito  
Ferino e monstro! como em sonhos, busca  
Feliz realidade, ouvir-me ainda  
A voz do caro amante: repudiada...  
Numa comprida esp'rança esvaecendo  
Em lágrimas em ondas, desfalece  
Pendente aos braços pálidos da morte,  
Que o homem bruto lhe estender não soube,  
Cândido lírio vivo. Eram meus olhos  
Lançando um fogo... e o que lança vão era alma!  
Ave branca! ondulou morrendo, e a terra  
Onde fria caio foi no meu peito.

Quero a morte deter tomo-a nos braços,  
Sacudo-a, grito — que me digam antes  
Do alento final esse mistério  
Que faz desesperar... Somente um nome  
Achei, meu nome lhe passou nos lábios:  
Negra morte nos meus, quando eu dizia,  
Predispondo os sentidos miseráveis,  
“Espera — espera — agora — morre — morre!”

Os teus fiéis a ti no passamento  
Bradam também, também mandas que morram.  
Ali tudo ficou, gelou no sangue  
O ar que é nossa vida Enquanto ondula  
Quente e agita o coração e as veias,  
Faz o peito sonoro e as faces tintas.  
Onde a alma?... Eu vi! seu corpo à terra

Tudo arrastou, se consumiu com ela.

Como eu era, Senhor, te encontro sempre  
Sem ter descanso, pelos teus domínios.  
Uma vítima só dor deu-me eterna;  
Mil em cada momento apenas podem  
De suspiros formar o ar que respiras!  
Uma só voz extinta a mim gritava,  
Uns olhos só me olharam: Deus somente  
De uma só criatura, uma só vida  
Minha foi, acabei-a, exausto eu morro.  
Porém tu viverás: quando este mundo  
Já não der-te alimento, crias mundos.  
Do teu rebanho os últimos balidos  
Dizem teu nome, como t'exprobrando;  
Espasma-se nos teus o derradeiro  
Branquear dos seus olhos, tão mendigos  
E tão fiéis à prometida esp'rança...  
Tal nas mãos do pastor agno mimoso,  
Que deu tantos carinhos, que dormia  
Entre os seus pós, nos rastos seus andava —  
O sangue derramando, espera ainda  
(Material esperança!) e crê na vida.  
Porém, juro-te, Deus — farto para sempre,  
Sinto minha alma de remorsos cheia!  
E tu?... Com a vista me rodeio: as aves,  
Que no entrar da espessura nos saudaram,  
Tinham fugido; pelos ramos inda  
Seus desplumes seu medo me disseram;  
E os meus cabelos eriçados, grossos,  
Se alisavam c'oa frente; o rio, os ventos,  
O tronco vegetal tinham parado  
Me vendo! Eu despertava em meu delírio  
Ante a realidade! a virgem morta,  
Pálida e fria a reconheço, eu rujo!  
E de homem ver-me, comecei chorar.  
— Quis seu corpo aquecer sobre o meu corpo;  
Uni sua boca à minha, a voz lhe dando,  
Que o túmulo não guarda. Em verdes folhas  
Nua deitei-a, as mãos postas, e as trancas  
Escorreram-lhe em torno. Dias, dias  
Preso a seus pés levei a contemplá-la!  
Grandes e abertos sobre mim ficarão  
Seus olhos fixos e vidrados, longos

Como a meditação de uma sentença!

E a terra animada desfigura-se:  
Grão de poeira que o vento ergueu numa hora,  
Passeou sobre a massa de que é parte,  
E sobre si caio, se envolve e perde.  
Eu vi! — seu corpo transparente inchando;  
Perderem-se os seus olhos nas suas faces;  
Humor fétido escoava-se da carne,  
Tão pura e fresca, tão cheirosa inda ontem,  
Que ela amou apertar em mira, d'insonte  
Frenética de amor, nervosa e trêmula!  
Formosa ondulação das castas ancas,  
Dos seios virginiais, da alva cintura  
Bela voluptuosa... disformou-se  
Em repugnante, (quem que a vira e amara!)  
Em nojenta, esverdeada, monstruosa  
Onda de podridão! Zumbiam moscas,  
Famintos corvos sobre mim se atiram,  
Recurvas unhas regaçando e abrindo  
Negras asas e o bico, triunfantes  
Soltando agouros! Eu a defendia  
Da ave e do inseto, que irritados vem-me.

Presenciei desfazer-se esse mistério,  
Que foi meu céu na terra, onde eu pensava  
Existir e morrer! Homem o que és?...  
De dia vinha o sol ferir sobre ela,  
E como a lua o nítido cadáver  
De azulado ambiente rodeou-se;  
Vapores levantavam-se era coroas  
S'inflamando, perdendo-se: de noite  
Branco fogo pairava docemente,  
Como as roupas de um anjo sobre as pontas  
De verdoso juncal, no espaço aonde  
Enfraquecia a exalação na aragem  
Vaporoso espalhando-se. E depois,  
Vermes internos que espontâneos nascem  
Vem rompendo-lhe a pele se delindo...  
Os lábios pudibundos rebentaram...  
Seus olhos!... se fendiam seios, faces  
E os castos flancos!... um soroso líquido  
Correndo pela terra... Eu quis limpá-la  
Desses monstros horríveis, que a comiam

Diante mim! porém, tudo era imundícia.  
Oh! quantas vezes me lancei sobre ela,  
Julgando tudo amores, tudo encantos  
Dela emanando em límpidos arroios!  
Fujo de nojo... de piedade eu volto...  
Depois, como as enchentes pluviais  
Escoando, que os troncos já se amostram,  
Seus ossos vão ficando descobertos.  
Oh! mirrado eu fiquei do sofrimento,  
De tanta dor curtir! E tu, ó Deus,  
Que tudo acabas, sofrerás também?  
Porque tão miseráveis nos fizeste,  
Deus d'escárnio? teus filhos nós não somos...  
Que sorte de alimento ou de deleite  
Encontras na desgraça desumana?  
Belo horror da existência — formosura.  
Filha da natureza engrandecida  
No seu pecado e morte, meteoro  
Enganoso da noite, flor vermelha  
Em veneno banhada, mulher bela!  
— Tudo ali 'stá! — ó mundo! mundo... mundo...

Inda é meu amor esse esqueleto,  
Vive comigo: dou-lhe cor às faces;  
Muito sorriso à boca descarnada;  
Às órbitas sombrias moles olhos,  
Como de nuvens rodeado o sol;  
Melífluas tranças à caveira branca,  
Errando os crespos na aridez do peito  
Que encho de frutos, de suspiros, vozes.  
De um terno coração vibrando amante!  
Mas... essência imortal não saiu dela:  
Embalde interroguei mudo cadáver,  
E os ossos amarelos nem respondem!  
Mas, aqui a mulher não é perjura:  
Só lembrança de amor santo evapora —  
A beleza se fôrma ao pensamento,  
A saudade suas vestias se derramam.

No cimo da montanha solitária  
Vou levantar-me: grito, Deus, teu nome,  
Deito os ouvidos... surdo o eco apenas  
Rompendo vai-se do pendor ao vale,  
Pelos rochedos, na caverna umbrosa,



No tronco das palmeiras, olho ao longe:  
Ara o campo o colono, o sulco exala  
Cheirosa emanção lépida, umente;  
O carro cantador passa no vale  
Entre as rústicas vozes sonolento;  
Cobrem a selva os areais de prata,  
Cobrem o dorso dos bois; verte lamentos  
Moribundo acauã no fundo bosque,  
Mesta espessura de soluço enchendo.  
Mas, inda o que eu sou não m'ó disseste,  
Ninguém m'ó respondeu: me fale embora  
Que tu sejas, a mata, este penhasco,  
O sopro deste vento assim mugindo,  
Como as almas dos mortos te buscando —  
Nelas não posso crer, não posso crer-te,  
Que em mim não creio! Deus, dá-me outra essência.  
Muda o meu ser, substitui minh'alma  
Para poder te amar, crente e feliz,  
Feliz! É meu sofrer o desespero,  
Este desejo e carecer... que aspiro...  
Minha morte eternal! muda o meu ser.

E és tu mesmo que dás minha descrença!  
Passava a vida a procurar-te — Escuta:  
De dia ao desespero me levaste;  
Tiram meu sono à noite os teus sarcasmos.  
Num deserto, mui só, de terras vastas,  
Sem um vento e nem voz, o sol somente  
Sobre a minha cabeça achei batendo;  
Não havia mais ar, baldava as forças  
Por soltar-me, e mil braços me enleavam;  
E eu apenas pensava na existência,  
Alma e corpo, e um Deus. O sol se apaga:  
Em cima dele um monte alcantilou-ser  
E u'a face de ferro se brunia  
Sob ele, como liso era o meu plano:  
Asas nasceram.; e uma mão, que o tinha,  
O larga sobre mim — foi um momento:  
Mais negra se fazia a escuridade  
Ele mais perto já; lá vem! lá vem!  
Faz um vento, que a sombra espessa, acalca;  
Penetra a atmosfera, que se estala;  
Já range e arrebeta-se nos ares,  
Furacão na floresta à meia noite,

Aos ecos infernais deixando lascas,  
Centelhas vivas. Esmagou-me em átomos.  
Uma dor me passou, qual uma nuvem  
Que se inunda de luz, vai-se escoando:  
Leve fumaça alevantou, perdeu-se.  
Assustado acordei — lá ia o sol.  
— Outras vezes sonhei prisões d’inferno,  
Por onde eu era horror, e horror vi tudo.  
Outras vezes sonhei na concha de ouro.  
Só, no ar embalado. Outras sonhava.  
Então cora asas de mimoso fogo  
Ígneos pés abraçar da Eternidade,  
E de lá ver o tempo sobre o mundo  
Voando, de que eu mais não carecia.  
Outras vezes sonhei, morrer meu corpo  
Porque morria a alma dentro dele.  
Outras, que não há morte: o corpo e a alma  
Era sua luta final que se separam,  
Como a que a sorte das nações decide:  
Ela por ir viver por hi — no céu —  
Em descanso talvez, ou livre ao menos,  
Ou nova terra, e amar novos amores;  
Ele por desfazer-se em outros seres,  
Que se desfazem n’outros, a perder-se  
De vida era vida. E eu inda acordava  
Nas torturas do adeus, nesses estorços,  
Para trás a cabeça, em vasca os olhos,  
A mastigada língua despejando.  
Oh! dá-me ao menos que de ti me esqueça:  
Na paz dos corações talvez tu desças  
Estes estéreis, desgraçados campos  
Florir verdes — de li, do amor, da crença.

Nasce a manhã no céu, alvas formosas  
São turbantes do sol: hino encantado  
Rompe a terra, que leva ao som dos órgãos  
Etéreos, do regato e do arvoredos;  
Vai no horizonte uma ave; pelos campos  
Saltam flores e orvalhos, mil doiradas  
Borboletas ao sol se embalando.  
Ainda a minha voz diz o teu nome,  
Inda te escuto... mas, descreio ainda!

Que minha alma arrancou de mim passando,

Como folhas do mato o vento leva?  
Que músicas divinas oprimiram  
Meus ouvidos de afagos de harmonias!  
Que é isto que me enleia, que me prende,  
Que me atira p'ra as nuvens que me embalam  
No ocidente de fogo, e a voz me abafa?

Senhor! Senhor! perdoa, Deus, perdoa!  
Ouvi tuas harpas, na sua voz esta vão  
Vozes celestiais — líquidas veias  
Teciam-se na relva do teu solo,  
Pelos teus pés divinos se humilha vão.  
Para o verme vaidoso em térreo lodo  
Desdenhaste falar; porém eu te ouço  
Nas vibrações sonoras do instrumento  
Que em suspiros degela o peito meu.

Sob um montão de ruínas, um tugúrio,  
De palácio que foi, ora ocultava  
Do sol do mundo uma família: outrora  
Soberba e radiosa, de mil homens  
Ou de amigos (nojentos mascarados,  
Homens e amigos, raça desgraçada)  
Rodeada d'incensos, de sorrisos,  
De meiga adulação. Fulmina a sorte;  
As ondas inconstantes da fortuna  
Sobre si refluindo, à praia seca  
Deixou ao desamparo o pobre náufrago:  
E, esse bando de abutres, quando o viram  
Só, dessecado, desapareceram!

Hoje somente o caminhante pára,  
Descansa uma hora à sombra das paredes,  
Caindo os torreões, passeia a vista,  
Medita a vida, e se levanta e segue,  
Ao punhal da saudade abrindo o sangue  
Das veias da alma. No montar das ruínas,  
Contempla. Ali a sala onde rugira  
Oiro sanguinho, no fulgor das luzes  
No veludo e cristal: pulverulenta,  
Desbotada a pintura, ondeia o teto  
D'aranhoso tecume, o umbral pendente;  
Quebrados moveis, apagados, térreos:  
Ali a seda resvalou das belas,

Ali jorrou clarão de amor, que excita...  
Luzente o chão — lá está, fendido e sujo,  
Que não pôde fender ruidosa dança...  
O tempo, a sorte como tudo estraga!  
Um escravo que apenas da rasoura  
Escapou, lento passa, mal coberto;  
O vento o leva, os olhos fundos, tristes,  
Dantes tão ledos nos serões cantados;  
Magro, só geme, que sua mãe vendida,  
Vendidos seus irmãos, vai acabando  
Em mudo trabalhar penosos dias...  
Dias da escravidão vós sois bem longos!  
Tempo, correi, passai, sumi sua vida.  
— Um eco doloroso prolongava-se  
Por esses desolados aposentos  
Sombrios — d’outrora... E tu fizeste mais...

O mar vanzeia preguiçosas ondas  
No oleoso deserto, e muge e berra  
Sobre a praia arenosa, longe: ó mar  
Ó meu irmão do isolamento e lágrimas,  
Ó mar, como eu te amo! O que tu dizes  
Nesse choro profundo? acaso triste  
Lamentas meu delírio? acaso sabes  
Quem deu-te a voz a ti, dor à minha alma?  
Responde, mar! Ai! não, também demandas  
Quem prendeu-te nas margens, que não salvas,  
E dentro delas assanhado bramas,  
O peito ensanguentando pelas rochas.  
— E árido este céu com tantos astros,  
Cemitério d’espectros luminosos  
Com ar de menosprezo cortesão,  
Só reflete monótonos esgares —  
Incentivo da dor, do desespero;  
Do desprezo, talvez! Descrença eterna,  
Inesgotável cálice me encheste  
Neste mundo sem fim, para nutrir-me  
Nesta morte eternal que arranco às noites!  
Dias d’alma, que o sol luz à matéria.

### XXXV - VISÕES

Aonde eu vou, Senhor, onde me levas?

E isto que me arrasta, e que eu não vejo,  
É tua mão? Oh, então leva-me, leva-me!

Tenho fome: mas, sangue não me nutre,  
Repugno de comer os meus irmãos,  
Sentar-me à mesa dos humanos corvos,  
Áridos olhos de faminta chama,  
Pastar sanguentas postas de cadáver —  
Teus filhos como eu sou, nasci da terra.  
Tenho sede: horroriza-me sorvê-las  
Límpidas ondas nos meus pés tão mansas!  
Mas, tenho sede... Leva-me à tua fonte,  
Ó Deus, dá-me beber a água da crença.

Porque fujo dos homens? porque eu amo,  
Vagar pela montanha e pelas praias,  
Qual d'outra essência, qual d'areia ou d'onda  
Formado, e como espectro, e como sombra,  
Errante uma hora e desaparecendo,  
Para nascer de novo e inda perder-se,  
Figura hebraica que os desertos formam  
Pela face arenosa escorregando?...

Não tenho uma família na minh'alma  
D'irmãos, d'irmãs tamanha? e porque amo  
Só tê-los na minh'alma, e longe deles?  
É que a distância prende mais o amigo,  
Como a dor que Deus dá faz mais amá-lo?  
Que encantos vejo em ver-me só comigo,  
Com a lembrança dos mortos e o passado,  
Cemitério de crânios florescido?  
Estar com minha lágrima espontânea,  
Que eu nem sei porque choro; e solitário  
Numa isolada solidão, que eu veja  
Muito longe, que eu só viva no meio  
E por mim, sem ninguém que dê-me a vida,  
Sombra pesada e vil?... (“não tens nas mãos  
Teus dias?... Deus t'enjeita... Deixa os vivos,  
Enteado da terra, estéril peso,  
Eles respirem livre...” Ouço o demônio!)  
Mas, no deserto eu vivo, nem procuro  
Rama d'árvore: o sol me queima a fronte,  
De seus raios me visto qual de fogo,  
Chamo o sol meu irmão e a natureza;

A manhã minha virgem nova e bela  
Por quem morro de amores; amo a tarde,  
Que minha mãe semelha; o vento, os montes  
São meus amigos; minha musa a noite;  
Noite minha alma, os sonhos as estreitos  
Que me adormecem na piedosa luz;  
O rio, o mar, o lago melancólico,  
Meu ser d'hoje e o passado; e o meu futuro...  
Oh, meu futuro! a tempestade e o raio  
Sonoras velas do navio rasgam  
Tão quase a naufragar cortando o golfo.

Quando cair meu corpo sobre a terra,  
Se uma alma eu tiver que Deus não queira,  
Irei então morar sobre um rochedo  
Como ave do mar, que dê só pouso  
A mim, o mais, cercado de oceano  
Por toda a parte e céu que perca a vista;  
Oceano remoto, onde não passe  
Uma vela, que qual fanal me veja  
Suspenso no horizonte. E se minh'alma  
Deus a quiser, ó vós que mais me amastes,  
Nessa pedra isolada como eu sonho,  
Lançai meus tristes ossos espalhados  
Sobre essa pedra de soidão: à noite  
Branca aurora virá trazendo orvalhos  
Cair fagueira. E se alma nós não temos...  
Deixai-os inda lá dormir tranquilos,  
Tão cansados da vida! com suas ondas  
Somente e o sol e a tempestade bela,  
C'os irmãos que eu amava os rodeando.

Tu, essência imortal do nosso corpo,  
Nasces com ele? és filha dele? o crias?...  
Vive sem alma o bruto, o homem morrerá!  
E porque? Se organizados todos somos,  
A alma, que do corpo não carece,  
Ela que vive só mais venturosa,  
Porque o não deixa como o bruto, quando  
Indigno dela? Conjunção sublimei  
Sublime aniquilar! A eternidade  
Somente a Deus: a nós, homens d'argila,  
O gênio para olhá-lo, o amor, o canto,  
E este vago anelar... alma, existência

Do pensamento, que mais sobe e luze,  
A ele todo! Nutre-se em desgostos  
Grosseira esp'rança, e nada a satisfaz:  
Triste e cansada a bem-aventurança  
Desse dia sem noite, que descansa,  
Não valera depois: "e Deus que importa,  
Separamos aqui..." também o avaro  
Nunca se farta de ouro, a águia mais alta  
Mais quer subir as solitárias nuvens;  
Ao mármore da estátua que talhaste  
Deras vida, também morrera humana;  
Fizera-te imortal, mil outros deuses  
Quiseram derribar seu pai, mais gozo  
Sonhariam além. A eternidade  
No homem!... Deus, perdoa; deste o sonho,  
Tão fresco embaançar, suave engano  
Da vaidosa loucura. Quanta vida,  
Quanta felicidade neste mundo!  
Amor desde o nascer, e sempre amor  
Até nas tristes lágrimas da morte!  
(Religioso terror! lá passa enterro...  
Sons de sino rodeiam-me tão fúnebres!...  
Avante!) às nossas mãos fecunda terra  
Doira rubentes frutos, flores abre;  
Uma voz doce e maternal no berço,  
Ledice inata vê sorrir a infância;  
Os amores depois; inda a velhice  
Tem prazer e ilusão. Diz-nos cada ano  
As estações o círculo da vida,  
Di-lo um dia ligeiro: vejo a esfera  
Sair das frias sombras e tornar,  
Das mesmas cinzas renascerem vidas.  
Qual instruída a terra de seus filhos,  
Dores hoje, amanhã gozos lhes verte,  
Que seriam monótonos. Senhor!  
Nada sei. No mistério que gerou-te  
Irás perder-te, luz de teda pálida  
Que arde enquanto o ar rodeia flama:  
Acenderam-te aqui, além te apagam,  
E depois? e depois!... Olha a teu lado,  
Eis teus ossos ali! A eternidade  
A nós nos levantando desta terra,  
Está na sucessão da vida e morte:  
Ondulação dos ventos animados

Que já vimos vivendo neste tempo.  
Digam embora os profetas, não sabemos  
Qual foi seu nascimento: vejo tudo  
Sempre na mesma idade; houveram sempre  
Sábios e hão de existir; o dia é mudo  
Desde a aurora ao sol pôr. Giro dos ventos!  
Círculo eterno que descreve o sol!  
Saímos de uma noite, entramos n'outra,  
Nós somos um só dia, e nós contamos  
Nossos minutos pelas nossas dores.

Alma do homem, se imortal tu és,  
Como cresces com os anos da criança?  
Como desmaias quando o corpo enferma?  
Pendurados nos seios maternos  
O da Grécia, o de Roma sempre foram  
Como quando da idade aos ecos longos  
S'encostavam ao bordão septuagenário,  
Pendiam a vista, o pensamento imenso,  
Como se ao peso dele oprimido o corpo  
Frouxo se desfizesse em eternidade.  
Não tens idade, és infinita, és uma:  
E à matéria momentânea desces,  
Segui-la engrandecendo-te com ela;  
Inimiga que é tua, vens amá-la,  
Vestir a virgem de pudor, de encantos,  
Apodrecer ao pestilente clima  
Da prostituta imunda, e por vontade,  
Que do corcel as rédeas tu governas!  
O que vens cá buscar? romper tuas asas  
Que são divinas, sucumbir às dores,  
As torturas da carne: oh! foras louça,  
Hóspede errante das regiões etéreas,  
Vir sobre a pedra repousar tão vil,  
Descansar uma sesta, e já partida  
A presença de um Deus ir ser julgada!  
E não foi ele que mandou-te à terra,  
E porque tudo fez; tudo sabendo,  
Medindo os passos teus antes que os movas?.  
Fazem de Deus um monstro, te fazendo  
Simples escárnio seu. Morta a razão  
E o sentimento livre e a consciência,  
O corpo vale mais: cândida filha,  
A glória do Senhor, leu ser eterno



Medem teus altos vôos; mais vais, mais vives,  
Que a Deus somente a absoluta vida!

Nossa vida este sangue, a seiva d'árvore,  
Desta árvore pensante e divinal;  
São perfumes nossa alma, diferentes,  
Sempre anelante a se perder nos céus;  
O pensamento, o resplendor que a cinge,  
A atmosfera vegetal ambiente;  
É seu tronco o amor, a glória; os ramos,  
Os frutos e o sombrio gasalhoso  
E as flores — a virtude, o crime. É belo  
Amar um Deus, oh! sim, que um pai nós temos  
Amor, que fazes dor, que a dor esqueces!  
E para amar nem peço alma infinita —  
Material condição do mundo aos céus.  
Amemos de amor santo, amor sem esp'rança,  
Mãe enganosa da ambição, dos vícios:  
Esse amor natural é mais divino,  
Do que quando nos dizem duramente:  
"Adora o que a vingança aguarda, o raio  
Manda e a peste, o Deus de sangue e morte!"  
E curvam-se os cobardes, mas não amam,  
Do medo infame e do terror; escravos  
Amantes!... como o pai vibrando o açoite  
Pede a benção do filho. Amor mais puro  
Demos ao Deus dos homens, por nós mesmos,  
Como os pássaros cantam na espessura.  
Embora o sol se apague, os rios sequem,  
Não vamos d'interesse ante os altares  
Lágrimas d'olhos espalhar, vilmente  
Misérias confessar aos impostores,  
Mais miseráveis inda, que se enovam  
Na esperança de que eles purificam.  
Comercio d'alma nos marmóreos céus  
Entre o povo e o ministro, o rei sopito  
Pela alta nuvem: e, quando despertado  
Aos latidos do crime, iremos, nojo!  
Chorar, pedir... Choremos todo o dia,  
Porém, movidos de um amor — da crença!  
Triunfo à consciência, e sufocado  
Estale dentro o coração perverso!

Deus deu-nos para nós o mundo todo,

O sol, os astros e este maré a selva;  
Deu-nos vida e saber. E o homem pede,  
Por pedir, por sonhar pede somente,  
O salário do gozo em recompensa  
De uma existência d'asas soltas, pura,  
Que ele próprio só mancha! então gemendo  
Sente do vício as farpas. O inocente  
Bem vezes sofre: mas, o sangue dele  
Banha a sociedade que o condena:  
O homem cria o mal — por consumi-lo —  
Contra o seu deus, oh, prole generosa!  
A eternidade em recompensa ainda  
Pela sua morte e as horas que passasse  
Na adoração divina! e Deus nem fê-lo  
Para idéia tão vil: negando bruto  
A justiça infinita, ele não sendo  
Também por esses céus infindo n'alma.  
— É céu em si a caridade, o amor:  
Cândidas palmas seu caminho junção,  
Lágrimas vê correr sua morte, e rindo  
Em piedosa alegria extingue os olhos.  
D'alma eterna a virtude não carece;  
Nem por não ser eterna o crime, os vícios  
Da natureza pendem. Em letras ígneas  
Sobre o rosto da lua aparecesse  
A verdade imortal, e as leis da terra  
Não fossem mais — ó mundo desgraçado,  
Eu quisera te ver... a lua fora  
Mentirosa: — a verdade faz escravos: —  
Duvidar é viver: o homem é livre!  
— Se eu lenho eternidade, não m'ó digam  
Homens como eu: no espelho do universo  
Vejo uma só imagem refletida:  
Pura religião da consciência,  
Do sentimento da moral divina  
Me levaram naturalmente e cego.  
Vejo só pedras o falar dos homens:  
A fera de razão berre aos cordeiros.  
— Nem quero recompensa à minha vida,  
Às minhas dores, meu amor de um Deus —  
Amando tenho o céu, tenho o meu Pai!  
Eu sou da terra: a terra, o vento, às águas  
Dão por preço seus cantos? não são eles  
Preço de amor à criação somente?...

Ser feliz é amar, feliz eu era  
Amando a doce mãe na doce infância.  
— O navegante sol passa na esfera,  
Miram-se estreitos nele, e dá-nos dia  
Aos nossos olhos e o calor ao sangue:  
Voa ao sol deste sol, muito além dele,  
A alma do meu corpo na existência,  
Ao clima etéreo de sua vida e flores.

Não é amor divino o amor da terra,  
Onde é fanal da longitude o lucro.  
Ó santo, ó generoso amor da pátria!  
Ai dele o que disser: “os sacrifícios  
Ao nosso corpo, que o Senhor amansam,  
A nós as portas das delícias abre;  
A pátria dá-vos ouro, augustas glórias,  
Combatei peto pátria, salvo a morte!”  
Hão de cair teus dentes, e os teus lábios  
Baba infecta derramem do teu peito!  
— Caiam os templos aos pés da natureza,  
É mais belo este sol de luz de dia:  
Como do moribundo à cabeceira  
Parece a vela insinuar piedosa  
O caminho a passar, mudo-eloquente  
Ele nos diz “além!” mais do que os ecos  
Deslavados, que estão se desmaiando  
Ante a paternidade desses homens,  
Que se dizem do Cristo a imagem pura,  
Por dizerem: “batei! feri os peitos!  
Chorai agora!” e as lágrimas s’entornam,  
Gela o terror a vista pela terra:  
Interesse servi!!” brandi o remo  
Do baixei da esperança, além dos mares  
Da vida — o porto d’inefável gozo!”

Não me ensinem os cânticos sagrados.  
Enquanto lava de harmonia a abóbada  
As imagens que impuras mãos talharam,  
Entre as paredes tão mesquinhas postas;  
Enquanto verte luz de terra o círio  
Sobre a turba sonora, gemem órgãos  
E o sino — que o dinheiro vil comprou  
Vou na campina me deitar cheirosa  
Debaixo deste céu à voz do vento,

Das águas e do bosque, e a natureza  
Cheia d'um solitário sol! como ela,  
Sentir meu coração valente e novo  
D'inspirações formosas; que não dessas  
Frases diárias que aprendi, monótonas,  
Insensíveis na máquina dos lábios.

É tão feliz, embora o mundo e a sorte,  
Sem ser por gratidão do leite e a cama,  
Naturalmente amar o filho os seios  
Onde nascera, a mãe seu filho amando!  
E essa mãe que adoramos nos promete  
Outro sonoro berço além da morte?  
Não é na morte que ela é mais querida?  
Porque a perdemos que a amamos tanto?...  
O puro amor não tem, não tem esp'rança.  
Amai a Deus na paz, na rubra guerra,  
Nas ondas do prazer amai a Deus,  
Na abundância ou no fundo da miséria,  
Na morte, desgraçada amai-o ainda.  
Tire-se o filho, a mãe seu leite perde:  
Deus morrera, seu mundo aniquilando:  
Perdida a voz da natureza e os astros,  
O mar e os homens, quem seu nome ouvira?  
Quem dissera que ele é?... Cedro infinito,  
Seus frutos somos nós aos céus olhando.  
Ele o quis. Se consuma a alma do ingrato!  
Erga-se a crença que natura ensina,  
Como a corrente perenal descendo!  
— Esperança do gozo o amor dos homens,  
E sempre esp'rança e gozo! Amor da terra  
Querem dar-te, Senhor: não alimenta  
Delicado manjar corruptos seios.

A unidade os cegou: multiplicaram  
Deuses aqui nascidos filhos deles;  
E pelos mil altares que divagam  
Dão migalhas de amor. Eu não conheço  
Nem mais que um Deus, nem deuses subalternos:  
Ao primeiro me elevo, amo o primeiro.  
— Idolatria eterna! as bentas águas  
Brutal gentildade não lavaram:  
A família cristã se degenera  
Desde a morte de um pai. Elege o povo

Um para santo, e dá poder divino  
De suas mãos às dele... Homens da terra,  
Tão néscios, que buscais? como os insetos  
Noturnos, ante o dia deslumbrados,  
A caírem se agarram pelas folhas.  
— Lá se embala na praça o enforcado:  
O carrasco em seus pés se dependura,  
Vai nos ombros saltar-lhe... esperta o peito  
Ao tímido mancebo — a turba aplaude!  
As carpideiras torres não choraram:  
Nem se alegrão passando o inocentinho  
Que viu antes a morte que o batismo:  
Já leva deste mundo o julgamento:  
Era fogo lento vai gemer, nem pôde  
Em coros celestiais ser querubim...  
Anjos te negam, Senhor Deus, não sendo  
Educados e feitos por mãos deles!  
Hipócritas, eu vi monstros do incesto,  
Que ungidos foram, qu'inda o são no ocaso!  
— Curvaram os animais antigamente  
As rubras aras d'ouro a frente do homem:  
De mil homens os pés hoje beijamos.  
Todos um coração sangrando mordem,  
Todos vivem da vida que era d'outrem,  
Que para si aos seus irmãos arrancam.  
Humanas feras, muito mais que os homens,  
Ferinos homens, muito mais que as feras,  
A natureza verte: indiferente  
Um e outro adorara, se não fosse  
Meu amor todo só de um Deus — um Deus!  
E só de um sentimento pio e irmão  
Vejo o mundo — do monte ao bruto ao homem.

Lia a Bíblia por noite indo os gemidos  
Do Cristo neste dia d'endoenças;  
Logo o enfado da vida adormeceu-me.  
“Voa, terra do sol que vem nascendo,  
“Receber os seus raios que se perdem  
“No árido espaço, de fecundas flores  
“Murchas regiões abrir...” Eu sobressalto,  
Caindo o livro. Pelas ruas corro,  
Como levado de u'a mão: no peito  
Se engrossando o coração me estronda;  
Em destroçado pensamento a frente

Me sussurrava. Agora tudo pára.  
O círculo em que eu ia, se escoando,  
Desencantou-me em terra. Deus! a sombra  
D'Ana fronteira a mim! Quantos amores  
De um sentir tão místico se libram  
Neste espaço, infinito! encadeado,  
D'entre os meus olhos e os seus olhos!... e ela,  
E eu, mão grado nosso, nos fugindo,  
Gênio invisível nos sustinha: encanto,  
Flecha atrativa se irradia dela,  
Eu era o astro do meu centro em torno.  
Eu senti uma voz úmida e vaga  
Como brisas de seda me enleando  
De asas vaporosas, e um perfume  
De boca virginal; rumor depois,  
Como do estremecer das folhas verdes,  
E as rolas quando voam. Que me arrasta?...  
Como d'aurora afugentado sonho,  
Minha alma foi de mim. Rangeram pedras,  
Bem como outrora na cidade santa.  
Chamou-me louco atropelada turba.  
— Mais divina que amor, oh, mais celeste  
Do que o reino dos céus e o ser dos anjos!  
E eu bem cansado desta vida morta,  
Viveu-me o seu amor! Dentro de um astro  
Correndo penetrei na minha gruta  
Sem luz: tudo uma sombra povoava.  
Estendi-me no chão dando uns abraços,  
Beijando uns pés em soluçar de amante  
Feliz — felicidade o amor somente —  
Eu era o esposo dessas sombras todas,  
Todas uma, ou meus olhos todas elas,  
Ternas de mira, chorando aos meus delírios.  
— Tu me fazes cristão, tu dás-me a crença,  
Tu és o signo santo dos meus lábios  
Quando a aluada em límpidas endechas  
De ti falando despertar-me vem:  
Ó ave da manhã, quem que ensinou-te  
Dizê-la?... Me alevanto, e vejo o dia  
No oriente indeciso. Então, brandindo  
Na minha voz teu nome, eu vi a erguer-se  
Das montanhas o sol; risonhas luzes  
Se suspenderam nas fitaceas palmas,  
Que se dobraram refletindo orvalhos

Adiante dele; balançou-se o vento;  
Estremeceu a selva, como as virgens  
No fim do sono sem sonhar suspiram;  
É pelo em torno se afinaram rústicos  
Saltérios de alegria. Viste, ó Ana,  
Ó sombra da mulher que não existe,  
D'uma existência dúbia a natureza  
Abrir-se como a flor? assim minha alma.  
Porém, eu sonho que de mim te arrancam:  
Meus gritos, meu chorar de nada valem...  
Mesmo sombra de amor, que eu ame, eu perco!

Tudo é mentira em miserável mundo!  
Tu, que eu julguei-te dom celeste e santo,  
A maldição a ti, que me enganaste,  
Falsa amizade... não és mais que do homem  
Hipocrisia e Serpe. E eu pensava  
Do amor na eternidade... maldição  
A toda esta existência! Nuvem bela  
Cobria uma hora a flor que o vale cresce.  
Apareceu o sol — negra verdade!  
E tudo não foi mais do que uma sombra,  
Uma estação da momentânea infância.

Hoje, ó irmã, eu recebi tua carta,  
Na flor do amanhecer me alevantando,  
Como essas aves que n'aurora cantam  
No teto da choupana e estão dizendo  
Que o sol já nasce: e eu que no meu leito  
Arquejava dobrado dos mãos sonhos,  
Foste lágrimas d'alva, o dia d'hoje...  
Encheste-me de amor todo este dia!  
De nossa mãe, tão doce, me falavas:  
"Deus lembre-se de sua alma... eu sou tua mãe...  
"Não me fales assim... morrer tão longe,  
"De dor e de saudade, onde não saibam  
"De ti homens e o mundo... ó meu amigo,  
"Quantos punhais no coração me embebes!...  
"Deus quer nos consolar... do esposo ao lado,  
"Um bem perto do outro nós vivamos  
"Sempre, sempre, meu Deus!... serei tua mãe,  
"Teu consolo, depois desse gran Pai  
"Soberano, a quem sempre eu rogarei  
"Tão triste presentir, e os sonhos mude,

“Tire do solitário pensamento...  
“Não desanimes — tão esmorecido!...  
“Já estás cansado de viver? é cedo —  
“Oh! é tão cedo — vive mais um dia!...”  
Que palavras do céu! ainda a terra  
Dá flores que nos dêem tão grato aroma?...  
Oh, fala sempre dela, nossa mãe!  
Há tanto tempo morta... oh, fala sempre!  
O que derrama no meu peito a lágrima,  
Dor, orfandade, dá-me também vida:  
E minha alma viver, é na tristeza  
Solitária exilar-se; o dó dos túmulos,  
Da saudade cobri-la. Me rodeiam  
Tristes sombras da noite, frias, mudas,  
São mistérios do morto: e tu disseras  
Meu limite amanhã, hoje chorando;  
Porém não, é minh’alma que é tão triste,  
Nem tenho tanto amor, que a vida chore.

São teus melhores dons o pranto e as dores,  
Senhor, porque mais perto a ti nos levam:  
Por isso eu amo a noite, amo o deserto —  
Lá se desatam as prisões magoadas,  
E só contigo estou, e não nos ouvem.  
Nos perigos do mar, sobre o naufrágio,  
Quem teu nome ensinou, que o nauta ignora?  
Ao moribundo que se estorce e dobra,  
Que sua vida passou salteando os montes,  
Descrente as veias qu’inda rompem sangue  
Com suas unhas cortou — seus ais da morte  
Quem do teu nome encheu, ferindo os troncos  
E as penedias que seu leito o ouviram?...  
Ó Pai, ó Deus dos homens, Deus dos astros,  
Que nessa hora tua mão piedosa estendes  
E uma esmola de graças nela brilha!  
Horas felizes do perigo e dores,  
Solenes, belas, do Senhor tão perto!  
— São teus filhos eleitos esses bardos  
Gemendo pela terra sem ter pátria,  
Rodeados de morte, os pés te beijam.

Sobre o mar, procurando o céu, se eleva  
Em colunas de sombra e de ar e d’água  
Um templo: vejo um ser baixar sobre ele,



Que as colunas brandeiam, o mar se arqueia,  
Humildemente geme, e o mar indômito!  
Mais puro do que a noite, eu mal o enxergo,  
Como o sol... não, não é, que o sol num disco  
Encerra as fôrmas de ouro: não tem fôrma,  
Parece a eternidade e o infinito!  
Disseras qual uma ave transparente  
Que com as asas envolve a imensidade!  
Uma luz, que concentra-se a extinguir-se,  
Dando mais claridade ao pensamento,  
Quanto a tire aos sentidos; que tão pura  
Estende-se d'ali por toda a parte,  
A terra, os astros e os celestes ares  
Sem refração seus raios trespassando,  
Embebendo de vida e de piedade;  
Que tudo anima e faz amor tão santo,  
Que de um só pulso inteiro este universo  
Uma respiração palpita eterna  
A ela só! Nela só tudo desperta:  
As aves vivem mais a ela cantando;  
As plantas quando o zéfiro as agita;  
O mar quando mugindo balbucia,  
Infante o nome de seu pai, mais vive;  
O bosque amigos não teria e os ventos  
Se fossem mudos, não dissessem — Deus!  
Eu também vivo mais, morrendo nele;  
Oh, tudo vive mais nele vivendo!

Sai minha alma de mim, ante os altares  
Não subiu: filho ingrato, arrependido,  
Que aproxima seu pai timidamente;  
Cão que mordera seu senhor, que humilde  
Se arrasta e esconde-se em lugar sozinho,  
A vista lenta, e doce como a crença,  
Espiondo-o por ver se ele o perdoa —  
Assim piedosa por detrás das ondas  
Pede sombra às colunas... Mas, quem tudo  
Afugentou, cobriu de horror do mundo?...  
Geme a festa nos flancos do castelo,  
Impura ondulação d'infrenes vozes  
Tolda o espaço: minha alma recolheu-se  
Trêmula e fria a emudecer de susto;  
E da poeira sonora que ergue a terra  
Eu não vejo mais nada, os olhos turvos.

E depois outras vozes me perguntam:  
“Se fosses um caminho, onde encontrasses  
Salteadores mil e um homem preso,  
E te dissessem: este homem vai morrer:  
Se queres passar livre, mata-o; ou morres:  
És simples instrumento. O que farias?”  
Respondi: eu sou livre, não matara,  
Me perseguira a sombra do assassino;  
Morresse embora. Riram-se de mim.  
Perguntei-lhes: se fosse o prisioneiro  
Vosso amigo mais íntimo? “Matávamos;  
Porque ele ia morrer, e nós somente  
Nossa vida salvávamos, podendo  
Ser úteis inda a ele e aos que ficassem.”

Se fosse vossa amante, vossa filha,  
Se fosse vossa mãe? “Inda matávamos;  
Assassinos não éramos, da morte  
Sendo o punhal por mãos d’outrem vibrado.”  
Ri-me deles então. Mas, vossa mãe  
Com um semblante de céu pelo seu rosto;  
Com seus olhos de lágrimas olhando  
Seu filho que ela amou, beijou na infância,  
Com seu canto da tarde sobre o leito  
Embalou e adormeceu — seu filho  
Que ela abençoava ao sol nascendo,  
Nas estreitos da noite, e à flor do campo,  
Ao vento quando move a natureza;  
Sua alma da existência era o seu filho,  
Seu filho os seios lhe romper, sangrá-lo  
De morte! donde a vida em lácteas ondas  
Corria-lhe, num rio espontâneo  
Do céu por climas divinais passando!  
Ela piedosa vos pedira a morte,  
Sim, por vida inda dar-vos: leopardos!  
E a maternal doçura feminina  
O peito d’homem não brandira — egoísmo!  
Por um dia talvez já só no mundo,  
Que se passa a dormir, que nada vale,  
Dereis a morte ao que teria inda anos  
De vivo ter-vos na moral do amor...  
Um cão já vi morrer salvando um homem!  
— E eu matar minha mãe... meu Deus! viessem

Raios do inferno sobre mim, serpentes  
D'asas e olhos de fogo, com mil mortes  
Todas 'sfaimadas, com mil deuses, todos  
Unhas e dentes regaçando em fúria  
Para acabar-me — ainda eu me sorrira —  
Os monstros friamente desdenhando,  
Nos pés de minha mãe eu suspirara  
Meu último suspiro; e ela morrera,  
Nós ambos morreríamos! Ó homens,  
Deixai-me com meus sonhos, com minh'alma,  
Não vinde perturbá-la; diferentes  
Vós não sois meus irmãos, vos tenho horror!  
Naqueles ares, vede, há pouco estava  
Edificado um templo: eu sossegado  
À sombra do meu Deus parava uma hora:  
Falastes, tudo se sumiu! deixai-me  
Co a minha noite e as minhas ondas, tendes  
O dia inquieto para vós e o mundo.

Vem, ó musa, modesta divindade,  
Em pedaços minha alma na poesia  
Verter: eu te amo! que minha alma rompes  
E mais leve me deixas do seu peso,  
Tão descorada! quem das faces úmidas  
O veludo celeste matutino,  
As rosas virginais tão cedo esfolha?  
Também a dor apaga, como a onda  
O dourado fulgor da areia branca,  
As faces; nos teus olhos lá se extingue  
A esperança: mulher enganadora,  
Por quem morrem os homens iludidos,  
Esgotados de vida e crentes nela.  
Dizendo inda ela no cair do túmulo  
Co'os braços de cadáver suplicantes,  
E ela voa risonha d'inconstância.  
Minha terrível inimiga, esp'rança!  
Secaste os meus jardins e as minhas linfas;  
Eu morra ao menos sem te ouvir longínqua  
Teu canto sirenal; roçar tua vestia  
Crepitante a caírem minhas pálpebras,  
Se estendendo na morte; deusa falsa,  
Vá tranqüila, minh'alma deste inferno,  
Onde à tua voz somente errante andava;  
E cansada da vida, outra não pede;

Mas, inda viverá se Deus o manda.  
Nem para os céus nem para a terra, esp'rança,  
Não careço de ti, mulher perdida!

Pelos vales do espaço a vista eu solto  
Por detrás do horizonte, quando as nuvens  
Ao céu limpo não traçam seus limites;  
Tão amplo e tão vazio o Armamento  
Só adormece e eleva: então me sinto  
Túmido o cérebro, esquecer meu peito  
Meu coração, d'uma alma entorpecida,  
E de um pesado pensamento assombras  
Abatem-me: Senhor, dá vida e força  
Que eu possa compreender-te para amar-te,  
Dizem-m'ó os homens; mas a voa dos homens  
Estéril para mim, ouvir nem posso:  
Sou como eles; me fala tu somente!  
— Tu vens no galopar da tempestade?  
Vens no pavor da noite e sobre o sol?  
No tempo derribando nos seus passos  
Tão largas gerações e gerações?  
Com pés de fogo a terra verdejante  
Fazer passando adusta, esses impérios,  
Cidades em pedaços palpitantes? —  
Mas os meus olhos materiais não bastam!  
Vem tu mesmo, a verdade e o infinito,  
Refletir na minh'alma, que se esmaga  
Sob o impossível no estupor que fazes!  
— Como tu fazes delirar è matas  
O que em terra se arrasta ínvio às tuas portas!  
Oh! que pai que tu és! oh! maldição!  
Se eu pudesse dormir sono de um morto,  
Por não sonhar em ti, dera esta vida!  
Balar da vaga humilde, és só às praias.

E aquele sol cobarde vai fugindo  
A voltar-me o seu rosto! se eu pudesse  
Pelos cabelos arrancá-lo ó ocaso,  
E destes braços o suster imóvel  
Lá no meio do espaço, e frente a frente,  
Fender-lhe o peito, que uma voz soltasse  
Em fumo envolta!... A lua desmaiando  
Se encobre por detrás dos arvoredos,  
Uns olhos timoratos da donzela

Dissimulando a idéia, e detençosa  
Fez dois passos no azul, tremeu de mim.  
E este vento, que há pouco nos meus ombros  
As elásticas asas meneava,  
Escapou-se também, me ouvindo — eu só!...

Mas, o rio que passa azul, vermelho,  
Conforme a cor do céu, quem foi que o fez?  
Quem é que do despenho alcantilado  
Leva-o saudar os campos e esses vales?  
E este vento que me açoita as faces  
De condenado e arranca-me os cabelos?  
E este coro florestal da terra,  
Solene e cheio, como dos altares,  
Vozes, órgãos, incensos todo o templo?  
Este meu pensamento pressuroso  
Rolando dentro em mim? este meu corpo  
Ninho dessa ave de tão Vastas asas?...  
Quanto é sublime todo este universo!  
Quem te negara o ser? — quando houve tempo  
Quando nada existiu, que tudo fez-se!  
Más, o infinito compreender não posso.  
Donde saíste, Deus, onde vivias,  
Rodeado do espaço? ele gerou-te  
Por dominá-lo sol onipotente?  
Mais ele fora. Não. Acaso o caos,  
Revolvido incessante às tempestades,  
Estalado em lascões, lavas brilhantes,  
Outras térreas, librando-se embaladas  
Nas asas da atração fraterna entre elas,  
Qual presas pelas mãos por não perderem-se,  
Ordenou-se por si? ou fora acaso  
A criação fatal, tudo se erguendo  
Segundo as circunstâncias? Oh, inferno  
Da obscura razão — mofa, ludibrio  
Com que Deus pisa o homem! Um Deus fez tudo!  
Um Deus... palavra abstrata, incompreensível...  
Mas a sinto tão ampla, que me perde!  
— E então, quem aos mares suspendidos  
A verdura defende, e que se atirem  
Uns astros sobre os outros? Deus... um Deus  
Ao sol dá cetro e luz, asas ao vento,  
Leito às águas dormir, delírio ao homem  
Quando queira abraçá-lo. Dorme o infante

Sob os pés de sua mãe, que ama e não sabe:  
A natureza ao Criador se humilhe.  
Não tenho alma infinita, porque é cega  
A verdade imortal: visse ela o eterno —  
Quanto eu amara! quanto! Eu sou bastardo,  
Não sei quem são meus pais... se amar não posso,  
A existência me enfada: enjeito-a, e morro!

Eu estava num mar de calma  
Amplamente cheio de sol, meu peito o esquife  
Mudo arquejava; as velas da minha alma  
Não arredonda nem um vento — descem,  
Pelo coração se escorrem; durmo  
No meio das soidões de minhas mágoas.  
Senti na minha face um doce alento  
Trazer os meus cabelos: fria e tímida  
Mão seráfica a testa levantou-me  
Com liberdade fraternal; meus olhos  
De pranto escuros não puderam vê-la.  
Duvidava uma voz de sensitiva,  
De flexível luar, longínquo incerto,  
Porque era virgem e amante; mas, coragem  
Deu-lhe a piedade, o amor: eu tenho ouro,  
“Muito ouro p’ra dar-te; ergue a tua vista  
“Da terra, qual meditas que ela guarda  
“Tantas riquezas, te denega escassa  
“O teu pão de amanhã... sê meu esposo...  
“Meu esposo feliz! — além desta alma,  
“Uns anos alvoraes e os meus amores  
“Castos, muito ouro para dar-te eu tenho.”  
Os meus olhos na terra pelo ouro!...  
Não, pesados de morte descaiam:  
Um só meu pensamento ao ser mundano,  
Ao sanguíneo motor nunca eu dei,  
Eu andava bem longe! Se eriçava  
A longas dobras de um espanto belo  
E de nervosas comoções minha alma  
Sobre as bordas do nada: lá nascia  
O mundo, os campos se estendiam, os montes  
Sobrepunham-se, e logo o bosque, as ervas  
Coroam e cobrem de folhagem e sombra;  
Eu sentia esmagarem-se na esfera  
Os astros seu caminho procurando,  
Rebanho alvoroçado em campo estranho,

Depois se acomodavam; o sol despede  
Seus raios primogênitos; mais fracas  
Estreitos às mais fortes se rodeiam,  
Como o rei do Oriente está no meio  
De mulheres tão brancas, tão mimosas.  
Porém sem luz, que o seu amor reflete  
Em distância. Eu choro, virgem moça,  
O amor, porém não o amor da carne;  
Eu choro a dor que o corpo não conhece  
Nem teu ouro não cura. — De repente  
O mar tremeu; as ondas sepultavam:se  
Assim, perto de nós, como só a terra  
Debaixo as devorasse, nos ouvindo;  
Surdo estrondo banhou todo o horizonte,  
Terremoto passou submarino.  
As mãos prende nos seios assustados,  
Respirando perdão nos olhos belos  
No rosto meia-cor, tal pousalouosa  
Folheia as asas que de sol se orvalham  
Por céu de brando, d'inocente azul.

Não te aterres de mim, fala um defunto  
A virgem longos braços amorosos.  
Eu já não vivo mais: vês, como eu fujo  
De ti, mugindo às solidões e às noites,  
De monte em monte, como a fera errante?  
Amo abraçar a rocha sonora,  
Quanto amava a mulher inda homem mesmo  
Meu peito aquece a pedra, e destas mãos  
Afago as ondas suas que me cercam.  
O bardo d'ilusões, que ia cantando  
Mimosos carmes do equador esplêndido  
Pelas margens risonhas da esperança,  
Acabou:tenho ódio aos céus, aos homens,  
Troco a luz peto sombra, e só respiro  
Destruição e tempestade e morte!

Como ia tão fresca a primavera!  
E eu me sinto cair do verde cume,  
Qual fruto apodrecido pelo inverno,  
O velho d'alvas cãs d'envira branca  
Que de viver cansou; nem tenho inveja  
Ao homem que em seus cálidos estios  
Contempla o vasto da existência. Ai dele

O que desesperou deste mistério!  
Deste silêncio estúpido nos céus!  
O pavoroso assombro de natura  
Em vago e néscio sussurrar! Ai dele...  
Desprezo ao mundo, e maldição a esta alma,  
Que os olhos abre para ser mais cega!

Uma onda no mar levando o eco,  
Meu coração é campá solitária  
Errante petos navegadoras  
De túmulos desfeitos, rotas sombras  
Do peito meu; é como ave ferida,  
Que somente estrebucha, entesa as asas  
Para os gemidos no estertor da morte:  
Nem Líbano sagrado eu sou, e a gleba  
Da eternidade os cedros meus não plantão;  
Nem olho para o longe, envolta a fronte  
Em negros braços de ataúde, eu durmo.

Cansado viajor, descanso à base  
Do monte que desci — frondosos campos!  
Onde as imagens duvidosas, belas,  
Verdes folhas arrancam-me passando  
Os ventos a perder: eu estremeço  
Que nos véus d'illusão que além s'estendem  
Não durma o raio da desgraça, e as flores  
De pétalos rosados não me arrojem  
Com seu peso de ferro. Oh! doce aurora! —

Era fantasma; a voz de escuridão  
Na carreira dos ventos misturou-se:  
“Que faço, qu'inda existo? a morte! a morte!  
E os teólogos dizem — nossa vida  
Pertence a Deus, que a dá — Miséria ao homem  
Vil existência mendigando, fraco!  
Inda aos dias mais fundos de desgraça!  
E eu inútil no mundo, e lasso dele,  
Minha vida nas mãos, não quero os dias...  
Espinhados cabelos se amoleçam,  
A fronte alise-se aos que me ouvem mudos  
Com fixo terror passar nas sombras  
Pela esfera infernal das minhas noites —”

Sonho, sonho de amor, que me adormece”



Tumultuosa, amotinada esta alma!  
Uma inefável ambição me segue:  
Mulher, uma somente, como os anjos,  
Em cujas mãos eu desfolhasse todo  
Este amor que me anseia, vaga viva  
A querer se perder. Feliz da virgem  
Que nasceu para mim! que eu acordá-la  
Ao meio dia do amor! como essas flores  
Que abrem à força do calor do sol;  
Por isso ainda mortas vertem cheiro  
E o vivo do escarlata não descoram,  
Como as d'aurora que favônio anima  
Só Enquanto do orvalho umedecidas,  
De fresca mocidade as faces tintas.  
Essa que sobre mim primeiro os olhos  
Acender de paixão, que ainda estavam  
Entre as capelas virginais fechados;  
Essa, onde o candor de um riso infante  
Envergonhou primeiro o gesto ameno,  
E o coração repreenda è de mimosa  
Busque, pobre! tirar de si minh'alma;  
Essa, dormindo da existência o sono  
Desde os seios da mãe 'té ao meu peito,  
Alto o sol, viu-se nua diante dele —  
Não era volúpias sensuais enferma  
Descamisando-se, espasmando o corpo —  
Num assalto de amor vago, encantado,  
Pudica rosa em flor, se esconde, crente  
Que no seu rosto o coração lhe salta:  
Ó virgem, onde estás? ó rainha noiva!...  
— Lá das partes do céu a vejo... vem...  
Vós podeis começar os nossos dias,  
Lácteas manhãs e as brisas da montanha!  
Casal ditoso, nós não pecaremos,  
Aqui não há serpente. A minha fronte  
Somente por dormir o teu regaço,  
Teus pés hão de embalar, nos meus cabelos  
Sentindo o afago da tua mão cheirosa.  
Nosso universo só de nós composto,  
Amores respirando no ar, amores  
O coração banhando, iremos longe...  
Onde só testemunhe a natureza,  
A terra, o vento e as estreitos altas  
O nosso corpo nu... anjos selvagens!

Os berços de roseiras e a ramada  
Não murcharão neste Éden: novo sol  
Há de ver se murchando o velho monte,  
Novas flores nascer, nova esmeralda  
Dourando nova relva, se estendendo  
Dos pés aos joelhos, como à luz aspira,  
Por o cinto lamber, braços d'esposo  
No enlear de enlevos — oh, triunfo!  
Nestes jardins há Deus, sobre este clima  
Ondula o Armamento dos amores.  
A tempestade, o mar, a voz d'ameaças  
Nos provocara o riso: o sol somente  
Nossos quentes vestidos, muda lua  
Nos seus serões de luar tão só nos vira —  
Longe dós vivos, evocando os céus!  
Eterna vida! amor eterno! esta alma,  
Ave perdida, errante, hoje somente  
Ao ninho conhecido, ao ninho amado  
Levantará seus vôos, e do passado  
Sem ler nem crença não terá saudades.

— Vê-la saudoso-olhar mui longamente  
O caminho que eu fui, quando lhe ouvia:  
“Adeus, vem cedo”: e vê-la inda sozinha,  
Qual presa à minha imagem que a circunda,  
Pensativa e bem triste: e quando, bela  
Como céu, num relâmpago assaltada  
Voando me encontrar, dar-me tão linda  
Uma face de amor ao beijo amante,  
E de alegre de mim desapareça...  
E sempre, sempre no primeiro dia,  
E dizer-me lá da alma: “Como podes  
Essas horas passar sem mim tamanhas?...”

Embora o sonho se rompesse, eu vi-te!  
Chamei-te anjo dos mares: oh! me salva,  
Terra onde eu tenho de aportar, ou morro  
Nos escolhos da sorte, a não perdida!  
Chamei-te estrela do pastor; chamei-te  
A flor dos céus, que eu vejo solitária  
Minha irmã, como eu sou, no mundo d'homens  
A mim teus olhos só te amostrem, como  
Ao sol nos céus do dia os astros morrem.  
— Mas, nada foi: embalde nos meus olhos,

Como a luz, eu julguei tudo ela ser;  
As árvores em flor eu sacudia,  
As que eu achava mais como ela; embalde  
Eu vi brancas imagens se gerando  
Na rainha voz — perdiam-se qual nuvens,  
Qual pombas vaporosas no horizonte  
D'alvas da esp'rança e da felicidade:  
Um eco prolongava-se, e somente,  
Em rápidos, sensíveis ondulados,  
Canto d'ave da tarde após a chuva.  
— Anjo mimoso, de nevadas roupas,  
E os cabelos de sol, os pés argênteos!...  
Amo esta sombra — tu, mulher não és.

Porém tu me dizias no descermos  
Daquele morro à tarde: “nestas virgens  
Amor não ha, poeta, ouro somente  
Os pais lhes mostram; teu cantar desdenham,  
És pobre, nada vales: e que importa  
Alma capaz de suspender os céus  
Abaixados aqui na vida íntima,  
Que à natureza o coração desdobra  
E o corpo despe desta impura terra?...  
Que importa — és pobre, nada vales. Olha,  
O homem que lá vês delas cercada  
É vil traficador, nasceu tão baixo:  
E hoje um potentado numeroso,  
Vai às salas do rei, brilhante o peito!  
A velha pobre mãe 'stá pelas ruas  
A mendigar o pão, ele a desmente  
Quando a benção lhe dá! Órfãos, viúvas  
O nome seu maldizem; mas tem ouro  
Tanto, à vista perturbar! Suas filhas  
Mais límpidas e tenras são presentes  
Que os pais ricos lhe levam; e esses olhos  
Tintos em menosprezo, resvalados  
Pelas costas a amor, que ouro só quebra,  
Arrasta nos seus pés, deita era seu chão  
Marmórea cortesã de frios risos,  
De fáceis prantos que seu peito ignora.  
Não há felicidade, isto que é d'alma  
Nas metálicas fôrmas se mareia;  
Amor do corpo só — n um dia, cansa,  
Enfastia a existência, a alma se fecha.”

— Mas, eu te respondia: e que me importaria  
O ouro e os amores das mulheres?  
Eu, descrente do mundo, adeus eterno  
Disse às suas virgens. Fale a natureza,  
Cala a fortuna: a timidez dos campos,  
Ou a filha do príncipe soberbo  
Há de ser minha, morrerei por ela,  
Mão grado o meu destino: indiferença,  
Eu desprezo o que possa a terra dar-mo.

Amava uma criança outrora, quando  
Aos seus brinquedos inocentes via  
Voltar minha existência; e tanto amou-me,  
Aos carinhos deixar da mãe querida  
Pelo vir suspendesse em meu pescoço  
Beijando-me, apertando-me: parece  
Que nela estava a aurora dos meus dias  
Em cada amanhecer se enrubescendo;  
E já corriam negros de tristeza  
E de orfandade. Oh! tudo era alegria  
Diante dela, nascer: luz matutina  
Que um zéfiro alevanta afugentando  
Os primeiros negrumes da minha alma.  
Borboleta do prado ao sol voando  
As asas brilha e esmalta, a mim se lança  
Nos raios de um amor do coração:  
Vejo-a límpido lírio rodeado  
Do candor virginal, despenteada,  
Co a camisa infantil nevada e pura,  
Os braços nus e o colo, os pés de rosas,  
Levantar-se do leito e vir correndo,  
Mimosa e barulheira como a cria  
Que salta na campina ao vir do dia,  
Seus beijos matinais pôr-me na frente,  
As mãozinhas correr nas minhas faces,  
Que no seio lhe encosto perfumado  
Ondeando de angélica inocência,  
De vapores de amor, que exalam anjos.  
Vejo-a no sol pender, cantando os pássaros  
Com saudade, e nos hinos vegetais  
Pelos desterrados da montanha e o vale;  
Nas palmeiras cadentes no horizonte  
Qual lâmpadas etéreas, ou de noite  
Alvejando-se os campos estrelados

Como frota no mar; e sempre exata  
Minha sombra, meu raio me seguindo  
N'um cativoiro que o amor prendia,  
Linda abelha que em mim seu mel formava.  
Caminhando o céu d'astros, nos cobrimos  
Dos seus moles e trêmulos clarões,  
Como das barras da manhã vermelha  
Do formoso equador; e eu lhe mostrava  
A natureza esplendida nas flores.

“Vem comigo: desponta alvo açucena!”  
Eu lhe disse, e por vê-la acompanhou-me  
Um meu contemporâneo, meu amigo  
D'infância, belo, namorado e ledó,  
Quanto eu era sombrio e mudo e triste:  
Cadeias trança deslumbrantes, grossas;  
Era a flor dos salões e da beleza  
E na lira cantava os seus amores.  
— Olhou-nos a menina friamente,  
E d'entre os meus joelhos desdenhosa  
Foge ao gentil, ao festival mancebo;  
E os anéis aflagando que pendiam,  
Fez um ar de mulher e abandonou-me!  
Eu senti meus cabelos se entesarem!  
Mofou da minha voz desconcertada,  
E que o luto e a pobreza me cobriam,  
E nunca mais amou-me. Ó natureza,  
Ó Deus, que fazes a mulher tão bela  
Desde o berço, e tão fraca! inocentinha,  
Que má sorte é a tua, que o teu peito  
Sangue tão mão banhou! e eu te amava,  
Com que amor eu não sei, mas é verdade.  
Hoje mais fortes te coroam os anos,  
E a minha voz escutaras piedosa.  
— Espera a natureza aos teus amores:  
A terra é falsa, não te iluda a terra.  
E eu de minha vez jurei que o ouro  
Nunca brilhara sobre mim: não quero  
Que por ele me adorem. Quando a virgem,  
Quando eu nos encontrarmos, que a corrente  
Do amor nos junga e comunique, entre ambos  
Mais nada além de nós — triunfe o amor!

## XXXVI

Ó noites infernais da minha vida!  
Desespero e descrença os céus e a terra:  
Lá não tem uma voz que diga — esp'rança!  
Aqui não há sorrir que diga — amor!

Uma lua cansada e sempre morta,  
Dormindo pelos cumes das montanhas;  
Uma hipérbole bruta; uns pirilampos  
Numa abóbada férrea pendurados —

Áridos campos onde moram pedras!  
Não vejo a aurora mais do que um semblante  
D'escárnio à humanidade; o feio ocaso  
Os olhos a fechar só lembra a morte.

A terra por si mesma faz-se em homens:  
Zumbe espectro inconstante de urnas horas,  
Nem mata a fome, e vai-se desfazendo —  
Inda a sonhar, que não viveu, sonhava.

Meu sonho dos felizes, que passou-se,  
Porque me despertaste? Entrei num céu.  
Ouvindo — eu te amo! — foi mentira. O inferno  
Hoje me envolve, me envolvendo o amor!

D'esperança em esperança corre a vida —  
Existir é esperar: porque eu morri  
Desde que a vela suspendendo ó acaso  
O meu canto entoei desta desgraçai

Mar sem praias! — seus ventos me diziam;  
Não vês lá no horizonte os verdes cumes  
Juntos ao céu? — Andei! fagueiro e ledó.  
E tão cansado, e sem chegar mata nunca,

Vi caindo a verdade! Eis porque eu morro:  
Vive quem dorme e sonha. A dor me uivando,  
Eu quis aniquilar minha existência,  
Que era fantasma o ser, mentira a vida.

Meus ecos delirantes retumbaram  
Na minha alma em suas chamas consumida,

Em vão!... Quero viver — vem, céu da noite,  
Banhar-me do teu sono: eu durmo, eu vivo.

Demônio d'alma, ceticismo horrendo,  
Filosofia cega, oh, vai-te! vai-te!  
Das opressoras escarnadas garras  
Solta-me — aos vales da obscura crença.

Esquece-te de mim, fecha-me as asas  
Sinistras de sombrio noitibó:  
Eu quero amar a Deus, homem e os anjos:  
Vai-te! deixa-me em paz — feliz eu sou!

Consumiste minha alma enegrecida.  
Tu disseste, que um Deus não me acompanha;  
Vã fumaça minha alma, que meu corpo  
Em cinzas perderá passando o vento.

Me negas um repouso, um doce amigo;  
M'incitas duvidar no amor da virgem:  
E murcho e frio me recolho às sombras  
Da minha vida a me abraçar co'a morte.

Olhei... Meus dias vi do sol caindo.  
Escutei... Foi meus lábios estalando  
Em maldições ao ser desta existência,  
Ao Ser que sobre o sol conta os meus dias!

E eu que me assentava ao pé da serra,  
Vendo as estreitos como ninfas de ouro  
Subindo lá do fundo da corrente,  
Começando-se a noite a encher de sombras;

Esperando que a lua atravessasse  
No vale, por saudá-la destes nomes —  
“Ana e minha mãe” — achei só túmulos:  
Pálido o amor, pálida amizade!

Achei a minha vida ser tão longa!  
Como o passar da eternidade: embalde  
Dormia as horas, e nas dores de hoje  
Meus dias de depois eu descontei.

# SOLIDÕES

XXXVII - V \*\*\*

(À MINHA IRMÃ MARIA-JOSÉ)

*Não mais o amor fatal, o amor do inferno:  
Encanto o amor da natureza — Salve!*

Quando fores mais crescida,  
Quando souberes falar  
Quando mu dares os dentes,  
Deixaremos o palmar:  
E este pé de mangueiro  
Que sombreia este lugar  
Há de cair de saudade  
Sobre estas águas do mar.

Na leiva de terra estranha  
Cai do bico d'ave errante  
O grão que preso levava  
Era seu voar inconstante;  
E dali nasce uma planta:  
Quem foi que a plantou? Avante,  
Por entre as moitas da urze  
Desmaia enjeitada infante:

Nem da quadra cultivada  
Pelas mãos do lavrador,  
Nem da semente aquecida  
Em seios fortes de amor,  
Ela não foi... desfalece,  
Como os mistérios da flor,  
Olhando a sorte de Deus  
Em muda, inocente dor.

Nos seus banquetes o mundo  
Espera a filha sem pai;  
Os homens lançam-lhe o preço;  
Em vil miséria descai:  
Rode a os olhos mendigos,  
E nada encontra... um só ai!  
A morte sua presa arrasta;



Porém, eu digo: esperai!

Triunfo! triunfo, ó Deus!  
Não morres, filha, sou eu;  
És aos lados de teu pai,  
Ergue a fronte, o sol é teu.  
— Não mintas... como eu te amara!  
Meu pranto nunca escorreu  
Por uma felicidade...  
Estou nas portas do céu! —

Órfã da mãe perdida,  
Nem és a filha do amor,  
Que o fogo d'alva dos anos  
Só queima, não ama a flor:  
Nesse qual vago saudoso,  
Nesse qual perder da cor  
Bem dizes que és débil fruto  
De adolescente candor:

Desanimado crepúsculo  
Em teu semblante esmorece,  
És botão misterioso  
Que de manhã desfalece:  
Nem a brancura da rosa  
O corpo teu não aquece;  
O pardo destas campinas  
Sobre o teu colo adormece:

És a irmã da parda rola  
Solitária e só donzela,  
Quando co'a voz despoeva  
A tarde assombrada e bela:  
Como o gênio da tristeza,  
Tudo cala em torno dela;  
Se ela passa, tudo exila,  
Coitada flor amarela!

Corça morena dos montes,  
Bastarda cor do anajá,  
Todo o mundo te despreza,  
Como a tua sorte é tão má!  
Não!... do mundo eu nada quero:  
Filha amor, tudo aqui 'stá!

Vivamos como as correntes  
Do tortuoso Mapa. —

*Ribeiro da Vitória*

Escondido na espessura  
Lá da Vitória deserta:  
Que eu seja tudo o que tenhas.  
Teu astro da vida incerta;  
E só tu minha existência  
Que eu sinto que em ti desperta,  
Meu canto da nambu-preta,  
Flor nos meus jardins aberta.

Ó filha da escrava negra!  
Eu encontro em ti poesia.  
Mesmo no teu nascimento  
Do crepúsculo do dia,  
E no abandono dos brancos,  
Que te faz tão triste e fria:  
Tudo passa, a fira vive,  
Tu não tens noite sombria.

Cativa no ocaso d'ontem,  
Eis o sol da liberdade!...  
Eu choro, que tenho o peito:  
Tão cheio desta amizade l...  
Ao leito impuro desceras,  
Desceras antes da idade —  
Horror! as asas de um anjo  
Só voem à Eternidade.

Quando fores mais crescida  
E já souberes faltar,  
Quando mudarei os dentes”  
Deixaremos o palmar:  
Fazenda de meus paia.  
Iremos ver o Vesúvio  
Suas lavas aos céus lançar,  
A bela França há de ver-te,  
E as louras filhas do mar.

Tu, perfume dos meus dias,  
Que dar somente quis Deus:  
Ele o soube... é que na terra

Eu nada tenho dos céus,  
Além dos vago delírios  
Que vejo nos sonhos meus;  
Os meus amores são sonhos,  
Inda um sonho eu julgo os teus.

Tu serás a companheira  
Da minha triste existencial  
Te mostrarei dos estreitos  
A harmoniosa cadência;  
Das harpas misteriosas  
A virginal confidência,  
Ouvirás meus sons noturnos  
Da noite n'alta dormência.

E estas aves da tarde,  
E estas terras do lar  
Chorando te acompanharão  
No deixarmos o palmar;  
E este pé de mangueiro  
Que sombreia este lugar  
Há de cair de saudade  
Sobre estas águas do mar.

Ia tão triste o meu choro,  
Que o rio, o vento chorava;  
Mesmo a sombra do mangueiro  
Como a tristeza esfolhava:  
A minha pobre filhinha  
Ignorante e terna olhava,  
E de tímida e medrosa  
No meu corpo se apertava.

Sobre os pés do velho mangue  
A minha frente pendia,  
E minha filha brincando  
Parece mimosa cria  
Na relva do praturá;  
Longe a tarde se esvaía:  
As noites do Mariano  
Pelos meus olhos eu via...  
*Margens do Pericumã*

**XXXVIII - DIA DE NATAL**  
(AOS MEUS CONTEMPORÂNEOS DO PERICUMÃ)

*Raia o sol, brilha no talo;  
Morre o sol, fenece a flor.*

Tudo passa e vai com o tempo,  
Nossa vida e nosso amor;  
Doce quadra em que gozamos  
Logo muda em dissabor.

Fazem anos que n'aldeia,  
Pátria nossa onde nascemos,  
Leda gente concorria,  
Ledas festas desfrutemos:

Nossas virgens matizavam  
Nosso prado como a flor;  
Corria o vento nas folhas,  
Meigas palavras de amor:

Estendia-se o horizonte  
De fumarentas choupanas,  
Nos países d'arredores  
Cantavam brando as silvanas:

Rugia o tambor alpestre,  
Cadência vão os cativos  
Toada africana às danças  
Das crioulas d'olhos vivos:

Uma viola harmoniosa,  
Doce fruta pastoril,  
Mimosa esteira de relva,  
Nosso teto um céu de anil,

Noite e dia eram momentos  
Que como o vento passavam!  
Na minha infante donzela  
Meus olhos não se fitavam:

Nem mais os tempos meus dias  
Com suas asas me arrancaram,  
Em sombras de amor desfeitos

Em torno dela abaixarão.

E nessa pura inocência  
Tanto amor me arrebatava,  
Que minh'alma no meu peite  
Belos sonhos delirava:

"Anjo do céu, flor do campo,  
"Que me diceste que eu sou!  
"Fui como a noite obscura  
"Que n'alva o sol despertou;

"Levantaste a minha frente,  
"Meus olhos d'órfão cabidos:  
"Minha vida, amor, esp'rança  
"Eu vejo em ti renascidos!

"Oh! juro pela minh'alma,  
"Por ti, que dizes que eu sou,  
"Por este amor que me deste,  
"E à vida que me embalou:

"Ou morrer, ou suspender-te  
"Nos louros da eternidade,  
"Combater pelo teu nome  
"A sorte, a adversidade!

"Arrancar-te deste inferno  
"Para o meu clima dos céus,  
"Arrancar-te à morte, ao nada,  
"Se possível fosse, a Deus!...

"No romper desses nove anos,  
"Expandes as asas de amor,  
"Pura e cândida, remonta  
"Nas harpas do teu cantor."

Porém hoje no desterro  
Deste longínquo saudoso  
Minh'alma perde-se, esvai-se  
Onda do eco vaporoso;

Minhas horas vão pesadas  
Sobre a corrente da vida:

Me desanima a existência  
De uma tarde esmorecida.

E eu a choro, que a amava!  
A ela meu doce amor:  
Feliz! que os homens ignoram  
Quem dá-me tão pura dor:

A ela que apareceu-me  
De formosura radiante,  
E deu-me o dia à minh'alma  
Pela noite escura errante:

A ela sombra encantada  
Que d'inocente me amou;  
A ela que despertou-me  
E que me disse, que eu sou.

*Dezembro de 1853. Rio de Janeiro*

### **XXXIX - A MUSA**

*A. G. D.*

*O primeiro me falaste ao coração  
doce da infância. Minha musa despertou:  
e ao pôr-do-sol da vida efêmera,  
ainda se exala ao seu astro  
da aurora.*

É noite e solidão! noite e silêncio!  
Noite e minh'alma! noite e meus amores!  
Límpidas alvas não respira a lua,  
Nem ondas d'harpa eólia nem de vozes  
Não vagam: desce a sombra e cobre os vales  
Da penedia, na verdura umbrosa.  
Recolhe-me em teu seio, nos teus ombros  
Deixa cair-me a fronte mutilada  
Do triste pensamento e da tristeza;  
Deixa correr meu choro e os meus soluços,  
Filha da noite, minha musa, deixai  
Minha coitada mãe por toda a parte  
Erguendo-me piedosa se enfraqueço  
No caminho da vida tão difícil;  
Co'os cabelos me enxuga a fronte e os olhos

Da mágoa e do sofrer pisados, mortos:  
Diz-me “Coragem!” e me consola e anima.  
— Qual será meu destino? porque eu choro,  
Como quem vai morrer n’alva do dia,  
Deixando a pátria e toda esta existência  
Que eu tinha no meu gênio, e toda esta alma  
Que me embala num céu que tanto eu sonho?  
Tu, que és do céu, ó minha musa, fala...  
Ah! estremeces... é que eu vou morrer.

Solitário nas plagas do deserto,  
Errante como o vento, ou pelos mares,  
Na sepultura de meus pais chorando,  
De sombra em sombra procurando abrigo  
Nos ramos do cipreste, eu só contigo  
Tenho me achado, minha filha e amores,  
Tu, mãe que minha mãe deu-me em morrendo,  
Bafejando o meu corpo nos teus braços  
Como um berço d’infante, como um pássaro  
Movendo-me em seu ramo à viração;  
Tu, fiel junto a mim sempre te encontro,  
Sempre tu, sempre tu — numa alegria,  
Olhando para trás desse passado  
De lágrima e saudade, olhando adiante  
O astro d’amanhã longínquo e frio  
Na sua luz duvidoso. Oh! quanta vida,  
Quanta poesia, quanto amor eu tinha,  
Qual n’um globo de ferro um sol fechado  
Somente à espera de uma voz divina,  
Da inspiração de Deus para nascer,  
Dentro desta alma d’ontem! vacilante,  
Que há de se apagar voltando a aurora,  
Logo no amanhecer! Perdido Cygnus,  
Não mais, não te ouviram... Quantas mil flores  
Hei plantado! e um sol somente ao tempo,  
Deus, pedia por dar-tas perfumadas  
Nos jardins do ideal, puras e abertas.

Melancólica noite, minha musa,  
Como eu te amo assim! sombra nos campos,  
Sombra nos montes, nem a lua e estreitos;  
Somente o vento no deserto, longe  
O mar na costa, um lépido sussurro  
Exalando a folhagem. Horas tristes!

Meu corpo de cansado se desmembra,  
O dia nem passei rasgando a terra.  
Meus cabelos sombrearam minha fronte  
Que pende no meu peito, que a levanta  
No pesado bater, vibram-me as fontes.  
Então rios de mágoa e de tristeza  
Nas suas ondas me levam. Tremo a morte

Que sinto vir andando; eu abro os olhos  
Ao tacto de sua mão: vejo um sepulcro  
Aonde eu vou cair! já está tão cheio...  
As cinzas de meu pai, de minha mãe,  
Tantos amigos, muito amor perdido  
Pela foice do tempo, na minh'alma

Coros, incensos, luzes do meu templo,  
Que além do meu peito se extinguiram!...  
Hiante para mira, não vos fecheis,  
Sepulcro de meus pais — eu venho já,  
Quero ver minha mãe... porém, me aterra,  
Tenho medo da morte, nesta idade,  
Nem sei porque... os tempos não me esperam,  
Glória não vinga pobre flor dos vales,  
Coroas do carvalho da montanha.  
Porém à minha pátria, às minhas virgens  
Vindo abrindo tão puras, encantadas,  
Porém à minha mãe deixar quisera  
Pendurada ao seu túmulo uma lâmpada  
De luz, d'óleos eternos; ao cipreste  
Que dá-lhe sombra uma harpa que gemesse  
Passando o vento, ao homem que sozinho  
Repousasse sob ela, a dor no peito:  
Sob o musgo do tempo, na folhagem  
Temporã, não perdera-se hoje mesmo  
D'um noturno clarão piedoso e doce  
Seu leito d'anjo alumiado em sombras:  
Viria o coração sensível, triste  
No caminho da luz peregrinando,  
Derramar-lhe seus beijos com suas flores,  
Dorido pranto sufocando n'alma.

Oh, não mates ainda, o sol nascendo!  
Mais um dia, meu Deus! dá mais um dia  
À minha vida como a flor, tão pouco



Te pede um filho — dá! na eternidade  
Um dia o que é? Senhor! adiante!  
Adiante! vai morrer: em negra torre  
Do destino a tua hora está soando:  
Chegaste ao porto de manhã; Ó musa,  
Filha da noite, abraça-me e morramos!  
Adeus, belo universo de poesia,  
Que de em torno o meu corpo, nos meus olhos  
E na mente ralava-me: um chãos vivo,  
Que, como tu fazias num aceno  
As estreitos e o sol, na harpa que inspiras,  
Que sabes dar, Senhor, puros arrosios  
D'harmonia tu viras, teus incensos;  
Da casa do pastor humilde fumo  
Sumido aos turbilhões que os céus escurão  
Dos castelos dos reis; mas, receberas  
A pobre criação, também divina...  
O homem, o inseto são teus filhos, te amam:  
Vale tanto p'ra ti zumbido incerto  
Como um hino, que o mesmo amor os move.

Tão tristes minhas cândidas irmãs,  
Amigos que tenho hoje, e mesmo os outros  
Que d'outrora eu amei — ah, não me amavam!  
E esse límpido coro d'inocentes  
Qu'inda não sabem amar, que inda não sentem  
Feridas que homens fazem à morte eterna;  
Por isso rindo e amando, rindo ignaras,  
Que o outro amor só chora; as minhas rosas,  
Meus anjos do meu céu do pensamento —  
Vejo-as errantes, pálidas vestidas,  
Bradando por meu nome; eu não respondo:  
Desentrançam-se e choram pelas margens  
Do rio onde eu vaguei por esta vida;  
Perguntam-lhe por mim, pegam suas águas  
Por uma onda deter nas mãos tão frias,  
Que lhes diga onde estou; escutam, esperam...  
E nas águas suas vozes vão perdidas  
Tão belas que a ave emudeceu no ramo!  
Os louros da Vitória qu'inda esperam  
Estremecer à minha voz sob eles,  
Suas folhas me chovendo e a grata sombra,  
Onde espiam-me os pássaros calados  
Reconhecendo-me a tão longa ausência,

Gemendo murcharam de mil saudades,  
De desesp'rança mugiram na ruína.  
— Eis porque eu choro de morrer tão cedo:  
Porém, dos anjos rodeado, eu morro:  
Qual palmeira de argêntas borboletas  
Se cobre esvoando na manhã d'estio,  
Que fogem, quando ao golpe do colono  
Caio; coitadas, cintilando as asas  
Vem de novo pousar, erram nos ares  
Onde a rama ondeava, e se retiram;  
A metade inda volta, uma só, duas,  
Que mais o orvalho e o som beber-lhe amaram,  
Chegam perto, porém desaparecem,  
De acostumadas; por si mesma, triste,  
Inda o dia seguinte aquela vinha  
Que ainda o amor engana; então sumiram  
Por uma vez, e a palma a terra envolve.  
Assim quero morrer; inda descendo  
À noite quero ouvi-las suspirando,  
Em trepida candura as asas d'ave  
Tremendo desdobradas na corrente;  
Ouvi-las medrontadas do cadáver  
Que amaram apertar; mesmo fugindo  
Perdendo-me, esquecendo, amara vê-las  
No horizonte do túmulo espalhadas.

Fora belo voltar depois da morte  
E muda vista percorrer ao mundo;  
E, antes de tornar ao pouso eterno,  
Cantar saudoso adeus, nessa tristeza  
Desse solene soluçar dos montes:  
E traçar sobre as páginas da lajem  
Seus mistérios, mistérios desta vida  
Que eu não posso entender, e o Deus que adoro

#### **XL - O TRONCO DE PALMEIRA**

Oh! eu sou como a palma sem folhas  
Solitária nas praias do mar:  
Minha fronte seus ventos romperam  
Inda branca da infância doirar.

Os passantes aqui nesta fonte,

Quando outrora, tão doce, corria,  
Vinham todos beber: hoje seca,  
Dizem tristes olhando “um só dia!”

A verdura perdeu-se co’as aves  
Deste monte coberto de relva,  
Nem as sombras por ele se estendem  
Como vagas dos ramos da selva;

Como em fendas que o raio fizera,  
Hoje o vento só vem sibilar,  
Lisas pedras da encosta rolando,  
Pó fumante no cume a soprar.

Debruçadas no roto penhasco.  
Longas águas seu canto entristecem  
Pelas sombras da tarde, e com ela  
Do horizonte selváticos descem

Lentos ecos pousar, lentas rolas,  
Tristes filhas, do isolamento,  
Abstratas no tronco sem folhas,  
Sem ter vozes, sem ter pensamento.

Descobertas raízes lhe secam,  
Envergar-se disseras de dor:  
Sobre as ondas seus arcos descreve  
Ante os raios do sol do equador.

Sem a veia que cerque-lhe os pés,  
Suspendida na pedra cortada,  
Qual da foice do íncola negro  
Esquecida na terra queimada,

Inda é bela a gemer aos tufões,  
Rama a rama perdendo a murchar  
Oh! eu sou como a palma sem folhas.  
Solitária nas praias do mar!

*Fortaleza d’Alcântara*

## **XLI**

Noite silenciosa! único abrigo  
Que ficou-me no mundo! nesta praia

Tão solitária me lançaram: triste,  
Indiferente, mudo, nada encontra  
Minha vista por longe — murchas ervas  
E o tronco desfolhado me rodeiam.  
Não sai deste rochedo veia d'água  
Para o vale sem flor; e a onda amarga  
Um choro estéril nos meus pés derrama.  
O cipreste espiral dá-me somente  
Sua mão de túmulo! túmulo piedoso  
E a sombra frouxa, moribunda à frente  
Pendida minha, branca e sem esp'rança:  
E no deserto dela eu sinto errante  
A nuvem da alma... ó musa desgraçada!  
Apagam-se os meus olhos friamente,  
Sem uma onda de luz, sem raio extremo,  
Em fundo ocaso pálido: minha alma  
Nem mais corre de amor, de amor os gritos  
Nem mais a chama do meu peito espertam.  
Minhas asas caíram, como outono  
Vera despindo o meu corpo; folhas mortas  
A crepitar se escoam... tudo era torno  
Nada lenho de mim! dorme o silêncio  
No caminho deserto, e só palpitam  
Meus rastos apagados pelo vento:  
E mugibundo ao longe o mar contando  
Os meus desgostos às sonoras plagas,  
Ao peito meu sonoro d'oco tronco,  
Que o vapor fraco do meu pranto exala,  
Fendido ao coração que se convulsa  
Sem verter uma seiva! Eu sou cadáver  
À mão divina estremecendo — chora! —  
E minha alma começa nos meus olhos  
Desfazer-se e cair, se esvaecendo.

Silenciosa noite! um céu apenas  
Adiante eu vi raiar: mostrou-me a terra  
Dos meus pedaços espalhada, e eu só,  
A dor me contraiu: oh! como é longo  
O caminho que eu vou! — por este monte  
Eu tenho de passar: cada uma pedra  
Que eu ergo, e sinto atrás de mira cair,  
Um passo eu dou — de menos este sol  
Me deixa respirar. Cansado e morto  
Na minha tumba eu já me deito: noite,

Ocultame em tua sombra!... Já branqueia  
Abertas margens do horizonte a aurora:  
Ave de Juno desplumando estreitos  
Nas saias ondulantes, tu mentiste!  
O perfumado mel que dás à abelha,  
Com a mão d'ouro espremendo dos cabelos;  
Tão mimoso sorrir com que te inundas  
E faz poesia aos pássaros e ao vento.  
De que valem p'ra mim? Na terra onde  
Não há vegetação, tua luz de lua  
Que vem fazer? nasci perto da morte,  
O meu nascente escureceu no ocaso.  
— Julguei a noite eterna! e desdenhoso  
O céu mostra-me ainda o dia d'ontem  
Que mata-me de novo em cada dia...  
A noite do infeliz não tem manhã.  
Leito da vida, morte, leito da alma,  
Seca a fonte de mim, que inda esperais?  
Acabei de viver — nem soube o mundo.  
Meu incógnito adeus somente à noite,  
Cora quem lenho vivido, ao monte, às praias!

N'aurora — eu penso no descer da tarde;  
Mal fecha a noite — já procuro o dia:  
Quem me dera esquecer dormindo as horas,  
Consumi-las!... desperto, e vejo o tempo  
Em seu lento cair! pouco avancei  
No querer apressar minha existência:  
O tempo d'asas para mim não voa,  
Falta muito p'ra noite, oh! muito! muito!

Chega trêmulo velho suspirando  
A beira do seu túmulo, com a vista  
O fundo mede, e foge horrorizado:  
Volta ainda, e vacila: ó tempo — olha  
Distante o mundo com saudade e pranto.  
Espanta, se uma brisa fria e leve  
Um pedaço da neve ergueu-lhe à frente  
Que as idades sombreiam, quando um eco  
Vago perto passou, atrás sentindo  
Rumor d'inseto: a morte sai de tudo,  
De toda a parte surde — da florzinha,  
Da corrente que deita-se no vale  
Do ramo que no pé se meneou —

“Como tudo era morte, natureza,  
 “Debaixo dessas fôrmas bem fagueiras  
 “Com que tu me iludias, te escondendo  
 “N’uns vestidos de amor, ledice e vida!  
 “Hoje, porque rompeste as fantasias  
 “Que em outro tempo eu vi te embelezavam?  
 “Ocultavas na flor tantos fantasmas?  
 “Esta a verdade, dura, horrenda, feia,  
 “Que com tanto sorrir preludiaste?...  
 “A bondade de Deus não está nas dores  
 “Que o fim da vida magoado pisam...”  
 E volta-se; e de novo arrepiado  
 Estremece, correr tenta, de balde:  
 Para aonde? — chegaste em toda a parte!  
 Não há partida ao porto do infinito!  
 O mundo todo é sepultura aberta,  
 Lousa silenciosa o céu; da esp’rança  
 Não reverdecem os ramos que murcharam.  
 O pensamento tímido afrouxado  
 Da vista, pelos raios, se irradia.  
 — Que tens, velho? inda queres vida? ainda?...  
 Como és feliz, que tanto vives! e eu,  
 Tão cansado dos meus primeiros dias,  
 Vazia a terra achei, sem ter esperança.  
 Cerro os olhos, e atiro-me contente  
 Na eternidade sossegar — ao Nada!  
 Fica no meu lugar, dá-me a tua noite,  
 Desta manhã teus anos recomeça.  
 — É tempo! sente no cair das horas  
 Quebrar-se o coração, como hei sentido  
 Passando a vida. Aqui deixarás a alma  
 Na saudade do mundo e dos amores,  
 Se primeiro não visses descarnada  
 Serpe co’as faces da mulher sorrindo,  
 Feições exteriores de natura:  
 Bárbara a doce morte antes das dores,  
 Na alegria não salva, ela assassina.  
 — Nem mais o amor, o amigo! horror ao mundo:  
 Nem olhes para trás saindo dele.  
 Manhã por entre as noites da existência  
 A esperança lá está nas mãos de Deus...  
 E Deus está na dor — nossa alma inteira  
 A ele, no sofrer divinizada.

Amor, felicidade é toda a terra,  
O infeliz sou eu: em círc'lo estreito  
Rodeia-me o prazer e a vida; e triste,  
D'uma outra natureza, em mi me fecho —  
Nem digo a minha dor que o homem sinta,  
Os homens não me podem consolar.

**XLII - O CASAL PATERNO**  
(VITÓRIA)

*Eu era o Benjamin querido  
destes lugares...*

Tetos! que o vagido ouviram  
Quando despertou-me o mundo;  
Montes! que abaixei subindo;  
Vales! que descendo ergui;  
Troncos! meus contemporâneos,  
Julguei que estivésseis mortos.

Lua! que correndo eu via  
Ama a segurar meus passos;  
Sol! que meu pai mostrou-me,  
Venho viver convosco.

Sítios da minha infância! então qual concha  
Pelas auras tangida ao mar d'aurora,  
Cândidos anos foram-me, ó infância!  
Ó árvores, que vistes-me em seus ombros  
Aos embalos da voz adormecido,  
Qual vosso fruto balançais ao vento;  
Seguindo-me a crescer, depois ao lado  
Pela mão de meu pai de um passo lento  
A correr e saltar, e me ensinando  
O nome deles e do céu, ó árvores,  
Eu vos saúdo! não desconheçais,  
Cobri-me deste ramo — a calma é forte...  
Hei medo de estar só com estas sombras  
Ó meu casal, ó meu casal amigo!  
Como está repetindo a natureza  
Tudo o que já passou!... fala! que existes.  
Como as flores se erguem diante dela!  
Como crescem suas folhas!... Enganosas

Imagens através às minhas lágrimas:  
Depois que o pranto cai, tudo é tristeza.

Acorda, minha mãe, que tanto dormes  
Lá na pálida campa! vem ouvir-me  
Dilacerado o canto das ruínas,  
Deste assombrado solitário o canto.  
— Tudo é silêncio, solidões é tudo:  
Apenas o eco magoado e lento  
Da minha voz expira no fracasso  
Da folhagem cadente, nos rumores  
De amortecido vento pelas fendas  
Musgosas, e os destroços espalhados  
Da fazenda, que foi, que assola o tempo.

Foi um gozo e brincar a infância minha,  
Foi delícias de amor:  
Meus dias matinais! dias que eu tinha,  
Linfas no pé da flor.

Porém, tão poucos! despontando a vida  
Cerrou-se o meu nascente;  
A noite se despenha denegrada  
Caindo tristemente.

E esses lindos verdores  
Desse belo sol-nascer,  
Penhores por entre o riso,  
Por entre a voz a correr,  
Tudo passou tão de pressa,  
Foi tão de pressa morrer!

Doce nome de mãe, que eu amei tanto  
Dentro do coração!  
Doce nome de mãe que era o meu canto  
Do anoitecer na benção.

E perdeu-se para sempre  
No meu peito a minha vida,  
Como nos céus enublados  
A minha estrela querida:

Assim de tarde aparece  
Ramo d'ouro na espessura



Cercado d'aves cantando:  
Passa o Natal, e não dura.

E como o ledo pau-d'arco  
Só numa tarde sorri,  
Mimosas tão breves flores  
Murchas nos meus pés as vi.

Seus olhos por seu rosto se estendendo,  
Errava a claridade que espalhavam.  
Tão boa minha mãe! tão maternal!...  
Tão má! tão homicida esta saudade!  
— As árvores viúvas se despiram  
Do verdemar esplêndido e frondoso,  
Pelo silêncio místico e sombrio:  
Sentimentos fiéis que estão guardando  
Os túmulos sagrados de seus reis,  
Qual domésticos Velhos mudos vagam  
Pelos salões vazios dos senhores.  
Acompanhar-vos venho; neste pórtico  
Tomo o meu posto, aqui fico encostado:  
Choremos juntos, companheiras minhas;  
Chorai, amigas, soluçai comigo.

Tinha sua frente o repouso  
Da piedade e do amor;  
Bonança divina, eterna  
Formava seu resplendor:  
Essas coroas se romperam,  
Sobre um cadáver penderam.

Beije seus lábios tão frios,  
Beije seus olhos fechados:  
Inda amor seus lábios tinham,  
Inda em pranto desfiados  
Seus olhos eu vi chorando,  
Pelos seus órfãos clamando.

A escravidão toda errante,  
Que sonho inquieto inspirava,  
Por meio da noite andando,  
Noturnamente ululava?  
Mesmo os cedros pareciam  
Que soluçando se erguiam.

As laranjeiras do sítio  
Umam morreram, murcharam;  
A criação fugitiva,  
Os pombais se abandonaram;  
Tudo mudava n'um dia,  
O vale fundo gemia.

O olho d'água secou,  
Perderam o trilho os caminhos,  
Deixaram as folhas os troncos,  
Deixaram as aves os ninhos:  
Tudo num dia mudava,  
O monte longe chorava.

Todas as aves e o gado,  
Tudo o que a viu nestes sítios  
Tudo morreu de saudades,  
Tudo com ela acabou:  
Murcharam flores no prado,  
No monte o cedro murchou.

*Fonte da Vitória*

E eu penetro os anos que passaram,  
Do minha mãe ao lado aqui me assento;  
Ouço tocar a campa ave-maria,  
Do pai religioso o grave acento.  
Como é triste o espetác'lo da tapera!  
No fundo do deserto ondeia o vento.  
— O eco de uma pedra... desmoronam  
Antigos torreões onde eu nasci!  
Um gemido... suspira moribundo  
O confidente velho, esse africano  
Filho da liberdade, escravo aqui.

Esquecera o velho d'África  
O país onde há poesia,  
A longa margem que o Zaire  
Por mês d'inverno floria;  
Esquecera a lua argêntea,  
As luzes do sol do dia,  
Pelo nome dos finados  
Que revive n'agonia.

Nesta orfandade desbotada eu vivo...  
Meu Deus! quero fugir aos vossos reinos.

Nesse tempo eu não sonhava:  
Não viu-me o sol delirar,  
Não viu-me o cume dos astros  
Nos fundos vales do mar.  
Porém, desço dessas nuvens  
E sou na terra a chorar,  
No meio da soledade  
Dos desertos do palmar;  
Sou debaixo das fruteiras  
Renascer vendo o passado:  
Em cima responde a rola  
O meu suspiro cortado:  
De meus pais a Deus eu falo  
Lá no oratório sagrado.  
Imagens mortas povoam  
O mundo do desgraçado.

Minha mãe, pede que eu morra,  
Pede que eu morra, meu pai;  
Pede a Deus descendo às pontas  
Da montanha do Sinai,  
Quando a lei gravou nas tábuas,  
Diz ao profeta “espalhai!”

### **XLIII - FRONDOSOS CEDROS D’OUTRORA**

Frondosos cedros d’outrora,  
Que destes sombra ao meu gado,  
Quando na calma do estio  
Andava errante no prado;

Pequizeiro envelhecido,  
Que lh’estendeste a ramada  
Cheia de trêmula sombra,  
Do tosco fruto envergada;

Meus campos d’antigamente,  
Que longas olas cercavam;  
Bela colina, o penhasco  
Que no ocidente enrouxavam:

Salve! — céus da natureza  
Só viva para chorar —  
Foste agigantada virgem,  
És murcho outono a esfolhar.

Ó dias dos outros tempos!  
Ó dias da minha aurora!  
Como encantado me vistes,  
Frandosos cedros d'outrora!

Brada a noite, e despvoa  
Os negros cumes do céu;  
Os vossos vestidos novos  
Também a noite os rompeu.

Era o sol da minha idade,  
Éramos gêmeos da selva,  
Com ele brincava junto  
Nestas campinas de relva:

Às mesmas horas dormimos,  
As mesmas nos despertaram,  
A mesma fonte banhou-nos,  
E as mesmas aves cantaram.

Eu era gêmeo co'as palmas,  
A crescer nos comparando —  
Ura dia achei-as mais altas,  
Viram-me n'outro as passando.

Belo pássaro que amava  
Bateu as asas, voou:  
Aqui — nos pés destes troncos  
Minha existência findou...

Vitória

#### **XLIV - MEUS NOVE ANOS N'ALDEIA**

*Quem? numa pedra do caminho  
descansando uma hora  
já pelas sombras da vida, não  
volverá em religioso silêncio  
uns olhos vagarosos aos vales*

*da infância? já vão tão longe  
na extensão profunda e obscura,  
e apenas a lembrança  
os amolece ainda de fresquidão  
e de relva, caindo o  
pranto saudável e tão terno  
como esses mesmos nove anos  
d'aldeia!*

Nove anos eu tinha e vivia  
Nos desertos do Pericumã,  
E meu pai ensinava-me a Bíblia  
E os preceitos da igreja cristã;

E meu pai educava minh'alma,  
Minha mãe faz o meu coração  
Cada dia mais amplo, de amores  
Qual de flores o enchendo com a mão.

Como eu era feliz nesse tempo!  
Sem da vida a lembrança de horror,  
Alegrando meus olhos num riso,  
Espontâneos chorados na dor.

Muitas vezes à pedra assentado,  
Quando o sol começava a sumir,  
Meditando confuso no livro,  
Eu perdia com o sol o existir!

Entre as mãos o meu rosto escondido,  
Crendo imagens, que eu via, apagar;  
Minha fronte estalava e batia,  
Turbilhões vindo nela roçar:

Abismavam-me os astros da noite,  
Quando a lua suas fases mudava;  
O prazer da manhã há minh'alma,  
Qual meu pai, não sei que me animava.

E pensando que o mundo só era  
Entre as nossas montanhas d'aldeia,  
Que depois do horizonte só Deus,  
Eu tremia no mar dessa idéia:

Qual sabido de um sonho me olhava,  
Que sentia me o ar comprimir;  
E medroso fugindo das trevas  
Às irmãs que lá brincam me Unir —

Meu semblante inda pálido viam;  
Porém nunca ninguém revelou:  
Tinha medo dizer meu pensar,  
Conhecê-lo inda mais me aterrou!

— Bem amava do velho africano  
Grave o aspeto, nevada sua fronte;  
Longa história lhe ouvi, tão saudosa,  
Como a chuva descendo do monte.

Procurava-o à tarde: assentado  
No batente, rugia na mão  
Loura palma, vedando à palhoça  
Pobre e limpa gentil criação.

Ver o índio, suas penas, sua flecha;  
Dos ciganos o bando esmaltado,  
Fui confuso que Deus outras gentes  
Mais que a nós tanto houvesse criado!

E eu dizia: por tua grandeza  
Não bastaram teus filhos, meu Deus,  
E estes montes e o vale florido  
E as estreitas que pisas nos céus?

Porém, tudo me enova, me alegre:  
Nédia rês conduzindo o vaqueiro,  
Pascentar o rebanho, a chegada  
Quase à noite de um cavaleiro.

— Salvas santas amei de Maria,  
Foi-me noite de festas o sábado,  
Lento o sino dobrando sonoro,  
Repetindo na selva e no prado.

E propínquas vizinhas famílias  
Juntas ledos passavam o serão:  
Exultou-nos a infância de vida,  
Mesmo infância exultou no ancião.

Altas alvas tocavam matinas,  
Quando brilha o domingo no céu;  
Bela, acesa, fumosa a capela  
Era harpejos de um cântico hebreu.

Derramavam-se sobre a montanha  
Longas ondas de um sol tão formoso,  
Como vestias, como harpas etéreas  
Desdobradas pelo ar vaporoso.

Calmo o tempo, o descanso de Deus  
Amplas horas faziam lembrar,  
Muito ao longe uma pomba arrulhando,  
Longe harmônico o galo a cantar:

Tinha o dia mais eco, nas árvores  
Balançava-se o vento mais brando,  
Doce e mesta canção das senzalas  
Minha mãe no seu fuso levando:

Toda a casa mais clara, mais nova;  
Eram os trilhos mais longos, nitentes,  
Que o da lua nascendo angústia,  
Murcha as flores do sol inocentes.

Eu corria nos ralos do ocaso  
Me vestir todo de ouro no campo,  
Inda as filhas da noite me achavam  
Esperando acender pirilampo.

— O inverno pasmávamos juntos  
Reunidos no grande casal,  
No verão nossos pais nos levavam  
Aos retiros, à roça, ao curral.

Nos dissemos a prole da lua  
Recolhidos no seio de um'asa;  
Indo o sol para a tarde, brincamos  
Pelas sombras da beira da casa.

Via o monte, as palmeiras suspensas  
Pelas bordas de um céu todo em cor —  
Belas campas, qual flores de fogo

Nas vermelhas manhãs do equador.

De amoroso estendi-me na relva  
Da campina coberta d'enfeite,  
Ou na tosca fumante ramada  
Dos pastores das vacas de leite;

De amoroso nos pés me deitava  
Da laranja cheirosa e florida,  
Como a cria que a sombra procura,  
Que sozinha encontrou-se perdida:

Esperando cantar filomela  
Que suspira na moita do mato,  
E as palmeiras sonoras erguerem  
Belos órgãos co'a voz do regato.

Perto o vento passava longínquo  
E o pomar de sensível tremia,  
Como a fonte que vai modulada,  
Que entre as huraidas ervas corria.

Tinha areia de prata o olho-d'água,  
Tinha conchas e encantos sem fim,  
Redolentes suas margens, seus peixes  
Vinham mansos em torno de mim.

— Como as rolas do sítio a conhecem  
Que em seus ombros desciam pousar!  
Revoavam seus pombos sobre ela,  
Minha mãe vindo a aurora saudar:

Leda escolta das aves domesticas  
Vai trás dela num coro selvagem;  
E ela fez seu passeio matino,  
Colhe um fruto envergando a ramagem.

O terreiro lhes cobre de grãos,  
Onde fervem qual folhas na serra;  
E depois estendendo suas asas  
Inda estão se lavando na terra:

E levantam-se as rolas aos galhos  
Onde passam nas calmas do dia,



Para dar às irmãs a criar  
Seus filhinhos do ninho eu pedia.

Como pousa na rês, tão coitado  
Perguntou-me gentil bem-te-vi:  
“Onde a vida me levas nos filhos?”  
Um açor eu não sou: respondi.

“Tu quiseras que à mãe te arrancassem?  
“Ver seu pranto que os olhos vertessem?...  
“Só as vozes de mãe adormentam;  
“Outras asas, que a mãe não aquecem.

“Tu me queres tirar do trabalho?  
“Como é doce o trabalho dos filhos!  
“Eu não vejo tua mãe doces frutas  
“Apanhando por dar-te nos trilhos?

“Terei sempre o que dar-lhes nos ares;  
“Quando a mim me faltar, oh, com beijos  
“Minha fome eu irei enganando,  
“Minha sede e os meus outros desejos:

“Molhes vês a garganta batendo  
“Quando os tocas, abrindo o biquinho?  
“Como quando eu chegava no ramo  
“São suas vozes, oh, dá-me o meu ninho!

“Eles choram tremendo de frio,  
“Já tem fome: não queiras trocar  
“Essa cama que eu fiz-lhes das penas  
“Que eu podia do corpo arrancar,

“E estas asas que os cobre da noite,  
“Um calor natural neles dando,  
“E a comida já meia digesta  
“Do meu seio em seus seios passando,

“Elos panos que aqueças no fogo,  
“Ela dura e tão fria comida...  
“Como é grato o viver com sua mãe!  
“Como ó triste o perder-se essa vida!...”

Apertou-se-me o meu coração,

Nunca mais nem um ninho eu tirei:  
Qual da minha estar junto eu amava,  
Vê-los juntos sua mãe eu amei.

E ficou-me um pesar no meu peito...  
Como quando ave triste cantou,  
Como quando suspira a ribeira  
Que a torrente passando deixou.

Toda a parte por onde eu andasse  
Rodeou-me um temor de perdê-la:  
Eu corria abraçar minha mãe,  
Nunca farto de amá-la e revê-la.

Aquela ave falou-me p'ra sempre,  
Todas mais ela só repetiam;  
Eu pedi minha mãe não cantasse,  
Porque mesmo os seus cantos diziam.

Apertava-a sensível, suas faces  
Nos meus beijos de filho amoroso —  
Que entristece-a mil vezes olhando  
Como agouro em meu rosto piedoso...

— Ide hoje à Vitória, e vereis...  
Cai o dia formoso do sol,  
Porém sobre ruínas, vestígios  
Do que foi meu amor no arrebol;

Uma só laranjeira e nem flores,  
O olho-d'água secou! nem as casas...  
Só tu ficas, ó tempo, ó eterno,  
Tudo a nós nos arrancas com as asas!

— Minha vida era toda o presente,  
Foi-me um sonho da noite o passado  
Que se apaga com a luz matutina,  
Meu porvir um só passo apressado:

Minha vida era um vale obscuro,  
Brilho honesto de cândida estrela...  
Onde fostes, meus belos nove anos?  
Onde fostes, aldeia tão bela?...

Ó descanso no colo materno!  
Ó desertos do Pericumã!...  
E meu pai ensinava-me a Bíblia  
E os preceitos da igreja cristã.

*Auteuil*

## XLV

*Dorme cm leito de bonança  
U feliz, na paz da crença:  
Sem sonhos no sono plácido;  
Sonhando, só sonha amor.  
Eu sonho quando não durmo,  
Por viver nesse passado:  
Dormindo, maus pesadelos  
Me sobressaltam de horror.*

Ó tu! que nos relâmpagos dos olhos  
Embalaste minh'alma, vaga incerta  
Caída nos tens pés, n um céu d'amores  
Levada por encanto — e convulsosa,  
E ávida de ti, ampla qual nuvens,  
Me enlouqueceste de uma vida eterna!  
Aonde foste? onde estás? porque morreste,  
Virgem co'as formas da nevada nuvem  
N'alvacenta manhã co'a graça angélica?...

Tu, que beijaste minha face e amante  
Deslizavas por mim, me estremecendo,  
Mimosa e mansa, linda rosa d'ontem,  
Era suspirar só teu, abrindo ao zéfiro;  
Tu, que era teus seios, tão feliz, sentias  
O latejar da minha fronte cálida,  
Meus lábios quentes ofegando amores;  
Que aos meus delírios piedosa andavas  
Teus olhos sobre mim, de apaixonados  
Numa luz pranteada se quebrando;  
Enleando os teus braços indolentes  
Pelos meus ombros... onde foste? — Inda amo!  
Amo-te, eu sinto, de tuas sombras fujo,  
Da vida eu fujo que contigo amei.  
A música celeste, essa poesia  
Que foi minha de harmônicos enlevos,

Quando em teu peito trespordava esta alma  
Em ondas de um pensar tão melancólico  
De tantos ignorados sentimentos,  
Não quero ouvira música, essas harpas  
Que no meu coração notas coavam;  
Não quero o canto nem tremor dos bosques  
Nem voz da fonte nem clarão da lua!

Sonhos tão belos, que no amor se geram,  
No meu passado, como horror trazeis  
Tão de sombria morte a rodear-me,  
Me roçando a passar! eu estremeço:  
Porém não sei correr da minha sorte;  
E porque? como a ovelha ignorante  
Que pasma ao céu, que relampeia e estala  
Como o pestanejar do deus das sombras,  
E sacode a cabeça e nada entende,  
Ou que aos olhos da fera os seus aperta  
E balido inocente apenas solta  
Na morte penetrante: eu sou como ela.  
— Ó vida desgraçada, ó minha vida,  
Quem que te fez assim? quem te vivera  
Se eu não fora? faminta, miserável,  
Fugindo aos homens, só, assim na terra  
A rugir do meu ser à voz que eu sinto  
Lá dentro d'alma remorder-me! os vivos  
Aterrando de mim; persigo os mortos.

Eu careço de amar, viver careço  
Nos montes do Brasil, no Maranhão,  
Dormir aos berros da arenosa praia  
Da ruínosa Alcântara, evocando  
Amor...Pericumã!... morrer... meu Deus!  
Quero fugir d'Europa, nem meus ossos  
Descansar em Paris, não quero, não!  
Oh! porque a vida desprezei dos lares,  
Onde minh'alma sempre forças tinha  
Para elevar-se à natureza e os astros?  
Aqui tenho somente uma janela  
E uma geira de céu, que uma só nuvem  
A seu grado me tira; e o sol me passa  
Ave rápida, ou como o cavaleiro:  
E lá! a terra toda, este sol todo —  
E num céu anilado eu m'envolia,

Como a águia se perde dentro dele.

Ingrato o filho que não ama os berços  
Do seu primeiro sol. Eu se algum dia  
Tiver de descansar a vida errante,  
Caminhos de Paris não me verão:  
A través os meus vales solitários  
Eu irei me assentar, e as brisas tépidas  
Que os meus cabelos pretos perfumavam,  
Dos meus cabelos velhos a asa trêmula  
Embranqueceram: quando eu nascia  
Meu primeiro suspiro elas me deram;  
Meu último suspiro eu lhes darei.

Quando eu for navegando à minha terra,  
A viração mareira no meu rosto,  
Españejando esta alma no oceano,  
Começarei amar! e o sol co'os raios,  
Como braços de amante, as mariposas,  
As inconstantes ondas afagando,  
Amansando-as de amor em rebeldia;  
E a lua formosa, como a rosa  
Quando as pétalas todas desdobrando  
Vai, qual virgem de amor descamisada  
Nevado seio a arregaçar dormindo  
Em seus leitos de azul resvala, ondula;  
E as longínquas montanhas fumarentas  
A balançarem na água; e o nevoeiro  
Desrolando dos céus, difuso ao longa  
No horizonte; e quando sobre as margens  
Enlevado da pátria o meu baixei,  
Ginete inquieto aos conhecidos sítios,  
Eu vir; sob os meus olhos, que uma lágrima  
Partem, partem de alegres as palmeiras,  
Esses rios e serras, esses campos,  
Irmãs, amigos, tudo... então morrer!

Prenhes de raios, de trovões as nuvens  
Arrastam pelos céus pesados elos  
De cadeia inegual, por despertar-me.  
O céu estremeceu: de azul, prescito  
As faces retraiu; negrento fumo  
Correu; a terra densa vestia cai.  
E eu dormia o meu sono de acordado

Quando a dor amortece: olhos desvairados,  
Deslavados das lágrimas, não olham.  
Minha alma errante, de voar nas trevas  
Fecha as cansadas escorridas asas;  
Meu pensar afadiga-me: do mundo  
Fugitivo eu serei... oh, minha sorte!  
Minha mãe pelos céus abandonou-me  
Inda infante, meu pai também morreu;  
Amei doces irmãs, eu não sei delas;  
Companheiros gentis da meninice,  
Da carreira nos prados, se perderam;  
Meigas adolescêntulas celestes,  
Que descer dos mais anos me faziam  
No jardimoso albor andar com elas,  
Fechadas flores, tão cheirosas, foram!  
Perdi tudo o que amei! tudo me foge,  
E nem a morte eu sou — tudo o que eu toco  
Desfaz-se, horror! E o meu céu, meu berço,  
E os anjos do meu sonho, e o meu sol d'ouro,  
Sisudo ancião cora frente de meu pai,  
E os meus amores... Não! quando sonhando  
Auguram-me abandono, e solitário  
Como o Jó piedoso, ainda a vejo  
Gêmea do meu amor, em nós nascido,  
Por nós criado, que ela amou primeiro,  
Que primeiro eu amei, que amemos tanto!  
Vejo-a correndo não sei donde, e doida,  
Seus vestidos no vento desdobrados  
E os úmidos cabelos; braços longos  
Despedaçando o ar, que diante ondeia,  
Por mais solta chegar; incertos gestos  
Na face, nos seus lábios, nos seus olhos  
De choro, de alegria ou de piedade,  
Trememente por ditosa e de tristeza  
Vendo-me como o Jó: dos céus, do mundo  
Exulado e faminto, e sem abrigo  
A ventania, aos vermes! pobre filha,  
Pobre escrava de amor, porque inda o amas?  
Verte consolações, traz salvamento,  
Doces afagos tão de mãe saudosa,  
Doce fresco da tarde me alentando;  
Com seus cabelos a nudez me cobre,  
Moles ondas no mar se desfazendo,  
Se desdobrando, rodeando a praia;

Palma ao sol, sobre mim seu corpo inclina,  
Eu sinto a sombra me passar na frente  
Caindo co' o murmúrio da sua fala,  
Quando eu acordo!... E que me importa o mundo,  
E que me importa o céu que me abandona!  
Unidade o poeta absoluta  
Sem depender dos astros nem da terra,  
Canta por natureza como o pássaro.  
Por natureza as lágrimas espalha,  
Vendo os homens miséria, ele miséria;  
A escorregar co' os mais sobre a desgraça,  
Curte saudades do que vai passando  
Arrastado do tempo, e que ele amara:  
Amor, de que se nutre, e nunca farto,  
Seu alimento devorando, morre!  
— Sofre o homem vivente, ao menos o homem  
Sabe dizer sua dor, que Deus afaga,  
Não sare embora; mas o pobre bardo,  
Ai dele — de gemer suas veias rompe,  
Como ignoto do Ser, vai delirante,  
Vai sem saber de si, do que sentira,  
Que foi tão fundo; que ninguém lhe entende!  
Um fantasma sumiu-se espavorido,  
Belo voando à noitidão do abismo,  
Donde aparece: “passa, eleva o eco  
Da tua voz, ó sombra misteriosa,  
Que nós da crença” dizem “não sabemos  
Teus latidos ouvir, delírios torvos  
Em candentes marasmos revezados.”  
— Secava, se ergue e se balança a onda  
Em seus trêmulos pés sobre o oceano:  
Filho dos mares, filho das estreitos,  
Errante como a onda ao pólo eu sigo.

A sombra da palhoça americana  
Ei-la assentada ao lado de sua mãe  
Aprendendo a tecer n'alva almofada,  
Pobre inocente! Eis-me abandonado  
No meio da Vitória, entre as ruínas,  
Por entre os laranjais sem flor nem folhas,  
Sem raízes nem fruto, semeados  
Por mãos do furacão por sobre a terra!  
Corro abraçar os seios tão fecundos,  
Beijar tão ampla, tão piedosa frente,

Difusos meus afagos derramar-lhe  
No pensamento, que se lança, ondeia  
Expansivo e materno, aos pés de Deus  
Nos olhos de seu filho... os lábios firo  
Na dura casca do longevo tronco  
Do bacurizeiro e a pedra; em vez da boca  
Perfumada da voz celeste e tépida,  
Em vez do colo amorenado e fresco  
De minha mãe de vibrações pacíficas!  
— Me debruçava lá na infância longe,  
Tão fértil, matinal e tão amada...  
Como é árido o pranto que eu espalho!

A erva, o musgo não estavam nela,  
Eu vejo a sala em chão enegrecido  
E liso pelo tempo, alegre e limpa,  
Com seus rústicos moveis d'angelim;  
Atada a branca rede neste canto,  
Rainha minha mãe do trono argênteo  
Repartindo suas ordens brandamente:  
Amiga escravidão contente a escuta,  
Basta mata derriba, os montes queima.  
Da terra quente e úmida do fogo  
Emanam das entranhas os vapores,  
Do lavrador o sacrifício aos céus,  
Inócuo, a cada passo repetido  
No cair de uma enxada, erguer d'um eco,  
A voz saudosa e náutica da escrava  
Acompanhando os cavadores no eito;  
No braço pende a cesta de pindoba  
Co'a semente do outro ano conservada,  
Melhor à plantação; e o vento leve  
Monta e balança as oblações divinas  
Do tronco quê inda fuma e os longos sulcos  
Que o grão sepultam. Já loureia o milho,  
Verdeja o arrozal na baixa, e sobe  
Na ladeira viçosa o algodoeiro,  
Que vermelha maniva a cima entouça:  
Depois, rica a colheita — oh, tão felizes!  
E Deus tudo nos dava, largas eiras,  
Amplios terreiros abundante enchia.

Na lavra a padroeira se festeja  
Com festas, com selváticos cântaros,



Que dera inverno copioso às plantas,  
Para o rio que sai do fundo leito;  
Verão formoso na colheita, aos campos,  
Às pingues pescas e ubertosos bosques.

Em fresca madrugada nós partimos  
Gratos dias passar na doce quinta  
Cora sua vida de um ano ou dois; a lua  
Nos raios da manhã sua luz perdia.  
No seio do caminho se encobrando,  
Gritando por seus pais, que cedo abraçam,  
Vão saltando os crioulos; vão nos mansos,  
Nos esbeltos corcéis branco-mimosos  
Meu pai, minhas irmãs; atrás os servos,  
E os cães ladrando à fugitiva corsa  
Que na volta da lua sai na estrada;  
No meio minha mãe, eu no seu colo,  
No carro cantador, sonoro e lento,  
Por formosa parelha igual tirado,  
Fumante o dorso, sacudindo a frente  
De ramos enfeitada, um lácteo bafo  
Exalando saudável; pelos ares  
Poenta nuvem de marfim desonda  
Do caminho de fita. A voz confusa  
Da leda caravana matinava  
Harmonia selvagem, mas tão bela!

Que risonho país, que novidade  
Sobressaltou minha alma! alto horizonte  
O tujupar domina, se amontoa  
Áurea colheita pelo em torno; as aves  
Cantam no meio do arrozal que ondeia  
Ao vento estivo; serpenteia o rio  
Turvo e plácido, além perdido, além  
Passando à sombra do algodão plumoso  
Que das margens se abraça, entrança os ramos;  
Cortado, além, da estiva que debruço  
Formou naturalmente o pequizeiro;  
E pela riba as verdes cabaceiras  
Era floridos cordões se dependuram:  
Nuvem cobre o terreiro, vagam nuvens  
Matizadas no ar, como folhagem  
Rugidora que o vento cerca e arranca,  
A árvore queimada enverdecendo,

Tristes, pálidas torres que não dobram,  
Inconstante despindo o móbil manto  
Para outra enramar, cobrir de flores  
Com a breve estação desta que esfolha.

Voltávamos, passada uma semana,  
Mui saudosos, da lavra. Nos traziam  
Nossa mãe preta e todos os escravos  
Mil presentes d'infância: a cuia nova  
Tingida e resinosa; o cará roxo;  
Dois ovos de perdiz, da glauca tona;  
A leda, berradeira seriquara  
De pés e olhos vermelhos, verdoengos  
Longo bico e a plumagem; uns filhinhos  
Do como viridante em quentes plumas.

À tarde, quando a lua no horizonte  
Descobria de prata o rosto umentado  
Agitado no mar de um céu d'azul,  
Os cumes do ocidente se extinguindo,  
Como o casal do Éden se assentavam  
Meus pais à fresca porta no batente  
Vendo o nosso folgar: interrompido  
Quando o sino vibrava na capela  
Angelus-ave; renascendo logo.  
Lá chegava o feitor, depunha a foice,  
E a meu pai relatava o dia findo;  
Sobre a queima lhe fala, as chuvas teme:  
"Corre mais abundante no caminho  
"Tortuoso Mapa, banhou das margens  
"A lustrosa cantã, que se ergue olente;  
"Já taiocas se alastram doidamente  
"Ou vão subterrâneas; n'alta mata  
"O acauã cantou, ecos de longe  
"Levaram por mais longe os outros ecos;  
"Acimam-se nos céus os sete-estrelas,  
"Acentrada num forno a lua pende —  
"Outros sinais eu vi — todos os astros  
"São maiores mais luzem; são mais fundos  
"Os campos, perto os matos d'outra banda,  
"E mais amplo o horizonte; à madrugada  
"Gritavam gansos para o sul passando;  
"Comprido bando eu vi passar à tarde  
"Da colhereira rósea; o sol no poente

“Vermelho: tudo as chuvas anuncia.”

Nos braços maternos que me embalavam,  
Em ondas de alegria derramando  
O cansaço infantil, eu me atirei  
Um dia e, de prazer, preso em soluços.  
Já mudo e descansado olhando os outros  
No tecume em que andavam, despedir-me,  
Por entre eles perder-me, ia pensando:  
No lançar-me, senti na minha fronte  
Cair gotas de pranto, eu estremeço...  
Minha mãe me apertava, e como alegre  
Foi dizendo: “Hoje brincas, no meu colo,  
“Qual na pátria, depois da vida errante,  
“Hoje vens descansar... oculta sorte  
“Quantas vezes não muda os seios almos,  
“Delícias da mãe terna e o doce filho,  
“Por um leito de pedra! estes rosais,  
“Tanto céu, tanto amor, por tantas dores,  
“Longo penar, morrer! oh, Deus te salve  
“Dos frios dentes d’assassina sorte...”  
Nada pude entender; mas, comoveu-me  
A voz dorida lhe escutar, tão triste!  
E assim como a progne implume ainda  
Se encolhendo treme sob as asas  
Estendidas da mãe, quando na torre  
Quebrou a tempestade, eu a seu lado  
Ignaro emudeci também chorando.  
— Induziu-me a voltar aos meus brinquedos,  
Enquanto era feliz, Enquanto infante.  
Nunca mais ser contente eu não sabia:  
Minha mãe nunca mais contente olhou-me  
Com sua vista de esp’rança: um que piedoso  
E de tristeza estava em seu semblante  
Olhando para mim, tão carinhosa!  
Comecei a passar todos meus dias  
Junto dela, onde quer que ela estivesse,  
Ou na rede da sala, ou passeando  
Por entre a laranjeira, ou nos pombais;  
Dormia no seu leito, a voz lhe ouvindo —  
Tremendo adormecer! — e quando n’alva  
Cantava o galo, eu despertava, a via,  
E como triunfante e prazenteiro  
Dessa noite salvar, beijei-lhe a fronte!

Não podia perdê-la um só momento,  
Temia não sei que, porque nem sei...

E morreu minha mãe, perdi meu pai,  
A Vitória, os escravos acabaram!...  
Sou órfã, sou perdida andorinha  
Arrancada do ninho pelo vento,  
Não sei por onde eu vou... murchando a vida  
Nesta minha invernosa primavera.

Assim, meu Deus, no mundo os justos passam,  
Sem ruído — vai sombra solitária  
Que refletiste uma hora. Ah! se eu pudesse  
Voltaram meu país ah, se eu pudesse!  
Passando, resgatar à liberdade  
Esses vendidos, miserandos velhos  
Da Vitória felizes! pobres crias  
De minha mãe, por hi morrendo, céus!  
Dar-lhes a respirar no fim da vida  
Os ares do palmar onde nasceram:  
E pasmados d'encanto ao ninho amado.  
Qual aves da saudade erguendo o coto  
Para o colo esconder fechando os olhos.  
Então morrerem... mas, ouvindo ainda  
O som dos bosques, o gemer da rola,  
E o lago berrador por muda noite  
Harmoniosa, e as aves da alvorada,  
E o suspiro exalarem no seu canto!

Ainda a solidão nos conhecera,  
O deserto ecoara, e sob os pés  
Sentíramos a terra estremecer!  
A campa quando mãos de amor a tocam,  
Escorrendo uma voz quebrada, um pranto.  
Nossa casa ergueríamos da noite  
Dessas mesmas ruínas do casal,  
Entre elas; serviria a mesma porta,  
Os esteios os mesmos, o batente,  
Esses mesmos terrões desmoronados  
Novas paredes levantarão; tudo  
Nos falara o passado... tudo lágrimas!  
É fagueiro chorar por muitos olhos,  
Por muitos corações, por muitos lábios  
O mesmo choro, o sentimento e amores

Dos tempos que já foram! — Se eu pudesse  
Meus amigos vendidos libertar!  
Ainda ver passando a colhereira,  
O ganso à madrugada, os meus palmares  
E a rola da Vitória e as aves todas!...  
E mudo a minha dor come a minha alma  
Nos anos verdes, como verde fruto  
Mastigado com força nos vorazes,  
Nos rijos dentes a estralar quebrando  
Da homicida, fatal, da minha sorte:  
Porém, não perca o fio da existência,  
Deus no meu peito, amor nos olhos ambos,  
Longe do mundo, o rústico alaúde  
Na destra sonora — hei de vencê-la!

Sou como a cria desmamada e triste,  
Que uma gota de leite mendigando  
Bale em torno de todas as ovelhas:  
Abanam-lhe a cabeça: eu não sou filho.  
Andorinha dos mares, sobre as ondas  
Perdida, as asas de cansada arrasta;  
Passa a frota alvejando qual cidade,  
Voa aos mastros de um, d'outro navio,  
Os marinheiros gritam, e ela volta  
De tímida outro bordo, e deste aquele:  
Ai de ti coitadinha, fecha as asas,  
Solta um gemido e lança-te da vida,  
Vai na morte pousar; cai desse cume  
Dos teus dias bem lúgubres n'aurora!  
Ah, se eu tivesse mãe! então... ah! sim,  
Nem como ave do mar, nem como a ovelha:  
A seus lados feliz, bem junto dela,  
Meus braços enlaçando-lhe o pescoço,  
Bebendo os olhos seus, seus doces lábios,  
Sua respiração branda, amorosa,  
Que alentou minha infância e fora eterna;  
Vivendo nela só, toda minha alma  
Derramando sobre ela, ao mundo, ao tempo  
Mostrara o meu amor! — Ó vós, que a tendes,  
Amai a vossa mãe, amai-a sempre,  
Amai ainda — quanto amei, quanto amo  
Minha mãe... minha mãe!... tu, divindade,  
Meu sol da infância que me davas tudo  
Senti meu pranto como triste corre;

Vede meus dias solitários, áridos,  
Fruto que não vingou: tão cedo, a selva  
Morreu, caio: à calma exposto, o sueco  
Se perdeu, e mirrou não tenho mãe.

Com o são lentos, longos, e pesados  
Os dias deste mundo! como custa  
Arrastar este arado da existência,  
Rompendo a leiva pedregosa e seca  
Que não dá uma flor! Tu me abandonas,  
Deus, na terra ingrata? — eu vou seguir-te,  
Se depois deste mundo asas me derdes...

#### XLVI

*Tua voz na infância adormeceu no berço  
Meu dormir de flor;  
E de saudade e amor,  
Ó mãe, é sobre um túmulo que eu canto.*

Sombria morte me acompanha, eu sinto  
Seu faminto alentar: cada um meu passo  
Abre um sepulcro, e me desaparece.  
A luz me aterra, desconheço o dia,  
Noite que treme apresentar-se ao sol  
Antes da vida eu morro. Olhava apenas  
Essa terra de vastos horizontes...  
Meus olhos cambaleiam pelas faces,  
Como o ocaso despede-se dos píncaros.  
Nascem ecos distante... um só minuto,  
Ó ecos, esperai-me — eu vou cair!

Não me vês, minha mãe, neste deserto?  
Sem pátria, como a nuvem desgarrada  
Resvalando por céus de noite pálida:  
Sem parar numa terra d'existência —  
Corrente cristalina por amores,  
Por amores a cúpula palmosa,  
Sombria e mui sonora, do folheto  
Seus aromas com os cânticos das aves  
Sobre mim derramando em casto leito  
De vai cheiroso, do penhasco ao seio  
Descansada a cabeça, e o junco e as flores

Do pá ramo por virgens do meu peito,  
E por meu teto o céu; cândida lua  
No meio da cerúlea cabeleira  
Exalando o seu rosto de donzela,  
Claro manto de sedas perfumadas  
Cobrindo-me da noite, árida esta alma  
M'embevecendo d'orvalhoso eflúvio;  
Dormindo o sono plácido da crença,  
Afagar-te em meus sonhos de ventura,  
Ver-me infante em teus braços, em tua fronte  
Juncar, juncar meus beijos... minha mãe!  
Não me vês, doce mãe, neste deserto?

E o jardineiro sol da madrugada  
Banhando as flores de perfume e tintas,  
Ou quando da palmeira aos pés arroja  
A meneante imagem, no ocidente  
Carminizando o mar, e a natureza  
Entre as místicas sombras de uma tarde,  
Quanto eu amara! que esta vida encherá  
De todo este universo, minha mãe!

Não tenho um só amigo, sou tão pobre...  
Que eu vejo um mundo... ninguém sabe ao menos:  
Extintos olhos e uma térrea fronte  
Não vão c'ó ledo romanesco em galas.  
Oh, quem pudesse penetrar-lhe o exílio,  
Sondar seus mares d'ilusões e abismo,  
E os mistérios erguer n alma do bardo —  
Sombria diante o sol, por entre as luzes,  
Para os dias da noite solitária!  
Sem gemer uma dor, chora-as consigo,  
Ao mundo que sorri, sorriso empresta;  
Na paz da solidão rasga sua alma;  
Lucubrações à hora evosa e tácita,  
E umas gotas de lágrima espontânea  
Sobre essas flores de tristeza e insônia.  
Meu corpo à terra abandonei misérrimo:  
De saudades, de amor, sonhos, esp'ranças,  
De ti, de um Deus alimentei meu peito —  
E para o mundo, minha mãe, tão pobre!...

Errante pelas ondas do oceano,  
O som das vagas temperou-me a lira,

Ecos delas seus ecos repetiram.  
    Solitário dos homens, forasteiro,  
    Na soledade do ideal ouvi-as  
    Simpáticas, soluços me ensinando  
    Arrancar ao coração; com elas  
    Errei a mente n'ampidão calada;  
    Gemi com elas na canção do nauta,  
    Realçando na proa sonora  
    Em silêncio a desoras; pelo bojo  
Rompendo as trancas, quando a lua enflora,  
    Quando a lua umedece, bela em mares,  
    Bela no céu azul, no cavo pano.  
    Suspenso ebúrneo pelas vergas longas;  
    Chorei com elas na extensão profunda  
    Povoada do éter anilado,  
    Quando da noite a balançar-se ao colo  
    Sem bosque ave sentida ia piando;  
    Ensinaram-me a voz rude e selvagem  
    Arando o vendaval rouco e ruinoso;  
    Em calma eu vi-as açoitando as rochas  
De Marrocos, d'Espanha, ou docemente  
    As velas balouçando, e, qual mulheres  
    D'ardentia vestidas, debruçadas  
    Pelo Mediterrâneo, o pensamento  
    A descantar perdidas, suspirando;  
    E quando à matinada saltam peixes,  
    Rubente caravela esmalta à tona,  
    E de mansas e languidas dormiam  
Desfalecidos ventos nos seus braços.  
    E no vago ondular da vida alheia  
Não busco a natureza, amo-a: nos homens  
    Encontrar meus irmãos... ah! minha mãe,  
Ao meu amor só tu. Foste: — a tua sombra,  
Alma, ou o que houvesse de imortal em ti,  
    Ficou-me triste musa do crepúsculo;  
    Da saudade uma lira encordoei  
No meu pranto por ti, no amor a Deus.  
    — Balbo, flébil infante ao desamparo,  
    Senti necessidade: eu quis vibrá-la  
Por meu consolo; e tímido, aos meus olhos  
    Envolveu-me pudor, fugia crê-la;  
    Rubesce a musa, inocentinha virgem  
Meiga nota de amor passar sentindo.  
    E eu cresci na crença de meu pai.



Meu pai também morreu, ergui-lhe as cordas  
Da lira que me deste, em noite escura  
Ao mundo esquivo às sombras do sepulcro.

Em pálida orfandade eu fui qual folha  
Nas asas dos tufões ludibriada:  
Da selva me arrancaram tenra e murcha,  
Quando o sol rodeava-me num berço  
De flores e favônios, quando as aves  
No trino virginal d'argêntea infância...  
Que amanhecer, ó mãe, quanto era horror!  
Colocado me achei num horizonte  
Onde o fogo queimara a terra, as flores,  
Tanto sorriso pradinal no monte,  
No vale a pragana aureando ao sol!  
A terra estava negra, rebuçada  
Em camadas de cinza; além, além  
Crepe alvacentos levantando apenas —  
E o céu nem soube dar-me um fresco orvalho!  
Chorei! perdidas lágrimas de órfão.  
Pedi consolações! porém, à terra.  
E os meus gemidos as soidões comeram;  
Meu pranto aquece resfriada cinza;  
E ninguém me entendeu. Divago ignoto.

Leviano baixei das águas todas,  
Vergôntea exile do frescor movida,  
Amei, oh, quanto amei! anjos da infância,  
Que os meus anos d'aurora matizaram!  
Eram ondas saltando, s'infiltravam,  
Como em praia, em meu peito sonoro;  
E como ondas de vida os meus suspiros  
Piedosos caindo, me escutaram:  
Doces cantos teci de amor travessos,  
Desalentada mansidão da serpe.  
Um rápido sorriso à flor dos lábios  
Nasceu, tingiu de amor, passou, morreu.  
Suavíssima aragem desprendendo  
Amena rosa de recentes cores,  
Fagueira linfa vinculando a concha,  
E nem mais divaguei... morreste?... virgem!  
Anjo coitado, que tremeu de amar-me,  
Arder as asas na silvestre chama  
Do meu amor; alâmpada sagrada,

Luz delirante me sentir nos seios  
D'óleos divinos suspirar, morrer.

Longos, pranteados embalava os olhos,  
Que a face afrescam de uma luz infante,  
Ao céu de azul asserenado, manso,  
Ideal d'harmonias respirando,  
Como a rosa em seus bafos se difunde;  
E nos fracassos desse peito alheio  
Anjos, nuvens divinas se exalavam:  
"Virgem de vaporosas criações,  
"Dá-me um beijo por asas, dá com elas  
"Que eu suba à salvação, ó casta! ó noiva!  
"Tu, que alvoreces entre o coro e as harpas  
"Da natureza, que as montanhas vibram  
"Por estes vales onde o vento dorme;  
"Tu, que te inclinas à espaçosa sombra  
"Da tarde, como a tépida lembrança,  
"E o saudoso passado, dá-me um beijo!  
"Enche meu coração dos teus mistérios!"  
— E ela não falou: confusa e bela,  
Deixou nos olhos melindroso assomo.  
— E ela não falou: meus olhos baixos  
Lampejaram-lhe aos pés, doce mendigo  
Dobrado ante os altares da esperança.  
Suaves línguas de mimosa flama  
Sentia-se a sair no puro alento  
Da aromosa boca: arbena alpina  
Que na calma foi do ávido assaltada,  
Em cansaço e medrosa um ar faminta.  
Vaguei por sobre as pálidas ruínas,  
Á rota sombra do espinheiro agreste:  
Nem mais ouvi a rola solitária,  
Lamentoso acauã deu-me o seu canto  
Nas horas do silêncio taciturno,  
E outras aves do sol desconcertadas  
Solenizaram o amanhecer e a tarde.  
Percorri as campinas lá da infância,  
Não encontrei-as, de mudadas que eram;  
Regou meu pranto os cardos do alpestrio  
Crescidos no álveo do olho-d'água. As flores  
Que plantavas no pátio, o pé ramoso  
Do bugari morreu, nem mato as cobre!  
A capela das salvas Oh! quem pôde

O casal da Vitória interdizer-me?  
Já vacila o esteio, alta parede  
Era seus pés se amontoa, abate o tecto;  
Em sentido assobio lá se envolta  
Amarela jibóia, ao lado geme  
A coruja d'agouro, das ruínas  
Presidindo o cair, noturno esvoaça  
O morcego e pende, rumoreia o vento.

E o teu casal me foi negado um dia  
Pela terra tão má! pecoreando  
Ao relento passei noite sem fim,  
No meio das soidões do meu passado,  
Em pedras estendido. Quantas dores  
Abafavam-me as sombras! meus gemidos  
Apenas iam se perder no vale.  
De lassidão sonhava, adormecia:  
Eu era o teu sepulcro misterioso,  
Na minh'alma encerrei teu pensamento,  
Meu peito a lousa do epitáfio: em mim  
Visões senti que os túmulos rodeiam  
Roçarem fugitivas como o vento  
Por muda folha; imagens dolorosas  
Me acenavam de longe, revoavam,  
Caíam como! do ar, feridas pombas  
Quando cegas do sol vão contra os muros,  
Em saudade convulsas me abraçando;  
De tão chorosas me acordaram Eu só!  
Nas ondas do suor, espectro errante,  
Descabelado e pálido entre as árvores —  
Despovoado céu! Ó mãe, ó mãe!

Meu Deus! porque mataste minha mãe?  
Porque mudaste as flores destes sítios?  
Porque murchaste todas estas árvores?  
Como tantas ruínas se amontoam!  
A verdura risonha do outro tempo  
Desfalece do prado, e triste as aves  
Levantam-se às colinas do horizonte  
Enegrecidas, áridas. Quem dera  
Vivesses inda aqui! doce velhice,  
Apoiada em meus ombros, titubantes  
Nossos passos, feliz te conduzira  
Nas margens odorantes de tua fonte

(Seca e perdida em carrascais sem flor),  
Te dando água na mão, que tanto amavas  
Na folha da cantã, e à tua vista  
Sorrindo as linfas gárrulas passaram;  
A tarde, vagarosa, em doce prática,  
No teu passeio a respirar no monte  
Do bosque perfumado brasileiro  
Ar tépido e saudável: sobre a pedra  
Da ladeira, encostada-a mim, por longe  
Vagando os olhos d'afrouxada vista  
Como esses cantos vesperais desmaiam,  
Numa história sem fim, mas agradável,  
Branda fita de mel, por entre as frases.  
O nome do teu filho acentuando;  
E depois, quando a sombra já caísse  
Dos laranjais perante os astros todos,  
Pelos trívios à morta claridade  
Virmos trazidos para o teto amado,  
Onde já passam as primeiras luzes;  
Descansando no toro de pau-d'arco,  
Tu falarás então, porém sem lágrimas:  
"Aqui tuas irmãs contigo juntas  
"Há vinte anos brincavam; lá, teu pai  
"Esse pé de loureiro que inda cresce  
"Plantou quando nasceste, esperançoso  
"No teu futuro — a idade dele é a tua."  
E no terreiro se ajuntando os pretos,  
Começam-se acender os fogos rústicos.  
Nem mais o canto das senzalas ouço...  
Oh, quantas cousas tem mudado o tempo!  
Ó Deus, porque mataste rainha mãe?

Curvei-me à rama do palmar atlante,  
No esto de uma quadra da existência,  
Perto à sorte minguada ouvindo a morte...  
Mas, foi sonho. Açoitado do destino  
Perdi as margens que eu amava, ingratas!  
Minha dor comprimi, pranto de sangue  
Por dormi-la chorei! chorei saudades,  
Do peito a fronte a levantar gravosa  
Vergada ao pensamento, fundos olhos  
Tremulando no vulto do gigante  
Rebuçado em seu manto de penhascos,  
Entre os céus a cabeça, lh'entoucando

Silencioso nevoeiro a grenha;  
Falecendo no azul das serranias  
Dos Órgãos endentados — qual n'areia  
Do líbico deserto, o sol aceso,  
S'embalançam palmeiras no espelhoso,  
Encantadas cidades, ilha ou selva,  
Onde eleva-se muda a caravana —  
No remanso das águas desenhadas  
Melífluas do Janeiro. Oh, meus encantos!  
Mãe despiedada que seu filho enjeita,  
A pátria me negaram... Posto às chuvas,  
Senti murchar meus anos inda abrindo;  
Minha vida pendeu extenuada  
De suspiros e dores; esta seiva  
Da minha alma s'evapora, esvai-se;  
Pela aérea raiz repousa o outono,  
E os turbilhões ardentes a laceram.

Eu vou subindo o rio da existência  
Contra as correntes em penosa balsa:  
Estendo a vista pelo esteiro, busco  
Deter co'as mãos as ondas, que me fogem!  
Grito, que se não perca o meu passado —  
E perde-se com o eco... e pelas margens  
Apenas uma luz se extingue, um monte  
Empalidece e seca, as minhas torres  
Desfazem-se em ruínas, um cipreste  
Lá no fim do horizonte o corpo estende!...  
E volto-me ao caminho para adiante:  
O tempo se aproxima, e passa: e digo,  
O futuro lá jaz atrás da nuvem —  
Porém branqueia a nuvem... peço ainda  
À noite, que me espere Enquanto há dia —  
O sol desaparece, e tudo é noite!  
— Está minh'alma se escorrendo em chagas  
Tão vivas, de sanguíneos meteoros  
Nela cheia de noite, ou como os raios  
Na sua tempestade serpenteiam!

Eu via o tempo secundar-me às pressas:  
"Corre! corre! que eu passo." Eu corri tanto,  
Que a vida toda numa aurora andei  
Até aos pedestais desta muralha!  
Ainda as verdes púrpuras me cercam,

E esta desgraça que eu radeio as cresta.  
Não posso mais seguir: num desalento,  
Eu caio, e de fadiga mal me arrasto  
À beira de uma sombra, sobre o marco  
A fronte deleixar em descabelos  
Indiferente pela terra o corpo:  
Meus olhos apagados, pelo vale  
Embalde se demoram nos meus rastos,  
Que palpitam, que somem-se e os aturvam.  
O sol vacila a contemplar-me, e pára!  
Volto-lhe as costas, meu desprezo ao sol,  
Que não é mais a mim como da noiva  
O banho perfumado do noivado;  
Porém onda que o lívido cadáver  
Umedece insensível. O abandono  
É meu leito da morte: expiro, acabo,  
Sem terno pranto, sem amigos braços:  
Vejo um inverno a desfolhar-me apenas,  
E púrpuras crestadas; vozes mortas  
Sinto apenas vibradas na montanha.

Que leito belo, e preguiçoso, e morno!  
Neste enjôo da vida ao menos diga:  
Eternidade de dor bebeu minha alma,  
Por ela fui nutrido, e me sepulta;  
Só aqui não achei mentira o mundo.  
— É rochedo meu peito à flor estranho:  
E do prazer nas gélidas cavernas  
Somente encova horror, linfas amargas!  
Criação desgraçada — nasce o bardo  
Para sofrer, e maldizer os céus.

Ensopada nos bálsamos do gozo,  
Dos amores, da vida a infância minha  
Foi uma hora, e passou, tão leda e bela!  
Meu corpo da doença corrompido  
Mistura-se co'a terra; anoitecido,  
A noite empresta-me as sombrias fôrmas:  
E nem espero amanhecer mais nunca...  
Morrer! tão cedo, no quartel primeiro,  
O sol no monte a palpitar d'esp'ranças  
Num vidroso fulgor... Oh, Senhor Deus!  
Os dias eu não choro para o mundo,  
Não carecem de mim gozos, prazeres:

Donzela vacilante minha pátria,  
Nova e rica d'encantos, e tão pobre,  
Tão órfã como eu sou de pais e amores,  
De todo o peito meu quisera amá-la,  
Abrir com ela no subir dos anos  
Que não sabem murchar celestes flores —  
Misérrimo sonhar! vão-se os meus dias  
Na corrente indomável tropelados  
Dos pendores da sorte ao fundo abismo.  
Porque, Deus, me criaste? em minha aurora  
Sou vítima — o que fiz? — Corre, homem louco!  
Ave magra e sem ninho vai cantando,  
De morta a descansar de vôo em vôo,  
Conforme a terra ataviada, mia,  
D'um céu alpestre, ou desatando encantos.

Doloroso cipresteda minha alma  
Ondeia no meu rosto a sombra errante  
Dos ramos denegridos, anuncia  
Como os embalos de noturno sino  
O enterro que passa, a minha morte —  
Minha morte amanhã... talvez inda hoje.  
Choram ver-me exalar a vida d'ontem  
No berço adolescente; eu sinto o pranto  
Do fundo peito, que só meu julgava,  
N'olhos estranhos, a doer na fronte  
Dos que me cercam, repetindo mudos:  
"Morrer tão cedo!" Como é belo, vede,  
A morte do poeta nesta idade!  
Mimoso cisne pelo céu de um lago  
Desplumando suas alvas sem ter mancha  
Como as virgens gemeu, gemeu | gemeu!  
Nem sabe s'inda à terra um corpo fica,  
Se fica a terra, as flores e as campinas;  
Sem para cima os olhos d'esperança,  
Mudo e candidamente está sorrindo —  
Expirando e sorrindo. — Mas, a pátria?  
S'enlevando inexperta pousalouza  
No sorriso falaz, da humana serpe,  
Ora, com sede, seduzindo a cega;  
Logo depois, escarnecendo a néscia  
Desflorada: "só farta os vis desejos,  
Tão vazia de amor divino!" Ó pátria!  
Senhor, salva-a! Senhor! Eu morra, embora.

— Do descobrimento não morreram os déspotas,  
 Não, que o cândido povo, o povo infante  
 Não cessou de gemer. — Ah! contra o débil  
 O forte não triunfa: ele envilece.  
 Tem a alma no peito espaço igual  
 Do mesquinho senhor, do escravo fraco.  
 Cobardia é pisar o choro humilde,  
 Cobardia é chorar nos pés tiranos:  
 A sorte comutada, eles semelham.  
 Não tem sorte o magnânimo, tão alto  
 Está no trono ou no servil grabato.  
 — Rapina simulada, a fronte é clara  
 Perante o dia, no favor das sombras  
 Desusando ao través, t'insulta, e passa:  
 Com ar d'escravidão te distraíste!  
 — Tão indolente, quem te dá piedade  
 Vendo os teus campos se esterilizarem?  
 O Deus, o próprio Deus, se ofende e vinga:  
 Peste, desolação, miséria, seca,  
 Gritos de cativo e maldições,  
 O horror que fazes, só nas mãos te estende!  
 — Desprezível te olharam, em torpe estagno  
 A rressonar, em gurgitada em gula  
 De tão pesada tradição retrógrada:  
 Olharam-te vistosa, como a Limace  
 Arrastando na concha o fátuo egoísmo  
 Debruçar-se mui lenta sobre as praias  
 De um vasto mar, em camas de ouro — de ouro  
 Se alimentando ali do limo e d'ervas  
 Que as ondas trazem das opostas margens,  
 Das margens todas que não sejam suas,  
 Move a cabeça apenas, e um dos cornos,  
 Aonde os olhos se arredondam, fura  
 As cápreas zonas, e no Prata o molha;  
 O outro, ao norte pelas nuvens dentro,  
 Acende no equador por entre os signos,  
 E nas águas seus arcos esverdeia  
 Do primo-nato filho dos oceanos!  
 E o corpo se perdeu quase nos Andes,  
 E além dos Andes, lhe abraçando as plantas,  
 Com voz dos séc'los que o futuro abalam,  
 Responde o grande mar ao mar Atlântico!



— Ergue-te! move-te! sê senhora, impera,  
Estende as asas, voa ao sol candente,  
Campeia sobranceira pelas nuvens,  
Imagem do condor das serranias!  
Arma a justiça no amazônio braço,  
Ergue os teus filhos que te erguer sonharam;  
Curva os teus filhos quando ingratos foram;  
Lava tua fronte que os estranhos cospem,  
Saliva ínvada, mas desprezo há nela!  
— A onde é viva a riqueza o homem corre,  
Todos amam viver, a pátria encontram:  
Em seu jazer dormente, não amigos,  
Exauri-la só vem, como bandidos  
Qu'imbele vítima inda insultam quando  
Em seus congressos da montanha bailam.  
— Oh, desperta! dormindo em pleno dia...  
O bruto pesadelo da política  
Não dá sonhos — afoga e cansa e mata —  
Pisando nos seus pés a Liberdade...  
E a Liberdade nos teus seios geme!  
Por amor de si mesma. A nuvem presa  
Desespera e se arroja na tormenta:  
Após os seus destroços miserandos  
A bonança virá, porém, tão tarde!...  
Se briosa, prepara à natureza  
Templos à eterna luz: — na superfície  
Vem rolando do globo: ei-la bem perto,  
Saúda nossas plagas os primeiros  
Clarões e o crepitar! Vejo o Oriente  
Cinza vasta, por onde ela passara,  
De um fumo branco se perdendo e leve.  
Abarbarando vão-se os que ela deixa,  
O tempo embora lhe não lave os traços,  
E o bárbaro Ocidente ora resplende.  
As ondas transporá: que já se espelha  
Nas Colômbias dos Andes e dos mares;  
E a sombra então, que nos envolve ainda,  
Irá longe de nós, e a cauda fria  
Estenderá no céu que nos eclipsa —  
O dia aqui'stará — Foi lei do Sol.

## ÚLTIMA PÁGINA

Se eu escrevesse um prólogo, seria tão somente pedindo ao público me desculpasse de lhe haver oferecido os meus concertos — frios, tão mal entoados e rústicos. A dor, os sofrimentos, a saudade foram o anjo desgraçado dessas inspirações como o grito fatal das aves da noite. Eu nunca os pretendi publicar — os restos disputados aos vermes e ao tempo seriam roto cipreste ao meu túmulo — que, se um dia o pensasse, certamente não os teria escrito, nunca eu seria poeta, ainda só pelos escrever. Eu os cantava descuidado, sem dar-lhes nome os perdia — quando o peito mais leve como que adormeceu. Porém, a sorte falou mais perto... e hoje os procuro para dá-los. Estremeço às fráguas por onde eles tem de rolar, e tenho remorsos de haver dado cousa tão má. Eu nunca os pretendi publicar: foi a sorte que falou de mais perto: perdoai. Safara e inculta, aos auspícios da Infortuna pálida, a terra só produziu flores venenosas: não as respireis; passai longe do vale — eis o caminho. Toda via, eu amo naturalmente esta vida errante, sem lei nem futuro: inseto em arribação contínua, tuas asas cortaram, cairás em teus primeiros zumbidos. Á sombra do teu nome, doce irmã, bela e feliz Maria-José, eu teria abrigado os meus primeiros ensaios; porém, não encontrei neles um reflexo divino da poesia de que só mereces de ser rodeada, e encolhi o meu desejo. É a sorte que me anda iludindo, eu não morrerei ainda.

Eu vejo um firmamento de vasto azul, um astro se levanta no meio. Tudo desmaia em torno de mim: é que nada era estável; e tu, única realidade que eu vejo, eu vivo, tu existirás!

Abstenho-me de ajuntar a este volume, por já tão longo e de certo fatigante, notas sobre lugares, costumes e nomes naturais, que por falta de indagações científicas possam ainda ser desconhecidos.

*Rio de Janeiro, 1857*  
**JOAQUIM DE SOUZA-ANDRADE**

## O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes  
São Paulo, 2014